



ACADEMIA MILITAR

**Estudo estatístico sobre a mobilização de unidades da Arma
de Infantaria durante a Guerra de África (1961-1974)**

Autor: Aspirante Inf José Luís Pires Ferreira

Orientador: Tenente-Coronel Artilharia (Doutor) Pedro Marquês de Sousa

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho 2015



ACADEMIA MILITAR

Estudo estatístico sobre a mobilização de unidades da Arma de Infantaria durante a Guerra de África (1961-1974)

Autor: Aspirante Inf José Luís Pires Ferreira

Orientador: Tenente-Coronel Artilharia (Doutor) Pedro Marquês de Sousa

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho 2015

Dedicatória

À minha família e amigos por todo o apoio prestado durante a frequência do curso da Academia Militar, bem como a todos os militares que combateram na Guerra Província Ultramarinal, em especial ao meu pai.

Agradecimentos

Durante a realização deste Trabalho de Investigação Aplicada, que tem como objetivo a obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, muitas foram as pessoas que contribuíram para a sua elaboração, pelo que todas sem exceção merecem o meu agradecimento.

Começo por agradecer ao Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Alexandre Marcelino Marquês de Sousa, meu orientador, por toda a disponibilidade, celeridade e dedicação demonstrada durante a elaboração deste trabalho. Revelou-se um pilar essencial nesta investigação, dando-me motivação e ânimo para a sua conclusão.

Ao Arquivo Histórico Militar, pela disponibilidade e prontidão com que os seus funcionários se disponibilizaram a facultar importantes elementos bibliográficos para o presente trabalho.

A todos os ex-combatentes que com as suas intervenções em blogs e revistas clarificaram a atuação das forças portuguesas na Guerra do Ultramar.

Ao meu pai, que serviu em Moçambique no período de 1969 a 1972, à minha mãe e à minha irmã, pretendo prestar-lhes uma homenagem por toda a sua dedicação e apoio que me têm dado ao longo da minha vida, bem como para a realização deste trabalho.

À Senhora Paula Franco, pelo seu prestável auxílio na pesquisa bibliográfica.

Por fim, agradeço a todos cujo nome aqui não se encontra referenciado, mas que, contribuíram de uma forma direta ou indireta para a elaboração do mesmo.

Resumo

O presente trabalho de Investigação Aplicada está subordinado ao tema “Estudo estatístico sobre a mobilização de unidades da Arma de Infantaria durante a Guerra de África (1961 – 1974)”. Através desta investigação pretende-se caracterizar a tipologia das unidades mobilizadas pela Arma de Infantaria, com base no recrutamento e mobilização feito em Portugal continental e nos arquipélagos dos Açores e Madeira, bem como compreender o esforço de mobilização realizado por esta arma, quer através do ritmo de mobilização ao longo do período da guerra, quer ao nível das unidades territoriais que mobilizaram forças durante a guerra para cada um dos Teatros de Operações, durante o período em estudo.

É de relevante pertinência a realização desta investigação, pela possibilidade de retirar conclusões sobre os períodos de maior e menor esforço de mobilização (não considerando as unidades de intervenção e as de guarnição normal) em cada Teatro de Operações bem como conhecer a tipologia das unidades empenhadas durante o conflito ultramarino. Este trabalho vem assim enriquecer o historial da Arma de Infantaria.

O objetivo desta investigação prima por responder às questões derivadas, com o desígnio último de dar resposta à questão central levantada.

No que diz respeito à metodologia aplicada ao presente trabalho, consiste numa investigação baseada no método histórico, recorrendo ao mesmo tempo ao método dedutivo, tendo em conta uma abordagem diacrónica sobre a campanha, nos limites temporais definidos. Os dados recolhidos foram essencialmente na forma textual nas bibliotecas da Academia Militar, em relatos de unidades e no Arquivo Histórico Militar.

Este Trabalho de Investigação Aplicada é composto por sete capítulos. No primeiro explica-se a importância da investigação, bem como a problemática abordada. No segundo é feito um enquadramento teórico para uma melhor perceção da matéria em estudo. No terceiro são referenciadas todas as tipologias de unidades de Infantaria mobilizadas para a Guerra do Ultramar. No quarto, quinto e sexto capítulos são abordadas as tipologias de unidades de Infantaria mobilizadas pela Arma de Infantaria para o Teatro de Operações de Angola, Guiné e Moçambique, respetivamente. As conclusões e recomendações são redigidas no último capítulo.

Palavras – chave: Infantaria, Ultramar, Mobilização, Tipologia, África

Abstract

This Applied Research work is entitled "Statistical Study on mobilizing Infantry Units during the War of África (1961-1974)". This research aims to characterize the types of units deployed by infantry units, based on the recruitment and mobilization done in continental Portugal the Azores and Madeira, as well as understanding the mobilization effort done by this unit, both in terms the rate of mobilization, and in terms of the units which exerted greater effort during the war for each of Operations Theatres during the period under study.

It is of important relevance to carry out this research, the possibility of drawing conclusions about the periods of greater and lesser mobilization effort (not considering intervention units and normal operations in each theater of operations as well as knowing the type of units more used during the conflict overseas. This work will thus enrich the history of the Infantry unit.

The purpose of this research strives to answer questions derived, with the latest method to address the central issue raised.

With regard to the methodology applied to this work, is a research-based historical method, using both the deductive method, taking into account a diachronic approach to the campaign, the defined time limits The collected data were essentially in textual form on the Military Academy libraries, on reports of units and the Military Historical Archive.

The Applied Research Work consists of seven chapters properly outlined. In the first explained the importance of research, and the problems addressed. The second is a theoretical framework for a better perception of matter being studied. The third referenced all types of infantry units mobilized for the War of Ultramar. In the fourth, fifth and sixth chapters addresses the types of infantry units deployed by infantry unit for the Angola Theater of Operations, Guinea and Mozambique, respectively. The conclusions and recommendations are written in the last chapter.

Key - words: infantry, Ultramar, Mobilization, Typology, África

Índice Geral

Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	vi
Índice Geral.....	vii
Índice de figuras	x
Índice de quadros e tabelas.....	xiv
Lista de apêndices e anexos.....	xvi
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	xviii
Capítulo 1 Introdução	1
1.1 Enquadramento da investigação	1
1.2 Importância da investigação e justificação do tema	2
1.3 Objetivos da investigação	3
1.4 Questão central e questões derivadas	3
1.5 Metodologia.....	4
1.6 Estrutura do trabalho e síntese dos capítulos.....	5
Capítulo 2 A Guerra de África (1961-1974).....	6
2.1 A situação portuguesa perante a guerra	6
2.2. A guerra subversiva	7
2.3. Atividades do Exército na Guerra Subversiva.....	9
2.3.1. Segurança.....	11
2.3.2. Ofensiva.....	11
2.4. Recrutamento e rendição de unidades	12
2.5. A Infantaria.....	13

2.5.1. A Infantaria na Guerra de Contra Subversão.....	14
2.5.2. Mobilização da Arma de Infantaria	14
2.6. Unidades de quadrícula e unidades de intervenção	16
Capítulo 3 A tipologia das Unidades de Infantaria	
mobilizadas.....	18
3.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores	20
3.1.1. Companhias inseridas em Batalhões	21
3.2. Mobilização de Companhias de Caçadores	23
3.2.1. Companhias independentes	23
3.3. Mobilização de Pelotões de Caçadores independentes.....	25
3.4. Mobilização de Pelotões de Morteiros	27
3.5. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo	28
Capítulo 4 Teatro de Operações de Angola	31
4.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores	32
4.2. Mobilização de Companhias de Caçadores	33
4.2.1. Mobilização de Companhias de Caçadores independentes	33
4.3. Totalidade de Companhias de Caçadores mobilizadas.....	34
4.4. Mobilização de Pelotões de Caçadores independentes.....	35
4.5. Mobilização de Pelotões de Morteiros	36
4.6. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo	37
Capítulo 5 Teatro de Operações de Guiné	38
5.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores	38
5.2. Mobilização de Companhias de Caçadores	40
5.2.1. Mobilização de Companhias de Caçadores independentes	40
5.3. Totalidade de Companhias de Caçadores mobilizadas.....	41
5.4. Mobilização de Pelotões de Caçadores independentes.....	42

5.5. Mobilização de Pelotões de Morteiros	43
5.6. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo	43
Capítulo 6 Teatro de Operações de Moçambique	44
6.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores	45
6.2. Mobilização de Companhias de Caçadores	46
6.2.1. Mobilização de Companhias de Caçadores independentes	46
6.3. Totalidade de Companhias de Caçadores mobilizadas.....	47
6.4. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo	48
Conclusões e Recomendações	49
Bibliografia.....	55
Apêndices.....	AP-1
Anexos.....	AN-1

Índice de figuras

Figura 1 – Totalidade de BCaç mobilizados para os três TO	20
Figura 2 – Ritmo de mobilização de BCaç para os três TO	21
Figura 3 – Totalidade de CCaç inseridas em BCaç para os três TO	22
Figura 4 – Esforço relativo de cada unidade mobilizadora de CCaç independentes para os três TO	23
Figura 5 – Ritmo de mobilização de Companhias independentes para os três TO	24
Figura 6 – Ritmo de mobilização de CCaç inseridas em BCaç e CCaç independentes durante os treze anos de guerra para os três TO	25
Figura 7 – Unidades mobilizadores de PelCaç independentes para os três TO	26
Figura 8 – Ritmo de mobilização de PelCaç independentes para os três TO	26
Figura 9 – Unidades mobilizadores de PelMort para os três TO	27
Figura 10 – Ritmo de mobilização de PelMort para os três TO	28
Figura 11 – Unidades mobilizadoras de PelCanh para os três TO	29
Figura 12 – Ritmo de mobilização de PelCanh para os três TO	29
Figura 13 – Número de BCaç mobilizados para o TO de Angola	32
Figura 14 – Número de CCaç inseridas em BCaç mobilizadas para o TO de Angola	33

Figura 15 – Número de CCAç independentes mobilizadas para o TO de Angola	34
Figura 16 – Número de CCAç independentes e inseridas em BCAç mobilizadas para o TO de Angola	35
Figura 17 – Número de PelCAç independentes mobilizados para o TO de Angola	35
Figura 18 – Número de PelMort mobilizados para o TO de Angola	36
Figura 19 – Número de PelCanh mobilizados para o TO de Angola	37
Figura 20 – Número de BCAç mobilizados para o TO de Guiné	39
Figura 21 – Número de CCAç inseridas em BCAç mobilizadas para o TO de Guiné	40
Figura 22 – Número de CCAç independentes mobilizadas para o TO de Guiné	40
Figura 23 – Número total de CCAç independentes e inseridas em BCAç mobilizadas para o TO de Guiné	41
Figura 24 – Número de PelCAç independentes mobilizados para o TO de Guiné	42
Figura 25 – Número de PelMort mobilizados para o TO de Guiné	43
Figura 26 – Número de PelCanh mobilizados para o TO de Guiné	43
Figura 27 – Número de BCAç mobilizados para o TO de Moçambique	45
Figura 28 – Número de CCAç inseridas em BCAç mobilizadas para o TO de Moçambique	46
Figura 29 – Número de CCAç independentes mobilizadas para o TO de Moçambique	47
Figura 30 – Número total de CCAç independentes e inseridas em BCAç mobilizadas para o TO de Moçambique	48
Figura 31 – Número de PelCanh mobilizados para o TO de Moçambique	48

Figura 32 – Dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria para o TO de Angola	51
Figura 33 - Dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria para o TO de Guiné.....	51
Figura 34 - Dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria para o TO de Moçambique.....	52
Figura 35 – Dimensão da totalidade do esforço da Arma de Infantaria nas diversas tipologias	53
Figura 36 – Esforço relativo das unidades mobilizadores para os três TO de unidades tipo BCaç e CCaç.....	AP-51
Figura 37 – Esforço relativo de cada unidade para cada TO.....	AP-52
Figura 38 – Organograma de uma CCaç	AP-53
Figura 39 – Organograma de um PelCaç	AP-54
Figura 40 – Organograma de um PelMort.....	AP-55
Figura 41 – Morteiro médio Brandt M/931 de 81mm.....	AP-55
Figura 42 – Organograma de um PelCanh	AP-56
Figura 43 – Em cima Canhão sem Recuo 5,7cm e em baixo montado numa viatura o Canhão sem Recuo 106 mm	AP-56
Figura 44 – Agrupamento com 4 Batalhões em quadrícula	AN-2
Figura 45 – Organograma de um BCaç.....	AN-3
Figura 46 – Orgânica de um BCaç	AN-4
Figura 47 – Dispositivo operacional de Angola em 1961	AN-5
Figura 48 – Dispositivo operacional de Angola em 1968	AN-6
Figura 49 – Dispositivo operacional de Angola em 1968 na ZMN	AN-7
Figura 50 – Dispositivo operacional de Angola em 1974	AN-8
Figura 51 – Dispositivo operacional de Angola em 1974 na ZMN, Setor CAB, LAD e MAJ.....	AN-9
Figura 52 – Dispositivo operacional da Guiné em 1962	AN-10
Figura 53 – Dispositivo operacional da Guiné em 1968	AN-11
Figura 54 – Dispositivo operacional da Guiné em 1974	AN-12
Figura 55 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1963.....	AN-13

Figura 56 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1965	AN-14
Figura 57 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1974 nos setores A, B, C e D.....	AN-15
Figura 58 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1974 no CTC	AN-16
Figura 59 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1974 no CTS.....	AN-17

Índice de quadros e tabelas

Tabela n.º 1 - Batalhões de Caçadores mobilizados para Angola	2
Tabela n.º 2 - Companhias de Caçadores Independentes Mobilizadas para Angola.....	6
Tabela n.º 3 – Companhias de Caçadores Inseridas em Batalhões Mobilizadas para Angola.....	10
Tabela n.º 4 – Pelotões de Caçadores Independentes Mobilizados para Angola.....	20
Tabela n.º 5 – Pelotões de Morteiros Mobilizados para Angola	21
Tabela n.º 6 – Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Angola.....	25
Tabela n.º 7 – Batalhões de Caçadores Mobilizados para Guiné	27
Tabela n.º 8 – Companhias de Caçadores Independentes Mobilizadas para Guiné.....	29
Tabela n.º 9 – Companhias de Caçadores Inseridas em Batalhões Mobilizadas para Guiné.....	32
Tabela n.º 10 – Pelotões de Caçadores Mobilizados para Guiné	36
Tabela n.º 11 – Pelotões de Morteiros Mobilizados para Guiné	37
Tabela n.º 12 Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Guiné.....	39
Tabela n.º 13 – Batalhões de Caçadores Mobilizados para Moçambique.....	41
Tabela n.º 14 – Companhias de Caçadores Independentes Mobilizadas para Moçambique	43

Tabela n.º 15 – Companhias de Caçadores Inseridas em Batalhões Mobilizadas para Moçambique.....	45
Tabela n.º 16 – Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Moçambique	50
Tabela n.º 17 – Tabela síntese de mobilização	57
Tabela n.º 18 – Militares enviados da metrópole para cada TO e quantidade total	57

Lista de apêndices e anexos

Apêndices	AP-1
Apêndice A Batalhões de Caçadores Mobilizados para Angola	AP-2
Apêndice B Companhias de Caçadores Mobilizadas para Angola	AP-6
Apêndice C Pelotões de Caçadores Mobilizados para Angola.....	AP-20
Apêndice D Pelotões de Morteiros Mobilizados para Angola	AP-21
Apêndice E Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Angola.....	AP-25
Apêndice F Batalhões de Caçadores Mobilizados para Guiné.....	AP-27
Apêndice G Companhias de Caçadores Mobilizadas para Guiné	AP-29
Apêndice H Pelotões de Caçadores Mobilizados para Guiné	AP-36
Apêndice I Pelotões de Morteiros Mobilizados para Guiné.....	AP-37
Apêndice J Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Guiné	AP-39
Apêndice K Batalhões de Caçadores Mobilizados para Moçambique	AP-41
Apêndice L Companhias de Caçadores Mobilizadas para Moçambique	AP-43
Apêndice M Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Moçambique	AP-50
Apêndice N Esforço relativo das unidades mobilizadoras para os três TO de unidades tipo BCaç e CCaç	AP-51
Apêndice O Organograma de uma CCaç	AP-53
Apêndice P Organograma de um PelCaç	AP-54
Apêndice Q Organograma de um PelMort	AP-55
Apêndice R Organograma de um PelCanh.....	AP-56
Apêndice S Tabela Síntese de mobilização	AP-57

Anexos	AN-1
Anexo A Setores: agrupamento com 4 Batalhões em quadrícula	AN-2
Anexo B Organograma e Composição de um BCaç em 1961	AN-3
Anexo C Dispositivo operacional de Angola em 1961	AN-5
Anexo D Dispositivo operacional de Angola em 1968	AN-6
Anexo E Dispositivo operacional de Angola em 1974.....	AN-8
Anexo F Dispositivo operacional da Guiné em 1962.....	AN-10
Anexo G Dispositivo operacional da Guiné em 1968	AN-11
Anexo H Dispositivo operacional da Guiné em 1974	AN-12
Anexo I Dispositivo operacional de Moçambique em 1963	AN-13
Anexo J Dispositivo operacional de Moçambique em 1965	AN-14
Anexo K Dispositivo operacional de Moçambique em 1974.....	AN-15

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AM1	Área Militar nº1
APA	American Psychological Association
BCaç	Batalhão de Caçadores
CCaç	Companhia de Caçadores
CCS	Companhia de Comando e Serviços
CECA	Comissão para o Estudo das Campanhas de África
CIOE	Centro de Instrução de Operações Especiais
CTC	Comando Territorial Centro
CTN	Comando Territorial Norte
CTS	Comando Territorial Sul
EUA	Estados Unidos da América
FAP	Forças Armadas Portuguesas
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
MANU	Mozambique African National Union
MPLA	Movimento Popular da Libertação de Angola
NATO	North Atlantic Treaty Organization
NEP	Norma de Execução Permanente
ONU	Organização das Nações Unidas
PAIGC	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo
PDA	Partido Democrático de Angola
PelCaç	Pelotão de Caçadores
PelCanh	Pelotão de Canhão sem Recuo
PelMort	Pelotão de Morteiros
RFA	República Federal Alemã
RMA	Região Militar de Angola
RMM	Região Militar de Moçambique
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TO	Teatro de Operações
UDENAMO	Nacional Democrática de Moçambique
UNAMI	União Nacional de Moçambique Independente
UNITA	União Nacional para a Independência Total de Angola
UPA	União dos Povos Angolanos
ZA	Zona de Ação
ZEE	Zona Económica do Escudo
ZIC	Zona de Intervenção Centro
ZIL	Zona de Intervenção Leste
ZIN	Zona de Intervenção Norte
ZIS	Zona de Intervenção Sul
ZMC	Zona Militar Centro
ZML	Zona Militar Leste
ZMN	Zona Militar Norte

ZMS
ZOT

Zona Militar Sul
Zona de Operações de Tete

Capítulo 1

Introdução

1.1 Enquadramento da investigação

Na sequência de dois trabalhos anteriormente desenvolvidos por Tirocinantes da Arma de Artilharia e Cavalaria, com os títulos “A Artilharia na guerra de África (1961-1974): um estudo em torno da mobilização das unidades de Artilharia“ e “a tipologia das unidades mobilizadas pela Arma de Cavalaria durante a guerra de África (1961-1974)”, respetivamente, impunha-se a realização de um trabalho no mesmo âmbito para a Arma de Infantaria. Este trabalho tem como tema: “Estudo estatístico sobre a mobilização de unidades da Arma de Infantaria durante a Guerra de África (1961-1974).”, Pretende-se fazer o levantamento e caracterização da tipologia das unidades (Batalhões, Companhias, Pelotões independentes e unidades de Morteiros) mobilizadas pela Arma de Infantaria, com base no recrutamento e mobilização feito em Portugal continental e nos arquipélagos dos Açores e Madeira, para cada um dos Teatros de Operações (TO), durante a Guerra de África (1961-1974), bem como compreender o esforço de mobilização realizado por esta arma.

Com a inevitabilidade da guerra, Portugal vê-se na obrigação de recorrer a uma profunda e imediata remodelação do seu aparelho militar, na época, voltado para operações maioritariamente convencionais, com vista a preparar e organizar as forças para enfrentar um inimigo que, tendo conhecimento das características físicas do vasto território, iria usar a guerrilha como forma de atuação. Pretendia-se então uma orientação diferente, quer ao nível da formação ministrada às tropas, bem como no tipo de unidade de combate a empregar neste território.

Esta guerra iria ser defrontada em territórios de grandes dimensões, onde a totalidade do seu controlo só poderia ser possível com base num dispositivo muito amplo, tornando-se assim a mobilização de efetivos uma das principais prioridades. Era necessário constituir um aparelho militar que tivesse em conta as ameaças a encontrar e as questões logísticas que iriam colocar-se. A partir de 1961 houve que tomar medidas de precaução,

“como exemplo, podemos adiantar que, partindo de um total de 12000 elementos do Exército presentes no conjuntos Guiné-Angola-Moçambique no final de 1960, um ano depois, já se encontravam nos mesmos territórios um somatório de efetivos de quase 50000 homens”. (Afonso, Gomes, 2010)

1.2 Importância da investigação e justificação do tema

Dos trabalhos publicados em Portugal sobre a história da guerra de África (1961-1974), nenhum abordou a mobilização das unidades da Arma de Infantaria, que foram constituídas no dispositivo territorial do Exército, do Continente, da Madeira e dos Açores e depois enviadas para os três Teatros de Operações. O estudo publicado pela comissão para o estudo das campanhas de África (CECA) e a obra “*Os anos da guerra Província Ultramarina*” da autoria de Carlos de Matos Gomes e Aniceto Afonso, reúnem dados e analisam diversas dimensões sobre a guerra, mas não foram estudos dedicados especificamente à mobilização. Julgamos pertinente analisar o esforço de mobilização para cada um dos TO, a sua evolução ao longo do período da guerra, bem como aspetos particulares sobre a tipologia das unidades mobilizadas pela Arma de Infantaria. O presente trabalho visa revelar conhecimento novo e permitir retirar conclusões sobre os períodos de maior ou menor esforço de mobilização para cada TO, bem como conhecer a tipologia de unidades mais utilizadas durante o conflito ultramarino detalhando este processo, relativamente a cada um dos três TO. Este trabalho vem assim enriquecer o historial da Arma de Infantaria.

Segundo Fortin (2009) para que a investigação seja viável é necessário delimitá-la no espaço e no tempo, sendo assim, o estudo será realizado tendo em conta o TO de Angola, Guiné e Moçambique, entre 1961 a 1974, tendo como finalidade, identificar as unidades mobilizadoras, a tipologia e a quantidade de unidades que foram mobilizadas pela Arma de Infantaria para os três Teatros de Operações (Angola, Guiné e Moçambique) observando como decorreu o processo de mobilização ao longo do tempo, para cada um dos três Teatros de Operações. Pretende-se tratar somente as unidades de reforço, não considerando as unidades de intervenção e as de guarnição normal. A mobilização de unidades para reforço aos Teatros de Operações era feita com unidades constituídas (Pelotões, Companhias, Batalhões) mas também era realizada através da substituição

(rendição) individual. Neste trabalho vamos apenas tratar da mobilização de unidades constituídas.

1.3 Objetivos da investigação

Este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) visa identificar as unidades mobilizadoras, a tipologia das unidades mobilizadas e caracterizar o esforço de mobilização da Arma de Infantaria para cada um dos três Teatros de Operações (Angola, Guiné e Moçambique) entre 1961 a 1974. Tendo em consideração este objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as unidades mobilizadoras do dispositivo territorial do Exército;
- Caracterizar a tipologia das unidades mobilizadas pela Arma de Infantaria da metrópole e nos TO para emprego operacional na Guerra de África (1961-1974);
- Apresentar o ritmo de mobilização de Batalhões (BCaç), Companhias (CCaç) e Pelotões de Caçadores (PelCaç) ao longo do período em estudo;
- Apresentar o ritmo de mobilização de unidades de Morteiros e de Canhão sem Recuo ao longo do período em estudo;
- Caracterizar a dimensão relativa da mobilização e da presença das unidades de Infantaria (nas diversas tipologias) em cada um dos TO;

1.4 Questão central e questões derivadas

Tendo em consideração os objetivos deste trabalho e para orientação da investigação, foi levantada a seguinte questão central: **“Como foi o empenhamento da Arma de Infantaria relativamente à tipologia das unidades e esforço de mobilização durante a Guerra de África (1961-1974), em cada um dos três Teatros de Operações?”**

Para o desenvolvimento do estudo, esta questão central foi decomposta nas seguintes questões derivadas, que orientaram a investigação através da análise de diversos aspetos mais detalhados:

1ªQD - Quais foram as unidades mobilizadoras da Arma de Infantaria da metrópole para emprego operacional na Guerra de África (1961-1974)?

2ªQD - Qual foi a tipologia das unidades mobilizadas pela Arma de Infantaria da metrópole para emprego operacional na Guerra de África (1961-1974)?

3ªQD - Como decorreu o ritmo de mobilização de Batalhões de Caçadores, ao longo do período em estudo para os três TO?

4ªQD - Como decorreu o ritmo de mobilização de Companhias e de Pelotões de Caçadores independentes, ao longo do período em estudo para os três TO?

5ªQD - Como decorreu o ritmo de mobilização de unidades de Morteiros e de Canhão sem Recuo ao longo do período em estudo para os três TO?

6ªQD - Qual foi a dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria (nas diversas tipologias) para emprego no TO de Angola?

7ªQD - Qual foi a dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria (nas diversas tipologias) para emprego no TO da Guiné?

8ªQD - Qual foi a dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria (nas diversas tipologias) para emprego no TO de Moçambique?

1.5 Metodologia

A metodologia seguida tem como referência o método de investigação histórica baseado numa abordagem diacrónica, analisando a evolução do esforço de mobilização dos diversos tipos de unidades de Infantaria, dentro dos espaços e dos limites temporais definidos, conjugada com a investigação numa lógica sincrónica, caracterizando a mobilização feita em cada umas das unidades mobilizadoras, em cada um dos anos da guerra e para cada uma dos TO, através da análise de conteúdo de fontes primárias e outras fontes textuais complementada com uma investigação comparativa, considerando a necessidade de enquadrar a mobilização feita pela Arma de Infantaria no âmbito do panorama geral da mobilização do Exército. Seguimos uma atitude epistemológica numa aproximação analítica que permita fazer uma explicação narrativa, capaz de reconstruir a realidade da mobilização das unidades de Infantaria durante o período em estudo. Neste sentido, propõe-se um modelo teórico de análise assente nas relações conceptuais entre os seguintes parâmetros, considerados necessários para análise do objeto e para compreender a realidade da mobilização realizada pela Arma de Infantaria:

- Unidades mobilizadoras da Arma de Infantaria;
- Unidades mobilizadas pela Arma de Infantaria para cada TO;
- Ritmo de mobilização das unidades durante o período da guerra (1961-1974);
- Dimensão relativa da mobilização das unidades para cada TO.

Este modelo teórico de análise é baseado nas relações conceptuais entre os seguintes referenciais: Unidades mobilizadoras, unidades mobilizadas e ritmo de mobilização ao longo do período da guerra, cujas relações biunívocas em torno do mesmo objeto, permitem criar um modelo teórico de análise, que permita a elaboração de um modelo explicativo conceptual, sobre a mobilização feita pela Arma de Infantaria. Temos a preocupação de respeitar as noções de espaço e de tempo que servem de enquadramento para delimitar o objeto do estudo, possibilitando a reconstrução da realidade histórica, não apenas através de uma abordagem descritiva, mas também explicativa¹.

Recorremos à análise de conteúdos de fontes primárias e outras fontes textuais fidedignas, sendo por isso, os dados recolhidos essencialmente na forma textual (Quivy & Campenhout, 1992) nas bibliotecas da Academia Militar, em relatos de unidades e no Arquivo Histórico Militar.

1.6 Estrutura do trabalho e síntese dos capítulos

Este trabalho cumpre as indicações presentes na Norma de Execução Permanente (NEP) 520/2^a de 01JUN13/AM, e as normas presentes na *American Psychological Association* (APA). A estruturação do trabalho é essencial para uma boa perceção e ser dotado de uma sequência lógica e coerente.

O trabalho é composto por sete capítulos. No primeiro apresenta-se os objetivos, as questões de investigação e a metodologia seguida, o segundo é referente ao enquadramento e à identificação das unidades mobilizadoras, no terceiro são referenciadas as tipologias de unidades de Infantaria mobilizadas para a Guerra do Ultramar e no quarto, quinto e sexto capítulos, é caracterizada a mobilização das unidades de Infantaria para o Teatro de Operações de Angola, Guiné e Moçambique, respetivamente. O último capítulo é referente às conclusões e recomendações.

¹ Seguindo as recentes correntes da historiografia, tal como refere R.F. Atkinson, *Knowledge and Explanation in History. An Introduction to the Philosophy of History*, Londres, Macmillan, 1986, p. 97.

Capítulo 2

A Guerra de África (1961-1974)

2.1 A situação portuguesa perante a guerra

Após a segunda Guerra Mundial, em resultado da sua neutralidade e da natureza do ambiente político, Portugal ficou bastante isolado no âmbito das relações internacionais, devido à natureza do seu regime político no quadro do novo sistema internacional após a 2ª guerra mundial. Os impérios Província Ultramarinais europeus tiveram que lidar com os movimentos independentistas que surgiram na Ásia primeiro e depois em África mas para o regime de Salazar, o problema Província Ultramarinal transformou-se no grande problema do regime, agravado pela posição de “orgulhosamente sós” assumida pelo governo português e pela aposta numa solução apenas de carácter militar.

A 20 de janeiro de 1960, o chefe de Estado-Maior das Forças Armadas estabeleceu objetivos estratégico-militares, considerando que a principal ameaça se situava nos territórios africanos, devendo as Forças Armadas Portuguesas preparar-se para uma guerra defensiva contra os países contíguos e para uma guerra subversiva no seio dos seus territórios. (Afonso, Gomes, 2009). Neste âmbito, “foram feitos estudos de Estado-Maior para a remodelação do dispositivo militar nos territórios ultramarinos, de modo a responder à ameaça dos movimentos independentistas”(Afonso, Gomes, 2009, p.39), surgindo assim uma nova doutrina militar, regulamentada no manual “O Exército na Guerra subversiva”, publicado em 1963, que seria a base doutrinária da atividade militar portuguesa durante toda a guerra.

Portugal desenvolve duas estratégias nacionais, a oficial e a real. Na estratégia oficial, o Estado Novo defendia plenamente que todas as Províncias Ultramarinas eram parte integral e inseparável de Portugal, visto ser uma Nação constituída por várias raças e que se estendia por vários continentes, criando um mercado de livre circulação do Escudo, que abarcava Portugal e as suas Províncias Ultramarinas numa Zona Económica do Escudo (ZEE) (Telo, 2010), com esta política Portugal tinha que obrigatoriamente manter as suas Províncias Ultramarinas, o que se tornou num grave problema visto que o novo cenário

internacional reprimia incansavelmente esta política, encorajando os povos a procurar a sua independência. Esta resistência tornou-se desvantajosa para Portugal e teve que tomar medidas de maior hostilidade aquando da integração de novos Países Asiáticos e Africanos na Organização das Nações Unidas (ONU) (Cervelló, 1998). Com a estratégia real, é intenção do Estado Novo aproximar-se cada vez mais da Alemanha Ocidental (RFA) e da França, que eram grandes poderios tanto em termos de comércio, económicos, bem como militares (Telo, 2010). Resultado desta aproximação é a elaboração de acordos entre Portugal e a RFA “...sobretudo, a modernização da indústria de defesa de Portugal e a aquisição de armamento alemão em grande escala” (Telo, 2010, p.16).

“As guerras de África representam um dos maiores esforços que Portugal desenvolveu para projetar e sustentar forças a grande distância” (Telo, 2010, p.14). Exemplo disso é os efetivos que Portugal dispunha nas Forças Armadas, em 1974 era de 217000 indivíduos e cerca de 62% (aproximadamente 134000) estavam envolvidos nos Teatros de Operações em África (Telo, 2010). Durante 13 anos de guerra, Portugal manteve a milhares de quilómetros uma força expedicionária de mais de 100 mil homens sem ser apoiado pelos seus aliados tradicionais, a Inglaterra e aos Estados Unidos da América, no entanto, no que diz respeito aos apoios externos, são considerados dois momentos no desenvolver do conflito, onde no início da década de sessenta se registou uma aproximação à França e à Alemanha Ocidental (RFA) e mais tarde à África do Sul e à Rodésia, aquando da sua declaração unilateral de independência².

2.2. A guerra subversiva

Os conflitos entre os movimentos independentistas e os poderes Província Ultramarinais, na Ásia e logo depois em África colocaram frente a frente, forças de guerrilha contra forças militares convencionais, dando a ideia de uma guerra do fraco contra o forte, onde o fraco afinal revelou capacidade para combater durante muitos anos,

² Esta aproximação entre Portugal, África do Sul e Rodésia “apontava para a construção de uma estratégia comum para a África austral, liderada pela África do Sul, movimento que não chegou a ser levado até ao fim (Telo, 2010, p.14). Entre os acordos mais importantes, “Portugal aceita a construção de grandes barragens no Sul de Angola e em Moçambique (Cabora Bassa), que devia fornecer energia à África do Sul e à Rodésia e tornar-se em centros de amplas zonas de colonização branca” (Telo, 2010, p.18), em troca, “a partir de 1967 é notório um apoio da África do Sul a Portugal, com o fornecimento de equipamento militar e através de operações conjuntas, envolvendo nomeadamente o uso regular de helicópteros Sul-africanos em Angola e Moçambique” (Telo, 2010, p.18).

procurando transformar a população numa base de apoio, obtendo no exterior a ajuda necessária para a luta armada.

Segundo Abel Cabral Couto “a subversão corresponde a uma modificação da hierarquia de valores em que, num dado momento, assenta uma sociedade política. Neste contexto, a subversão pode ser entendida como toda a ação deliberada levada a efeito por qualquer movimento ou organização, recorrendo a formas de atuação extra-legais, com o objetivo de destruir ou corroer o poder estabelecido e, em regra, a ordem político-social existente.” (Couto,1988, p.212). O mesmo autor define ainda a guerra subversiva como sendo “ a prossecução da política de um grupo político por todos os meios, no interior de um determinado território, com a adesão e participação ativa de parte da população desse território” (Couto,1988, p. 211).

Uma outra definição de guerra subversiva está explanada na publicação “O Exército na Guerra Subversiva”, onde explica que “a guerra subversiva é uma luta conduzida no interior de um dado território, por uma parte dos seus habitantes, ajudados e reforçados ou não do exterior, contra as autoridades de direito ou de fato estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua ação” (M.E., 1963a, p. 1). Este tipo de guerra não é travada contra as forças armadas de um país, mas sim por parte da sua população, podendo ser apoiada e reforçada por outros países, contra as autoridades legais ou autoridades de ocupação para alcançar uma alteração da situação vigente (M.E., 1963a).

A evolução habitual de uma guerra subversiva compreende cinco fases:

- 1^a Preparação da subversão: fase preparatória;
- 2^a Criação do ambiente subversivo: fase de agitação;
- 3^a Consolidação da organização subversiva: fase do terrorismo e da guerrilha;
- 4^a Criação de bases e de forças pseudo-regulares³: fase do Estado subversivo;
- 5^a Insurreição geral: fase final da guerra propriamente dita (M.E., 1963a).

Com esta organização, é possível fazer uma clara distinção entre a primeira e segunda fase das restantes, quer nos aspetos que a subversão apresenta e nas forças que utiliza, quer nas consequentes medidas a tomar pelas autoridades estabelecidas contra a subversão, sendo que a diferença mais notória é sem dúvida a utilização em massa das

³ “São um prolongamento das guerrilhas, por aumento de efetivos e aperfeiçoamento do equipamento e da organização, o que lhes permitirá declarar a sua existência e proclamar a sua preponderância sobre os elementos da manutenção da ordem em certas zonas, nas quais podem manter a população na obediência à subversão” (M.E., 1963, p.14).

ações violentas. Com base nisto pode-se considerar que a subversão apresenta fundamentalmente duas fases:

- 1^a Fase pré-insurrecional ou de agitação, que engloba a primeira e segunda fase;
- 2^a Fase insurrecional ou de insurreição, que engloba a terceira, quarta e quinta fase (M.E., 1963a).

Sendo este um tipo de guerra faseada, para que uma força consiga evitá-la, a forma mais viável é deter o progresso de uma fase, visto que a viabilidade de atingir uma determinada fase está ligada á consolidação da fase anterior (Pinheiro, 1963).

Na definição apresentada de guerra subversiva presente na publicação “O Exército na Guerra Subversiva”, é notório identificar três características que fazem parte desta guerra – a influência da população, a influência do exterior e a sua complexidade.

2.3. Atividades do Exército na Guerra Subversiva

A fim de preparar o Exército para lidar com este tipo de guerra, foram enviados à Argélia, no verão de 1959⁴, um grupo de nove oficiais com o intuito de recolher ensinamentos sobre a guerra subversiva. “Estes ensinamentos seriam fundamentais para a criação de um pensar português sobre a “Guerra Subversiva” que se materializa com especial sucesso, não só em termos doutrinários como também em termos estruturais e operacionais” (Borges, 2010, p.25).

A luta contra a subversão irá recorrer especialmente ao emprego de unidades de Infantaria, com base em forças ligeiras, apeadas, sendo essencial que as forças militares executem ações fora do seu campo de ação normal. “A luta contra a subversão pode tomar dois aspetos: evitar a subversão e reprimir a subversão” (M.E., 1963a, p.16).

A fim de evitar a subversão é necessário:

- 1^o Impedir que a população seja influenciada pela propaganda subversiva, demonstrando, através de ações psicológicas, que as ideologias subversivas não têm fundamento e assegurar o funcionamento das instituições e dos serviços;

⁴ Nesse mesmo ano foi criado pelo Exército o Centro de Instrução de Operações Especiais.

- 2º Destruir a organização político-administrativa e seus colaboradores (M.E., 1963a).

Para reprimir a subversão é inevitável o recurso a medidas de repressão para atingir simultaneamente três objetivos:

- 1º “Reconversão da população subvertida e restabelecimento das instituições e dos serviços afetados;
- 2º Destruição da organização político-administrativa da subversão e das suas redes;
- 3º Destruição das forças militarizadas da subversão (terroristas, bandos armados, guerrilhas e forças pseudo-regulares) (M.E., 1963a, p.19).

Na luta contra a subversão as forças militares têm um papel fundamental, não só através do uso das armas, como também atuando em campos fora do seu contexto, que, devido à especificidade do conflito, somente os militares as podem cumprir. Na publicação “O Exército na Guerra Subversiva” são referidas as três missões que as forças militares têm na luta contra a subversão:

- “Combater os bandos armados, as guerrilhas e as forças pseudo-regulares, executando operações militares defensivas e ofensivas;
- Exercer uma ação psicológica sobre o adversário e, principalmente, sobre a população, e ainda sobre esta última, para a tornar mais receptiva àquela ação, uma eficaz ação social, contribuindo assim diretamente, dentro das suas possibilidades, para consertar ou reconquistar o apoio dessa população;
- Dar apoio às autoridades civis, prestando-lhes informações, reforçando a ação da polícia ou atuando em cooperação com ela na manutenção da ordem, garantindo o controlo da população e assegurando a manutenção dos serviços essenciais, quando necessário” (M.E., 1963a, p.22).

As missões de segurança são as estritamente militares e são as que de todas requerem mais efetivos e maior adaptação das unidades, quer a nível de organização como na sua articulação. Segundo esta doutrina, as forças militares articulavam-se basicamente segundo duas formas distintas mas complementares: forças de quadrícula (com a missão principal de garantir a defesa e a segurança de sectores) e forças de intervenção (com missões de carácter mais ofensivo). Sobre as suas formas de atuação, vejamos em síntese como as forças desenvolviam as missões de Segurança (com carácter iminente defensivo, realizadas pelas forças de quadrícula) e as missões Ofensivas (ou de intervenção) realizadas fundamentalmente pelas designadas forças especiais.

2.3.1. Segurança

A missão de segurança é necessária aquando da ameaça por parte de guerrilhas, é conveniente a implementação de medidas para salvaguardar as tropas, pontos essenciais, movimentos e linhas de comunicação, a população, as suas instalações e recursos. A implementação destas medidas reduzem ao mínimo a perda de efetivos como também têm nos revoltosos um efeito desencorajante. A missão de segurança é desenvolvida essencialmente pelas forças de quadrícula e pode ser de duas formas, em “Estação” e em “Deslocamento”. A defesa de estação compreende a defesa em postos, bivaques, acantonamentos, plantações e culturas e pontos essenciais. (M.E.,1961)

A defesa em postos é utilizada essencialmente para “proteger pontos essenciais, vigiar e proteger um troço de itinerário e garantir a segurança em determinada área do terreno” (M.E.,1961, p.52-53), em que o efetivo utilizado depende da importância e extensão do objetivo a proteger e da atividade beligerante na zona. A defesa em bivaque tem um carácter temporário e o seu tamanho depende do efetivo da unidade a bivacar. No que diz respeito à defesa em acantonamentos em tudo é igual à defesa em bivaque, contudo tem que ter-se em conta a população que habita nessa localidade e o tamanho da mesma, fazendo com que o sistema de vigilância e defesa seja a todo o terreno circundante e não apenas aos limites do acantonamento. Para montar uma defesa a plantações e culturas é necessário elevado número de efetivos, sendo assim o mais viável é recrutar trabalhadores locais, basicamente instruídos, para garantirem essa função. As instalações, obras de arte, acidentes do terreno, etc. que sejam importantes para a vida das tropas e populações são considerados pontos essenciais, sendo essencial montar uma defesa que garanta uma segurança absoluta, é por isso pertinente considerar uma segurança imediata, próxima e afastada. (M.E., 1961).

Os deslocamentos podem ser efetuados por todo o terreno ou em itinerários permanentes. Para guarnecer estes deslocamentos a força é repartida por três escalões, a segurança afastada, a segurança próxima e a segurança imediata (M.E., 1961).

2.3.2. Ofensiva

A ofensiva permite ao Exército ter a iniciativa e retirar a oportunidade às guerrilhas de se unificarem, treinarem e desenvolverem a coordenação e o apoio logístico. Estas ações são fundamentais para destruir a estrutura de comando, transmissões, sistema de reabastecimento e baixar a moral dos insurgentes. Com estas ações, essencialmente levadas a cabo pelas forças de intervenção, pretende-se que as guerrilhas sejam destruídas bem como a sua vontade de combater e ainda mais importante a vontade da população em as apoiar. As operações deste tipo são caracterizadas pela surpresa, alta mobilidade e por serem contínuas, onde a conquista do terreno pouco contribui para alcançar o objetivo (M.E., 1961).

Como formas de ação ofensivas, o cerco “é o meio mais eficaz de as destruir completamente” (M.E., 1961, p. 96), no entanto devido á falta de tempo, forças insuficientes ou consoante a natureza do terreno é adotado o ataque, o qual se baseia na surpresa para atingir o seu objetivo, a perseguição e limpeza é utilizada quando forças de guerrilha conseguem retirar ou que fiquem dispersas durante o decorrer da ação, são organizados grupos de combate onde a sua eficácia depende da mobilidade e de transmissões adequadas (M.E., 1961).

As patrulhas, caracterizadas por serem de efetivo reduzido, o que lhes confere grande mobilidade, e com grande poder de fogo, são igualmente utilizadas na ofensiva, e em particular, no caso do ultramar foram muito utilizadas devido às características do combate na selva o qual confere pouca visibilidade, mobilidade restrita, informação pelo som, dificuldade de reabastecimento, vários perigos para a saúde e dificuldade de observação aérea (M.E., 1961). Eram ainda utilizados outros tipos de ações de combate, definidos como operações especiais, como sejam a emboscada, o golpe de mão, o cerco e limpeza de povoações e a batida.

2.4. Recrutamento e rendição de unidades

O contingente instruído pelo Exército teve alterações anuais, mas em média envolvia cerca de sessenta mil soldados por ano. A preparação militar dos militares e depois das unidades constituídas era realizada em três fases: Numa 1ª fase era ministrada a instrução básica durante nove semanas e numa 2ª fase decorria a instrução de especialidade, onde o militar recebia formação relativamente a uma determinada especialidade durante um período de sete semanas. A formação ministrada durante as duas

fases era designada por “recruta”, após a qual os militares juravam bandeira e ficavam “soldado prontos”. Numa 3ª fase quando o militar já tinha sido integrado numa unidade a ser mobilizada, era ministrada a Instrução de Aperfeiçoamento Operacional (IAO) que durava três semanas consecutivas.

As unidades eram mobilizadas por uma unidade territorial, que apoiava logística e administrativamente a sua constituição até à data do embarque e depois do regresso, ficava herdeira ou depositária da sua história. As unidades mobilizadas, substituíam nos TO, outras do mesmo escalão e a substituição das unidades acontecia em regra ao fim de 24 meses de comissão, excluindo o caso da Guiné, onde por causa das dificuldades de clima e da guerra, as comissões foram no início, de 20 meses, em vez de 24 meses como acontecia nos outros TO. Na fase final da guerra, principalmente em Moçambique e na Guiné a duração das comissões foi prolongada por causa da falta de quadros (principalmente Capitães), do aumento das frentes de combate e do aumento da intensidade das ações da guerrilha.

2.5. A Infantaria

Neste novo cenário de guerra e face a uma nova ameaça, a organização e articulação das forças do Exército sofreu profundas alterações, das quais se destaca a particularidade das armas de Artilharia e de Cavalaria, terem também mobilizado unidades de atiradores, com a aplicação das táticas e orgânicas próprias das unidades de Infantaria. Assim, a Artilharia e a Cavalaria, além de terem mobilizado unidades com missões específicas das respetivas armas, (Baterias de Artilharia, Pelotões de Artilharia de Campanha, Esquadrões de Reconhecimento, Pelotões de Cavalaria, etc.) também mobilizaram unidades de atiradores para atuar como Infantaria, surgindo assim os Batalhões e Companhias de Artilharia e os Batalhões e Companhias de Cavalaria⁵. No caso da Arma de Infantaria as unidades de atiradores eram designadas por Batalhões e Companhias de Caçadores.

A doutrina já referida definia que, para fazer face à subversão “a Infantaria é normalmente a Arma principal empregada em operações ativas de contraguerrilha” (M.E.,

⁵ As unidades de atiradores mobilizadas pelas armas de Artilharia e de Cavalaria eram designadas por Batalhões e Companhias de Artilharia ou de Cavalaria enquanto as unidades de atiradores mobilizadas pela Arma de Infantaria eram designadas por Batalhões de Caçadores e Companhias de Caçadores.

1961, p. 28). A articulação e composição das forças para o combate devem ser as adequadas, tendo em conta o meio e as forças opositoras. “O único método eficaz a opor à guerrilha é a própria guerrilha” (M.E.,1961, p. 31), onde as pequenas unidades desempenham um papel fundamental pois são altamente móveis.

2.5.1. A Infantaria na Guerra de Contra Subversão

A missão das unidades de atiradores era bastante difícil e exigente, visto que as características das áreas de operações dificultavam os movimentos, a logística e não permitiam o uso regular de meios de apoio, da Artilharia, blindados, Morteiros e de apoio aéreo. As unidades eram assim articuladas de maneira a que a sua mobilidade fosse maximizada, o que obrigava a operar com armamento e equipamento ligeiro, reduzindo o seu poder de choque bem como o conforto e moral dos militares, já que, além do equipamento individual e coletivo ser minimizado, também os reabastecimentos, o tratamento e evacuação dos ferido e mortos era em regra, muito complicado. (M.E.,1961).

2.5.2. Mobilização da Arma de Infantaria

Antes do início da guerra, o dispositivo militar português presente nos três TO era apenas composto pelas chamadas tropas de guarnição normal, pelo que foi necessário assegurar um reforço contínuo de forças provenientes da metrópole, para ampliar o potencial militar nas províncias ultramarinas.

Durante a guerra do ultramar a organização territorial do Exército compreendia:

- 7 Regiões militares;
- 8 Comandos territoriais independentes;
- Órgãos não incluídos nas regiões militares ou nos comandos territoriais independentes, e dependentes diretamente do ministério do Exército.

As Regiões militares dividiam-se em comandos territoriais e estes em circunscrições militares. As regiões militares eram então a região militar de Lisboa, Porto,

Coimbra, Tomar, Évora, Angola⁶ e Moçambique⁷. Existiam também comandos territoriais independentes como é o caso do comando territorial independente dos Açores, Madeira, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Índia, Macau e Timor (Santos, 1974 p. 68).

Durante a guerra do ultramar o esforço militar foi muito exigente, não só na metrópole, como também nos próprios TO. As unidades militares presentes nas Províncias Ultramarinas às quais era dado o nome de unidades de guarnição normal, aprontavam forças que após o final da sua comissão não se extinguíam, como acontecia com as forças da metrópole, visto que a sua existência era continuada.

Para os TO de Angola, Guiné e Moçambique foram mobilizadas unidades de Infantaria de diversos escalões e tipologia como se apresentam no capítulo seguinte. Para guarnecer o dispositivo territorial, a unidade de escalão Batalhão era a base do sistema de emprego operacional das unidades de reforço, completada ainda com numerosas Companhias e Pelotões independentes (CECA,2008). Do dispositivo territorial do Exército, das unidades de Infantaria, foram unidades mobilizadoras para a guerra, as seguintes:

- RI1 – Amadora;
- RI2 – Abrantes;
- RI3 – Beja;
- RI4 – Faro;
- RI5 – Caldas da Rainha;
- RI6 – Porto;
- RI7 – Leiria;
- RI8 – Braga;
- RI10 – Aveiro;
- RI11 – Setúbal;
- RI12 – Coimbra;
- RI13 – Vila Real;
- RI14 – Viseu;
- RI15 – Tomar;
- RI16 – Évora;

⁶ Compreende o comando territorial de Cabinda com sede em Cabinda, do Norte com sede em Carmona, do centro com sede em Nova Lisboa, do Sul com sede em Sá da Bandeira e do Leste com sede em Luso.

⁷ Compreende o comando territorial do Norte com sede em Nampula, do centro com sede na Beira e do Sul com sede em Lourenço Marques.

- BC5 – Lisboa;
- BC6 – Castelo Branco;
- BC8 – Elvas;
- BC9 – Viana do Castelo;
- BC10 – Chaves;
- BII17 – Angra do Heroísmo;
- BII18 – Ponta Delgada;
- BII19 – Funchal;
- EPI – Mafra;
- 2°GCAM – Póvoa de Varzim⁸.

2.6. Unidades de quadrícula e unidades de intervenção

A organização e articulação do Exército nestes Teatros de Operações tiveram que adaptar-se às características da guerra de guerrilha, em que os oponentes estão inseridos no seio das populações, tendo como objetivo a conquista da confiança das mesmas e não a posse de uma dada posição de terreno. “O modelo de organização para responder às situações de guerra nos territórios ultramarinos resultou da improvisação como consequência da ausência de planeamento. Colocadas perante uma situação de sublevação e de subversão, as Forças Armadas tiveram que atuar em duas frentes: a ação militar direta através de operações militares – a sua tarefa principal – e o assumir da administração civil” (Gomes e Afonso, 2009, p. 63), mantendo um contato íntimo com a população. Para o executar, as forças são dispostas em setores com um limite contínuo, ocupando assim uma superfície de terreno (Ver Anexo A). Emerge assim a urgência em dispor um conjunto de forças dispersas por todo o território a pacificar – as forças e quadrícula. O efetivo e escalão de cada unidade de quadrícula era definido consoante a importância do local a guarnecer, podendo variar entre escalão Secção a escalão Batalhão, no entanto a unidade preferencialmente utilizada era a Companhia (M.E. 1963b).

⁸ Excepcionalmente regista-se que a CCaç 4145/74 foi mobilizada pelo 2° GCAM, porém não se encontram registos desta unidade no espólio do Arquivo Histórico Militar, visto que, a sua mobilização ocorreu após o 25 de abril de 1974, e como grande parte das unidades que foram mobilizadas após essa data, não foram feitos ou foram perdidos os seus registos de unidade.

A quadrícula militar era uma divisão do território em zonas de ação e de responsabilidade atribuídas às unidades militares aí colocadas. Para fazer face a situações particulares, foram criados comandos operacionais, normalmente constituídos por três CCaç, onde dispunham também de forças de Artilharia, de engenharia e apoio de serviços, este tipo de comando foi muito utilizado no TO da Guiné (Exército, 2010). As unidades de quadrícula tinham a função de (M.E. 1963b):

- Defender pontos sensíveis;
- Proteger itinerários;
- Procura de informação das populações, inimigo e terreno;
- Ação psicológica e controlo sobre população;
- Ação psicológica sobre o inimigo;
- Combater o inimigo sempre que possível.

Porém a malha definida (quadrícula militar) requeria enormes efetivos para que esta fosse eficaz, o que não foi possível dado o vasto território que Portugal controlava, no mínimo um quarto dos efetivos eram empregues em funções de segurança, outra parte realizava tarefas de apoio, que garantiam a sobrevivência, reabastecimentos, transportes e manutenção, restando um efetivo diminuto disponível para manter o contacto as populações ou para as ações de combate (Exército, 2010).

As unidades de quadrícula eram insuficientes para conduzir uma eficaz luta contra as guerrilhas, foi portanto, obrigatório a implementação de outro tipo de forças destinadas à ação ofensiva, – forças de intervenção ou forças de reserva, que eram constituídas por forças especiais – comandos, paraquedistas e fuzileiros. Estas unidades podem ser dadas como reforço a um determinado comando, empregues sob as ordens diretas do comando a que pertencem ou transferidas para o comando superior, a fim de fazer parte de agrupamentos de intervenção de maiores efetivos. As missões das unidades de intervenção são (M.E. 1963b):

- Acudir unidades, povoações e instalações atacadas;
- Procurar e combater o inimigo;
- Realizar ações ofensivas contra elementos rebeldes e suas instalações.

Capítulo 3

A tipologia das Unidades de Infantaria mobilizadas

Como já referido anteriormente, as forças eram organizadas por forma a melhor se adaptarem, tanto às características do clima e terreno, bem como à forma de atuação das guerrilhas. Combater contra este tipo de forças, implicava a utilização de processos muito semelhantes aos que os próprios utilizam, a contraguerrilha. Na contraguerrilha têm papel relevante as pequenas unidades dotadas de alta mobilidade e capazes de atuar com eficácia nos terrenos difíceis onde os rebeldes normalmente procuram. Estas pequenas unidades são dotadas de uma instrução e equipamento adaptados às condições que encontram nos TO (M.E., 1963b).

Para se organizar uma força para combate neste tipo de situações tem que se ter em consideração o seguinte (M.E., 1963b):

- O combate contra forças de subversão terá de ser conduzido, a maior parte das vezes, por pequenas unidades (Companhias e destacamentos destas e, em certos casos, Batalhões);
- É essencial existir uma descentralização do sistema logístico;
- Grande dispersão das forças;
- Uma grande mobilidade;
- O conhecimento do meio (população e terreno);
- A existência de especialistas de ação psicológica, a partir de certo escalão.

Dado o vasto leque de situações possíveis que estas unidades podem encontrar, devem ser “reforçadas com certos especialistas de sapadores, transmissões, do serviço de saúde, etc., ou com elementos auxiliares, tais como intérpretes, guias, funcionários administrativos e outros. Estas unidades devem possuir materiais muito mais aligeirados, equipamentos que permitam a vida de pequenas frações isoladas durante alguns dias, meios de transmissões com alcances superiores, viaturas robustas e ligeiramente blindadas e fardamento apropriado (M.E., 1963b).

“As unidades básicas da Infantaria para as operações contra bandos armados e guerrilhas são a CCaç e o BCaç além destas poderão ser constituídas outras, tais como Pelotões de Morteiros (PelMort) e de canhões sem Recuo (PelCanh), organicamente

independentes mas taticamente integrados em Batalhões ou em unidades de escalão superior.” (M.E. 1963b, p.10).

O BCaç⁹ é constituído pelo comando, companhia de comando e serviços (CCS) e por um número variável de CCaç, normalmente três, e pode ser reforçado por elementos de qualquer Arma ou serviço (M.E. 1963).

A CCaç¹⁰ difere da companhia de atiradores normal, basicamente por utilizar um equipamento mais leve e utiliza uma articulação muito mais flexível para o combate. Dispõem de três PelCaç¹¹, um Pelotão de acompanhamento, pessoal da formação e o comando, podendo ainda os seus Pelotões serem reforçados com elementos de outras unidades de Caçadores, de Morteiros e canhões sem Recuo, de Artilharia, de carros, de reconhecimento e de engenharia. O Pelotão de acompanhamento pode ser articulado de maneira a ser distribuído, totalmente ou em parte, pelos PelCaç ou então constituir-se como um quarto elemento de combate, bem como o pessoal da formação que pode atuar como atirador, pelo menos em missões de carácter defensivo (M.E. 1963b). Segundo a história de unidade da CCaç 1458 o Pelotão de acompanhamento era composto por três secções de Caçadores, constituídas por nove elementos cada.

Segundo a pesquisa efetuada no Arquivo Histórico Militar, o PelMort¹² era constituído por 1 secção de comando e duas secções de Morteiros. Cada secção guarnecia duas armas, normalmente o morteiro de 81mm¹³, contudo outros modelos de Morteiros foram utilizados, como é o caso do Morteiros de calibre 60 mm e 120 mm. O mais usado foi o modelo do morteiro de 60 mm no apoio imediato às forças, colmatando ausência de um lança-granadas eficaz. Foi também utilizado o morteiro de 60 mm, constituído apenas pelo tubo normal com bandoleira.

O PelCanh¹⁴, segundo pesquisas em histórias de unidades, era constituído por 41 homens, divididos pela esquadra de comando e por duas secções operacionais, cada uma com três esquadras, tendo cada esquadra atribuída uma Arma 5,7 cm ou um 106mm¹⁵.

As forças de Caçadores eram equipadas com espingarda automática, granadas de mão ofensiva e defensiva, sabre, pistola-metralhadora, granada de espingarda, e em casos especiais podiam utilizar silenciadores e lança-chamas. As armas de apoio são a

⁹ Ver constituição do BCaç no Anexo B

¹⁰ Ver constituição da CCaç no Apêndice O

¹¹ Ver constituição do PelCaç no Apêndice P

¹² Ver constituição do PelMort no Apêndice Q

¹³ Ver Figura 41 do Apêndice Q

¹⁴ Ver Constituição do PelCanh no Apêndice R

¹⁵ Ver Figuras 43 do Apêndice R

metralhadora com bipé ou tripé, o morteiro ligeiro e o lança-granadas-foguete. Quando a natureza da missão e o terreno o permitir fazem uso do morteiro médio e do Canhão sem Recuo (M.E. 1963b).

Neste capítulo é pretendido analisar a mobilização das unidades de Infantaria em todas as tipologias utilizadas na guerra do ultramar – Batalhões, Companhias e Pelotões de Caçadores, Pelotões de Morteiros e Pelotões de Canhão sem Recuo – ao longo dos 13 anos de guerra, para os três TO, para isso foram utilizadas como auxílio as tabelas presentes nos Apêndices A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M e N.

3.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores

Através do estudo dos dados presentes nas publicações da Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA), é possível retirar várias análises, entre elas a contabilização relativa de cada unidade mobilizadora.

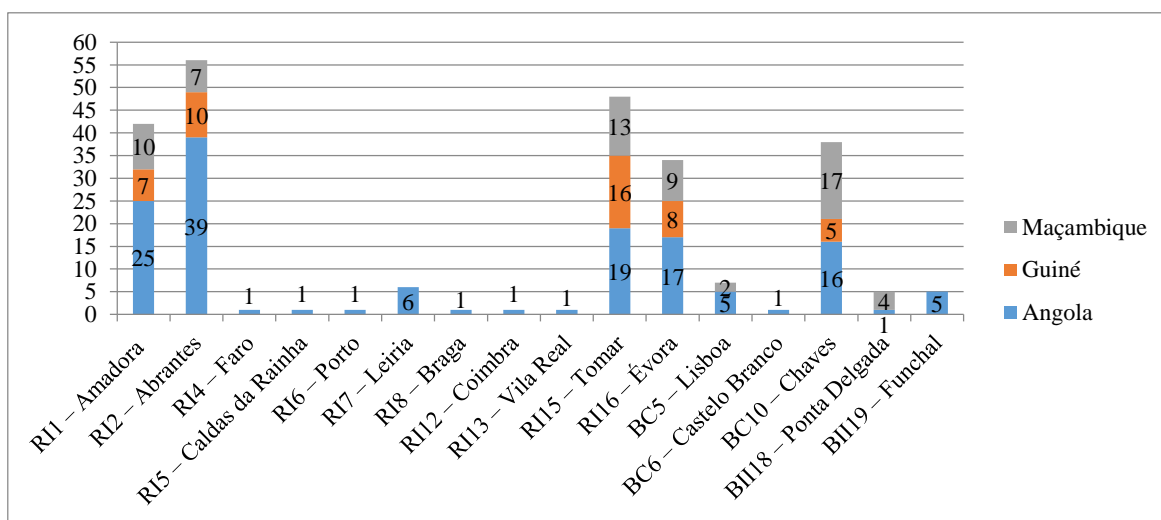


Figura 1 – Totalidade de BCaç mobilizados para os três TO

Fonte: Elaboração própria

Neste gráfico é possível identificar as unidades onde o esforço de mobilização de BCaç foi maior, destacando-se cinco unidades, em primeiro lugar o R12 – Abrantes, em segundo o R115 – Tomar, seguido do R11 – Amadora, BC10 – Chaves e por fim o R116 –

Évora. Pela análise do gráfico, verifica-se que apenas as cinco unidades referidas mobilizaram efetivos para os três TO, nove unidades mobilizaram efetivos somente para Angola e o BC5 – Lisboa e o BII18 – Ponta Delgada, mobilizaram para o teatro de Angola e Moçambique. Na totalidade, foram mobilizados 248 BCaç para os três TO.

Os dados recolhidos permitem ainda visualizar a quantidade de Batalhões que foram mobilizados ao longo do período em estudo, como se apresenta no seguinte gráfico.

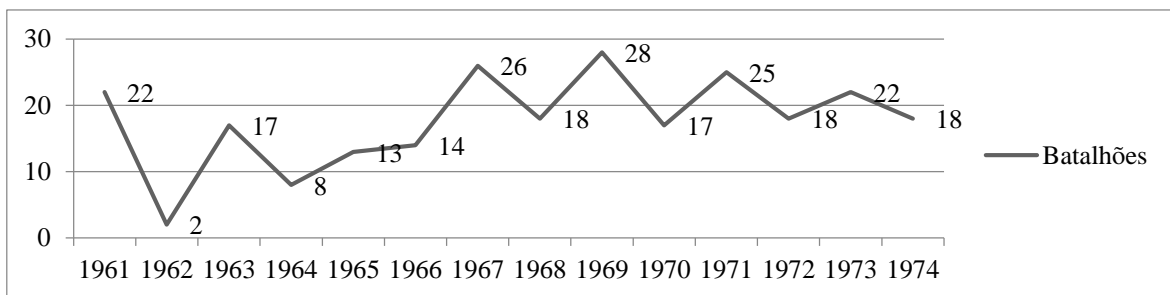


Figura 2 – Ritmo de mobilização de BCaç para os três TO

Fonte: Elaboração própria

A mobilização iniciou-se em 1961, tendo depois aumentado consideravelmente em 1967, e atingiu o seu ponto alto em 1969, momento a partir do qual, a mobilização de BCaç foi sempre decrescente até ao final da guerra em 1974. É possível identificar que a partir de 1966 o ritmo de mobilização foi relativamente constante de dois em dois anos, tempo de duração das comissões, sendo que nos anos par, a mobilização foi na ordem dos 14 a 18 Batalhões, e nos anos ímpar a mobilização era de 22 a 28 Batalhões por ano.

3.1.1. Companhias inseridas em Batalhões

Como a Arma de Infantaria também mobilizou Companhias de Caçadores independentes, é necessário ter em conta a quantidade de Companhias mobilizadas integradas em Batalhões e por outro lado, as Companhias mobilizadas como Companhias independentes. A orgânica padrão de um Batalhão de Caçadores incluía três (3) Companhias de Caçadores e uma Companhia de Comando e Serviços. O seguinte gráfico

explica a totalidade de Companhias inseridas em Batalhões mobilizadas para os três TO e as unidades que as mobilizaram.

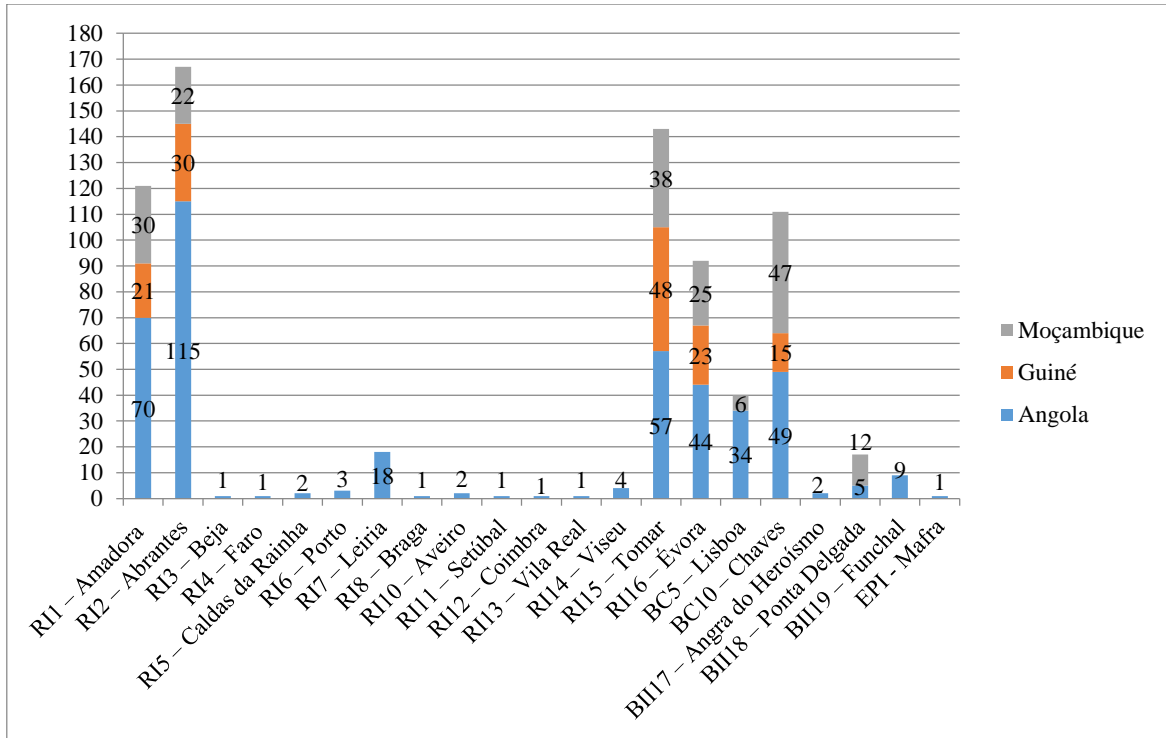


Figura 3 – Totalidade de CCaç inseridas em BCaç para os três TO

Fonte: Elaboração própria

Tomando como exemplo o caso do RI1 – Amadora, que mobilizou vinte e cinco Batalhões para Angola e tendo em conta a composição ternária de um Batalhão, chegaríamos à conclusão que teria mobilizado setenta e cinco Companhias, porém pela análise dos dados e do gráfico, verifica-se que mobilizou apenas setenta, devido ao facto de se verificar que em alguns casos, a responsabilidade da mobilização das Companhias não ser exclusiva da unidade que mobilizava o Batalhão. Destacam-se cinco unidades que mobilizarem para os três TO em grande quantidade: o RI2 – Abrantes, o RI15 – Tomar, o RI1 – Amadora, o BC10 – Chaves e o RI16 – Évora. O BC5 – Lisboa e o BII18 – Ponta delgada mobilizaram para o teatro de Angola e Moçambique. O RI3 – Beja, RI10 – Aveiro, RI11 – Setúbal, RI14 – Viseu, BII17 – Angra do Heroísmo e EPI – Mafra não mobilizaram Batalhões, mas mobilizaram Companhias que foram inseridas em Batalhões e que somente

foram mobilizadas para Angola. Durante o período da guerra, foram mobilizadas no total, 738 Companhias de Caçadores inseridas em Batalhões.

3.2. Mobilização de Companhias de Caçadores

Como vimos, no que diz respeito à mobilização das Companhias de Caçadores é necessário considerar dois tipos de Companhias mobilizadas:

- Companhias de Caçadores independentes;
- Companhias de Caçadores inseridas em Batalhões.

3.2.1. Companhias independentes

O seguinte gráfico apresenta o esforço relativo de cada uma das unidades mobilizadoras, relativamente à mobilização de Companhias de Caçadores independentes.

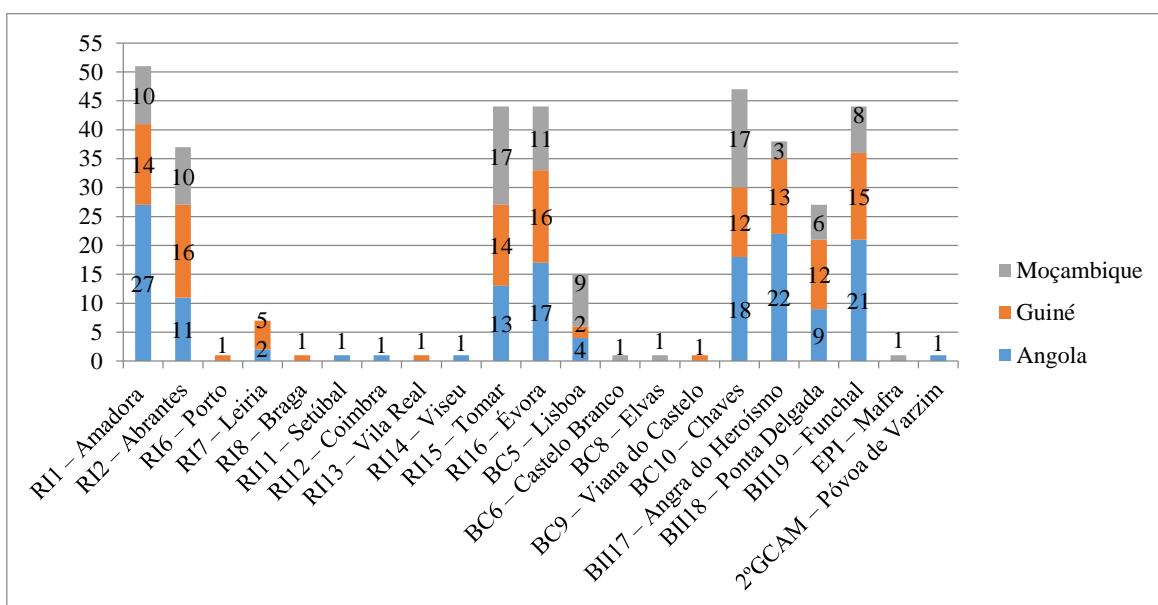


Figura 4 – Esforço relativo de cada unidade mobilizadora de CCaç independentes para os três TO

Fonte: Elaboração própria

Verificamos que as unidades que realizaram maior esforço de mobilização foram o RII – Amadora, seguido do BC10 – chaves, o RI15 – tomar, o RI16 – Évora e o BII19 – Funchal, o BII17 – Angra do Heroísmo, RI2 – Abrantes, BII18 – Ponta Delgada e BC5 – Lisboa. Estas unidades foram as únicas que mobilizaram Companhias Independentes para os três TO. O RI11 – Setúbal, o RI12 – Coimbra, o RI14 – Viseu e o 2º GCAM – Povia do Varzim, mobilizaram Companhias somente para Angola, o RI6 – Porto, o RI8 – Braga e o RI13 – Vila Real, mobilizaram exclusivamente pra a Guiné e o BC6 – Castelo Branco e a EPI – Mafra mobilizaram unicamente para Moçambique. O RI7 – Leiria mobilizou para Angola e Guiné.

Analisando o número de Companhias de Caçadores independentes que foram mobilizadas ao longo dos treze anos de guerra, conseguimos identificar um ritmo de mobilização para os três TO, explanado no seguinte gráfico.

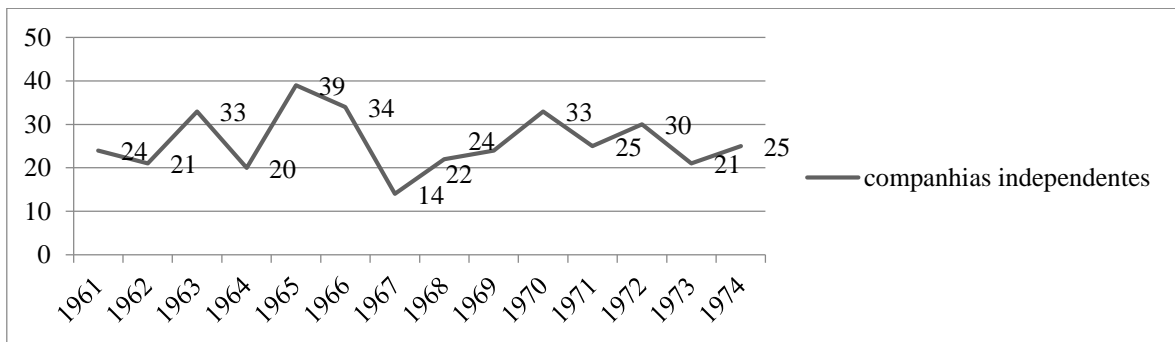


Figura 5 – Ritmo de mobilização de Companhias independentes para os três TO

Fonte: Elaboração própria

Não considerando o período compreendido entre 1965 e 1969, onde a mobilização de Companhias independentes diminuiu significativamente, o ritmo de mobilização foi relativamente constante de dois em dois anos, sendo maior nos anos ímpar do que nos anos par. Para os três TO foram mobilizadas 365 Companhias de Caçadores independentes ao longo dos 13 anos de guerra.

Para se ter uma melhor percepção do esforço de mobilização que a Arma de Infantaria realizou para os três TO, consideramos o escalão companhia como referência, para representar no gráfico seguinte todas as Companhias inseridas em Batalhões e independentes, que foram mobilizadas durante os treze anos em estudo.

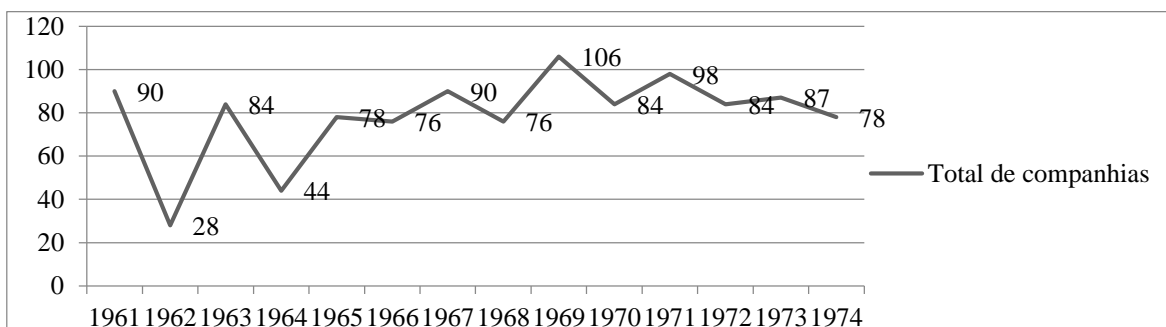


Figura 6 – Ritmo de mobilização de CCAç inseridas em BCCAç e CCAç independentes durante os treze anos de guerra para os três TO

Fonte: Elaboração própria

Verifica-se que depois de 1961, que foi um ano de grande mobilização, houve um grande decréscimo, seguido de um aumento em 1963. Tem-se um ritmo constante de dois em dois anos, porém com quantidades diferindo, tal como vimos nos gráficos anteriores, fazendo a análise de dois em dois anos, verifica-se que no ano ímpar a mobilização é consideravelmente maior que no ano par. No início do conflito começou por ser bastante instável até ao ano de 1965, tendo depois entrado numa fase mais estável, atingindo o seu pico no ano de 1969. A contabilização total de CCAç mobilizadas para a guerra do ultramar no período em estudo foi de 1103.

3.3. Mobilização de Pelotões de Caçadores independentes

Os Pelotões de Caçadores independentes foram apenas mobilizados para Angola e para a Guiné, pelas unidades da metrópole identificadas no gráfico seguinte.

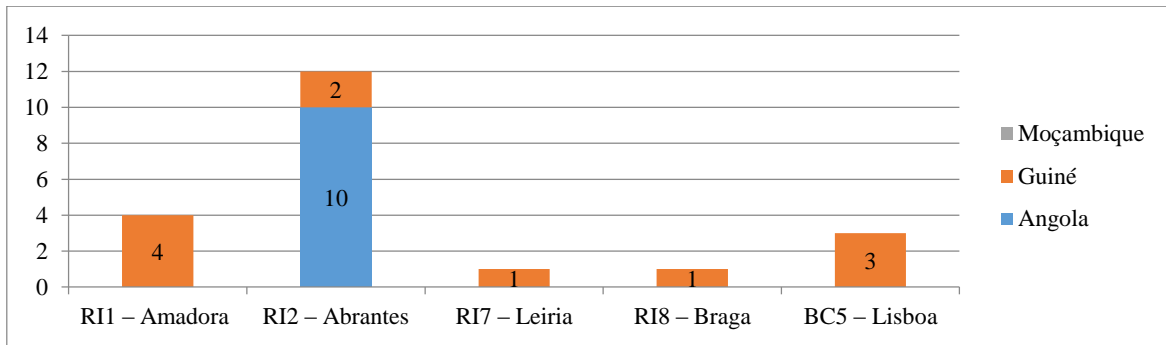


Figura 7 – Unidades mobilizadoras de PelCaç independentes para os três TO

Fonte: Elaboração própria

O RI2 – Abrantes, sendo como vimos, um dos regimentos de Infantaria que mobilizou mais unidades, apresenta também uma expressiva mobilização desta tipologia. Foi também a única unidade mobilizadora que mobilizou Pelotões independentes para Angola e Guiné, as restantes unidades mobilizaram exclusivamente para o TO da Guiné.

A mobilização de Pelotões independentes só aconteceu nos primeiros 4 anos da guerra, deixando depois de ser utilizada esta tipologia de unidade de baixo escalão.

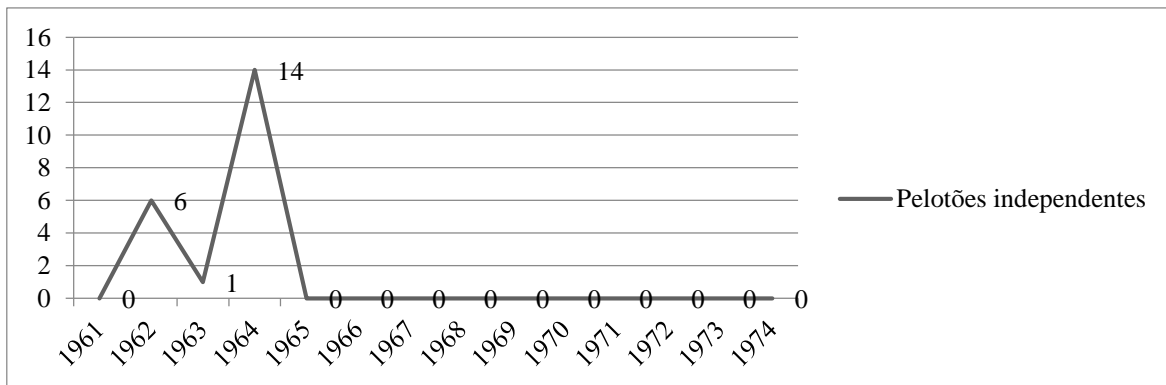


Figura 8 – Ritmo de mobilização de PelCaç independentes para os três TO

Fonte: Elaboração própria

A utilização destas unidades começou em 1962, sendo destacadas 6 unidades para o TO da Guiné, seguidamente em 1963 somente foi enviado um Pelotão para o TO da Guiné e em 1964 foram mobilizados 14 Pelotões, dos quais 10 para o TO de Angola e 4 para o

TO de Guiné, o que perfaz um total de 21 Pelotões de Caçadores independentes, sendo que a partir daí, estas unidades deixaram de ser mobilizadas para os TO.

3.4. Mobilização de Pelotões de Morteiros

Como vimos a orgânica padrão de um Batalhão de Caçadores não incluía Morteiros, pelo que em alguns casos, foram atribuídos Pelotões de Morteiros a Batalhões. O gráfico seguinte mostra quais foram as unidades que mobilizaram Pelotões de Morteiros, destacando-se que para Moçambique não foram mobilizadas unidades de Morteiros na metrópole. Os modelos de Morteiros usados na guerra foram: o morteiro médio *brandt* de 81mm (francês) e o morteiro 10,7 cm (Estados Unidos da América).

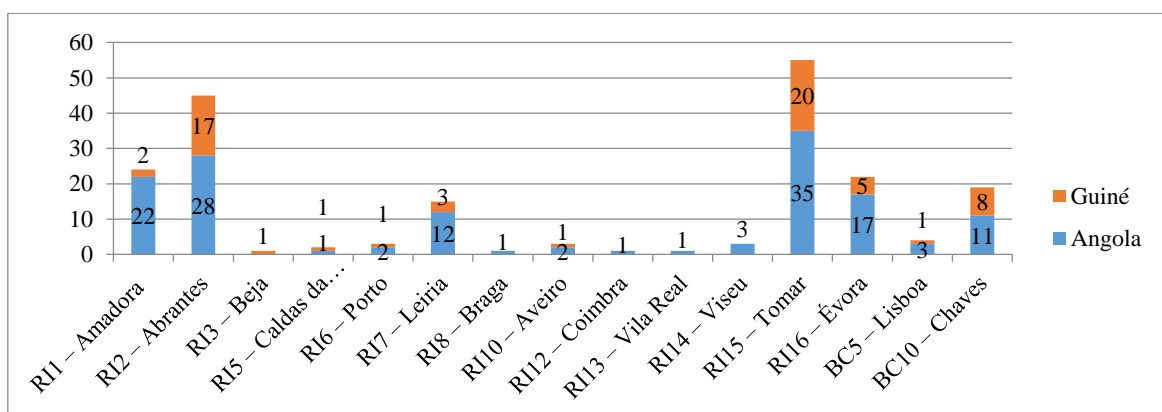


Figura 9 – Unidades mobilizadores de PelMort para os três TO

Fonte: Elaboração própria

O RI15 – Tomar, sendo um dos Regimentos que mais mobilizou, também se destaca pela quantidade de Pelotões de Morteiros mobilizados (55 Pelotões de Morteiros). Destacam-se ainda o RI2 – Abrantes, RI1 – Amadora, RI16 – Évora, BC10 – Chaves e RI7 – Leiria, como as unidades que mobilizaram mais unidades de Morteiros. Estas unidades anteriormente referidas e o BC5 – Lisboa, o RI6 – Porto, o RI10 – Aveiro e RI5 – Caldas da Rainha mobilizaram tanto para o TO de Angola como da Guiné, sendo que o RI8 –

Braga, o RI12 – Coimbra, o RI13 – Vila Real e o RI14 – Viseu, mobilizaram apenas para o TO de Angola e o RI3 – Beja, mobilizou apenas para o TO da Guiné.

Ao longo dos anos da guerra, a mobilização de Pelotões de morteiro, decorreu de acordo com o seguinte gráfico.

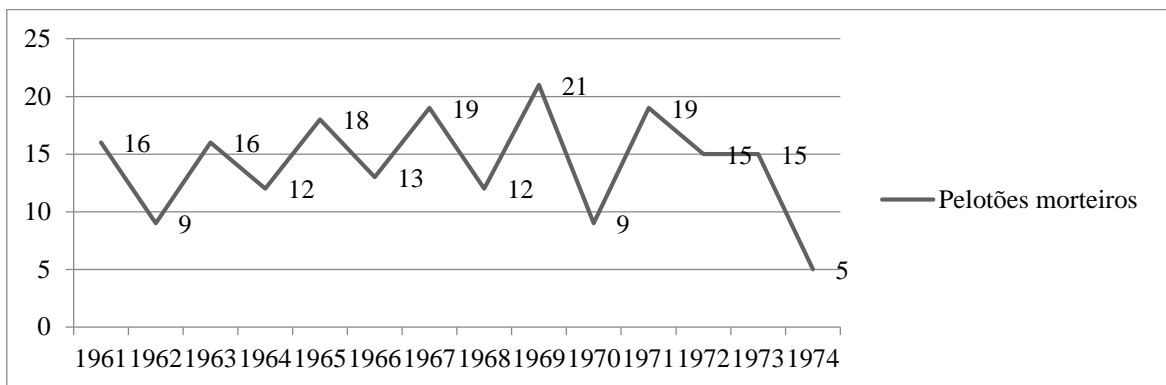


Figura 10 – Ritmo de mobilização de PelMort para os três TO

Fonte: Elaboração própria

A quantidade de unidades mobilizadas foi relativamente constante, registando-se um acréscimo até ao ano de 1970, quando se verificou uma quebra na mobilização destas unidades. Em 1971 foram mobilizadas 19 unidades e em 1972 e 1973 foram 15, passando para 5 em 1974. Foram mobilizados no total 199 Pelotões de Morteiro para os três TO durante os 13 anos de guerra.

3.5. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo

Os Pelotões de Canhão sem Recuo mobilizados durante a guerra, usavam como sistema de armas, dois modelos oriundos dos EUA: o modelo ligeiro de 5,7 cm e o 106 mm. O modelo 106 mm era usado montado em viatura (jipe) estando vocacionado para a defesa de quartelamentos e em escoltas, sendo muito importante a sua capacidade de fogo e de manobra por ser montado em viatura. Para os três TO foram mobilizados várias guarnições de Pelotões de Canhão sem Recuo, conforme apresenta o gráfico seguinte, bem como, as unidades mobilizadoras.

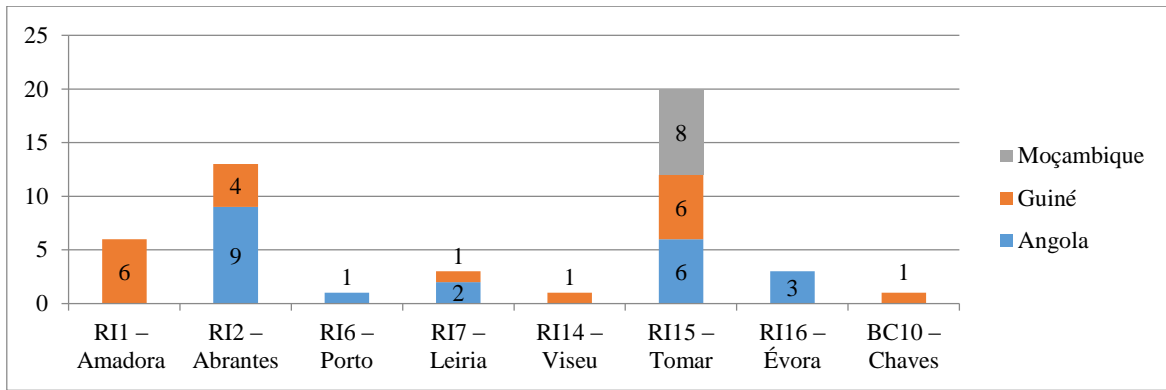


Figura 11 – Unidades mobilizadoras de PelCanh para os três TO

Fonte: Elaboração própria

É de assinalar que o RI15 – Tomar foi a única unidade que enviou PelCanh para os três TO, sendo a única a mobilizar para o TO de Moçambique, destacando-se como a unidade que mais efetivos mobilizou desta tipologia. O RI2 – Abrantes e RI7 – Leiria mobilizaram unidades para o TO de Angola e Guiné. O RI1 – Amadora, RI14 – Viseu e BC10 – Chaves mobilizaram efetivos para a Guiné, enquanto, o RI6 – Porto e o RI16 – Évora mobilizaram somente para Angola.

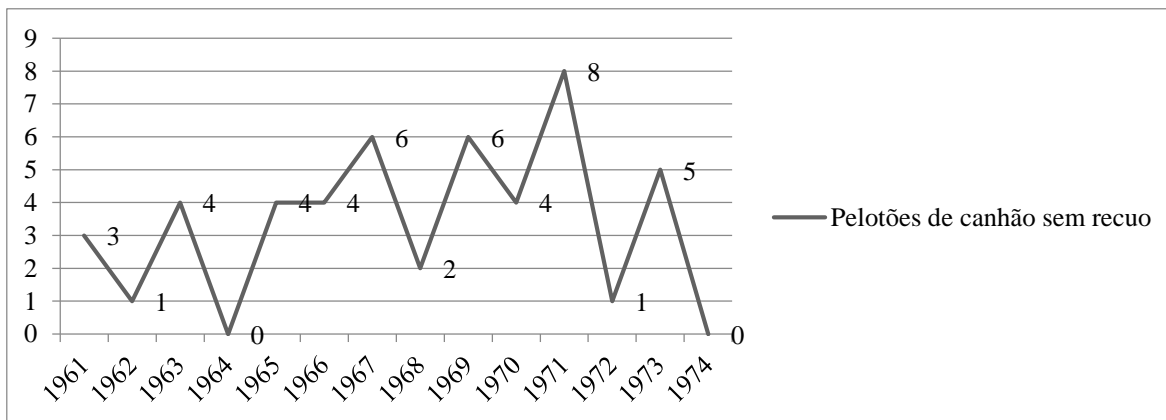


Figura 12 – Ritmo de mobilização de PelCanh para os três TO

Fonte: Elaboração própria

Pela análise do gráfico, verifica-se que nos anos de 1964 e 1974 não foram mobilizados Pelotões de Canhão sem Recuo. É de notar, o pico de mobilização no ano de 1971 onde foram mobilizados 8 Pelotões. Verifica-se que nos anos par a mobilização diminui, e nos anos ímpar aumenta, à exceção do ano de 1965 e 1966 onde o número de unidades mobilizadas foi o mesmo. Foram mobilizadas 48 unidades (Pelotões de Canhão sem Recuo) durante o período em estudo para os três TO.

Capítulo 4

Teatro de Operações de Angola

Durante os treze anos de guerra, em Angola, Portugal enfrentou três movimentos independentistas – A União dos Povos Angolanos (UPA) que posteriormente se juntou com o Partido Democrático de Angola (PDA) originando a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), o Movimento Popular da Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) (Nunes, 2010).

Em 1960 ficou aprovado que Angola e S. Tomé e Príncipe faziam parte da 3.^a região militar, com quartel-general em Luanda, no entanto, esta organização militar apenas foi aplicada um ano depois (M.E., 1989a). O dispositivo militar foi sendo alterado mas numa fase avançada da guerra, o TO de Angola era constituído por quatro zonas de intervenção¹⁶: a Zona de Intervenção Norte (ZIN), a Zona de Intervenção Leste (ZIL), a Zona de Intervenção centro (ZIC) e Zona de Intervenção Sul (ZIS), sendo que, no caso da ZIN, ainda se dividia em setor 1, setor 2, setor 3, setor 4, setor 5, setor 6 e setor Luanda (M.E., 1989a).

A partir de 1968¹⁷ foi criado o setor CC (Cuando Cubango) e as zonas de intervenção passaram a designar-se zonas militares e os setores tiveram os nomes das suas sedes de distrito. A antiga ZIN foi dividida em zona militar Norte (ZMN) – constituída pelo setor UIG (Uíge), setor ZAI (Zaire), setor LND (Luanda), setor CN (Cuanza Norte) e setor MAJ (Malanje) – área militar nº1 (AM1), que está inserida na ZMN, porém independentes uma da outra e setor CAB (Cabinda). Na ZMN, AM1 e no setor CAB existiam 26 Batalhões, sendo que 16 estavam na ZMN, 7 na AM1 e 3 no setor CAB. A zona militar Leste (ZML), constituída por 5 Batalhões, foi dividida em dois setores, o setor LDA (Luanda) ocupado por 1 Batalhão e o setor MOX (Moxico) contendo 4 Batalhões. A zona militar centro (ZMC) constituída por 2 Batalhões, subdivide-se em 4 setores de Batalhão: o setor CS (Cuanza Sul), o setor BIE (Bié), o setor UAM (Huambo) e setor BEG (Benguela). A zona militar Sul (ZMS) é dividida pelo setor HUI (Huíla) e pelo setor MOÇ (Moçâmedes). O setor CC dispunha de um Batalhão de reforço. A região militar de Angola (RMA) dispunha assim de um total de 34 Batalhões em 1968 (M.E., 1989a).

¹⁶ Consultar Anexo C

¹⁷ Consultar Anexo D

Em 1974¹⁸ a RMA continua a estar dividida em 4 zonas operacionais, contudo a sua organização de forças foi alterada, existindo 22 Batalhões na ZMN, 11 na ZML, nenhum na ZMC e 1 na ZMS (M.E., 1989a).

4.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores

A quantidade de Batalhões de Caçadores mobilizados para Angola, começou logo em 1961, sendo que foi neste ano inicial da guerra, que se verificou a maior quantidade de Batalhões mobilizados (21 Batalhões).

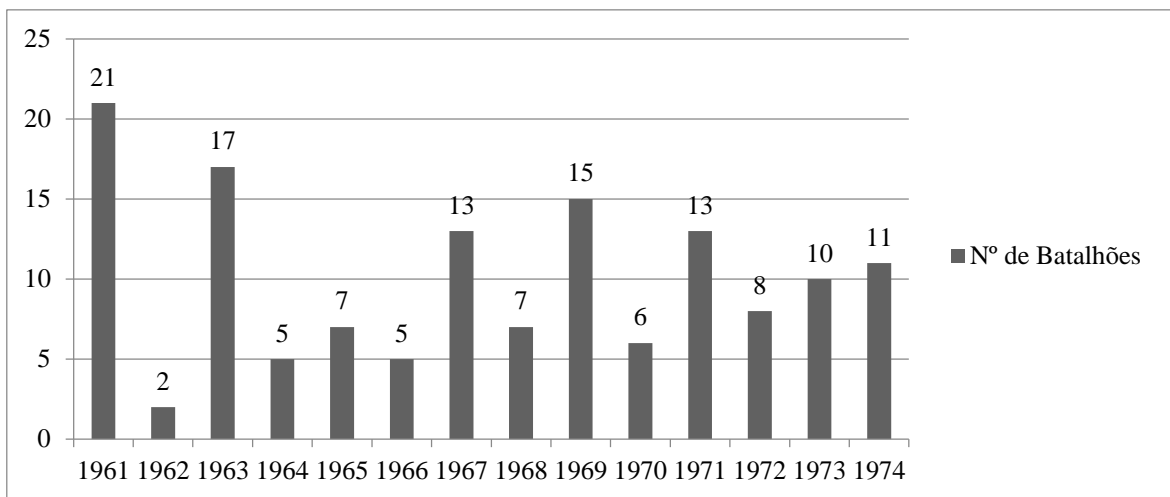


Figura 13 – Número de BCaç mobilizados para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

Verifica-se um decréscimo de mobilização nos anos pares em relação ao ano ímpar anterior, por exemplo, em 1962 foram mobilizados dois BCaç e em 1963 foram mobilizados dezassete, à exceção de 1974 onde foram mobilizados onze BCaç e no ano anterior somente foram mobilizados dez. No total foram mobilizados 140 BCaç para o TO de Angola.

O gráfico seguinte mostra a mobilização de Companhias inseridas em Batalhões.

¹⁸ Consultar Anexo E

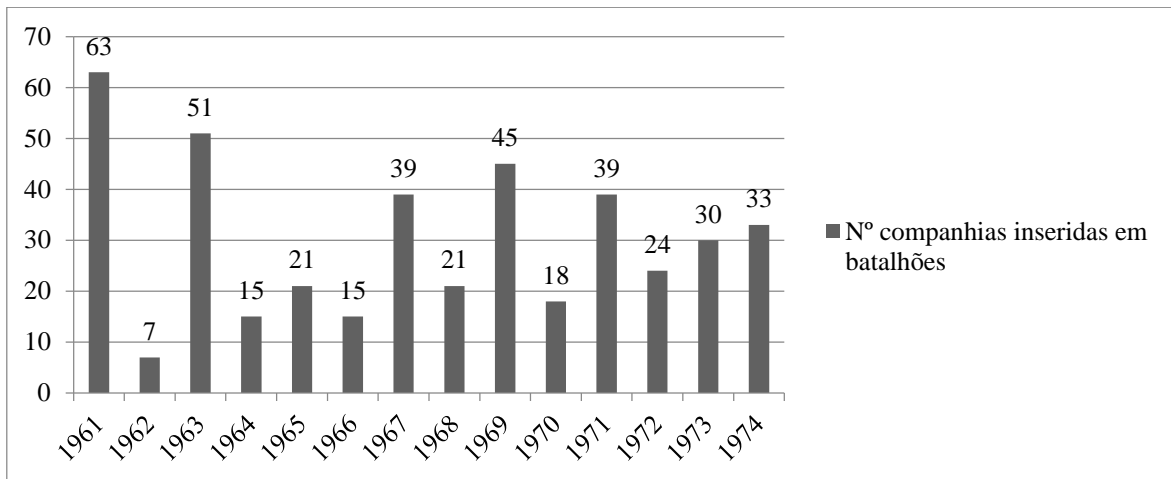


Figura 14 – Número de CCaç inseridas em BCaç mobilizadas para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

O BCaç nº 357 era constituído por quatro CCaç, foi mobilizado em 1962, e é essa a razão por nesse ano terem sido mobilizadas 7 Companhias de Caçadores inseridas em Batalhões. Este é o único caso em que um BCaç não era constituído por três CCaç. Ao todo, inseridas em Batalhões foram mobilizadas 421 CCaç.

4.2. Mobilização de Companhias de Caçadores

4.2.1. Mobilização de Companhias de Caçadores independentes

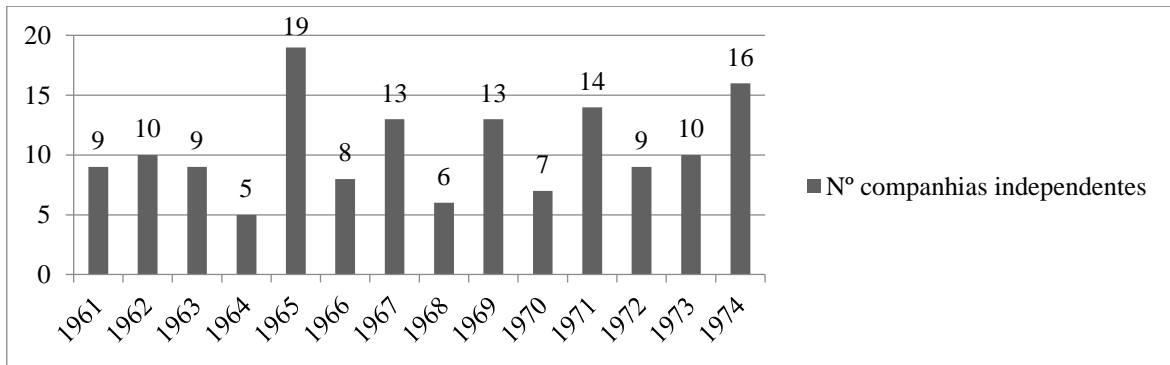


Figura 15 – Número de CCaç independentes mobilizadas para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

Para observação da mobilização de Companhias independentes, é vital fazer analogia entre esta tipologia e os BCaç. Em 1961 houve grande mobilização de BCaç, em detrimento disso houve apenas nove Companhias de Caçadores independentes mobilizadas, pelo contrário em 1965 foram enviados para Angola sete BCaç e dezanove Companhias de Caçadores independentes, sendo este o ano onde houve maior mobilização de Companhias independentes. Durante os 13 anos de guerra para o TO de Angola foram enviadas 148 Companhias de Caçadores independentes.

4.3. Totalidade de Companhias de Caçadores mobilizadas

O somatório das Companhias inseridas em Batalhões com as Companhias independentes dá-nos a perceção do esforço da Arma de Infantaria para o TO de Angola, utilizando a companhia como unidade de referência, temos a seguinte representação:

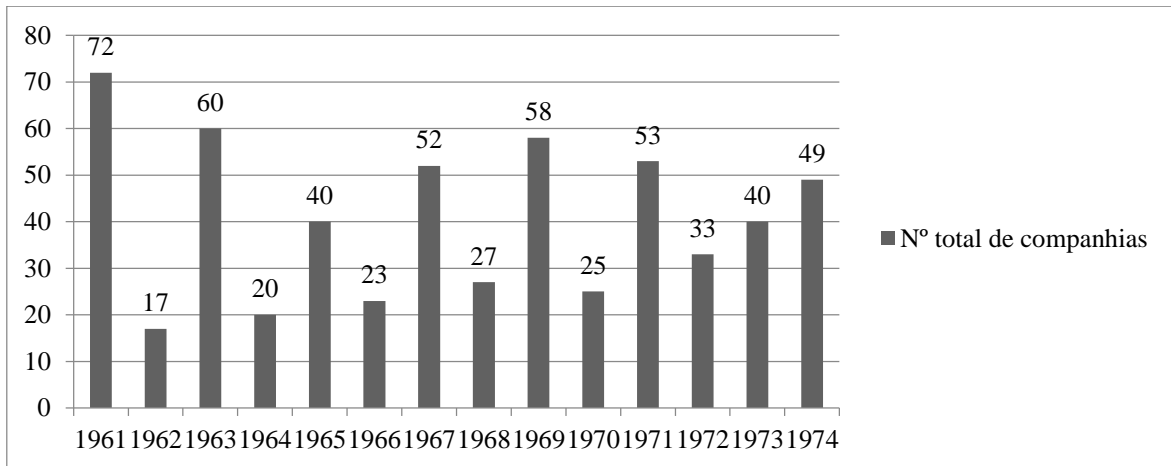


Figura 16 – Número de CCAç independentes e inseridas em BCAç mobilizadas para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

Para o TO de Angola foram mobilizadas 569 CCAç, sendo que o ano 1961 foi aquele em que a mobilização de CCAç foi mais elevada, registando-se depois picos de mobilização de dois em dois anos até ao ano de 1972, onde foram mobilizadas trinta e três CCAç, no ano seguinte quarenta e em 1974 quarenta e nove.

4.4. Mobilização de Pelotões de Caçadores independentes

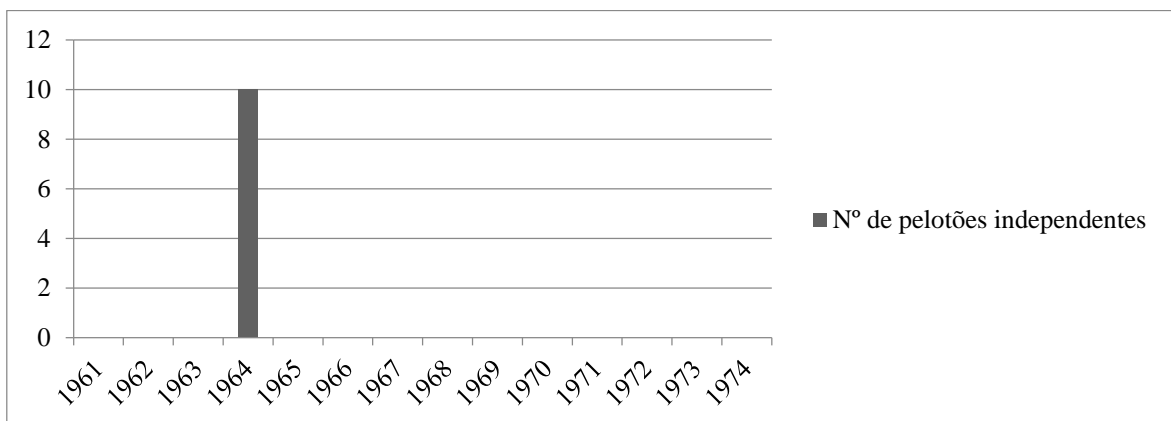


Figura 17 – Número de PelCAç independentes mobilizados para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

Os PelCaç foram mobilizados no ano de 1964, num total de dez. Foi o único ano em que decorreu mobilização desta tipologia de unidade para o TO de Angola.

4.5. Mobilização de Pelotões de Morteiros

Durante o período em estudo, foram mobilizados 139 PelMort para Angola. No próximo gráfico está ilustrado o ritmo de mobilização desta tipologia de unidade de Infantaria ao longo dos anos de conflito.

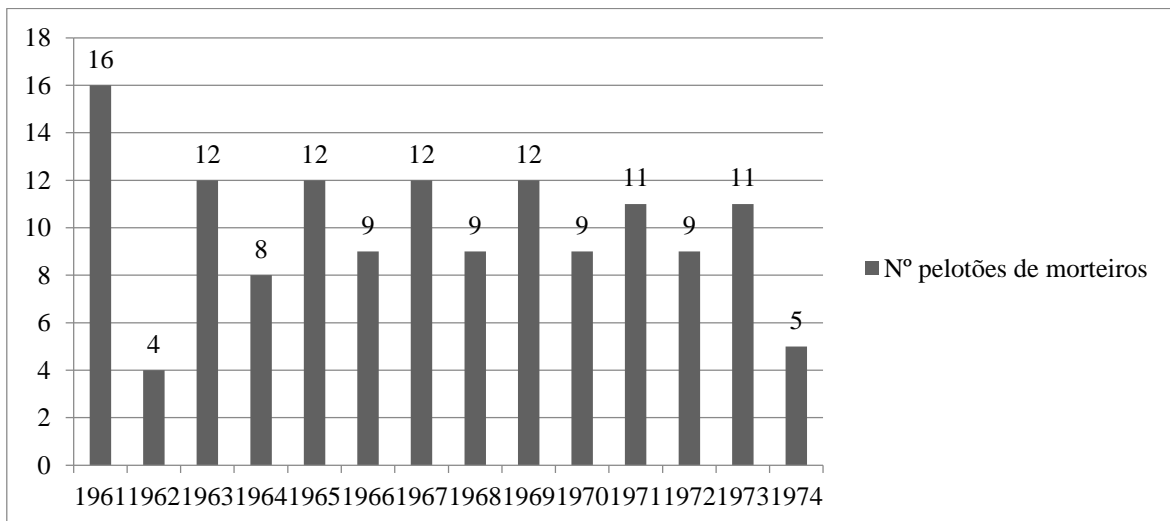


Figura 18 – Número de PelMort mobilizados para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

Como nos BCaÇ e CCaÇ, os PelMort também tiveram o seu pico de mobilização no ano de 1961 com um total de dezasseis unidades mobilizadas, sendo que no ano seguinte apenas foram mobilizadas quatro unidades. A partir do ano de 1963 verifica-se uma constância na mobilização deste tipo de unidades, visto que nos anos de 1963, 1965, 1967 e 1969 ocorreram doze mobilizações, no ano de 1964 houve oito PelMort mobilizados e nos anos de 1966, 1968, 1970 e 1972 foram mobilizados 9 PelMort. Nos anos de 1971 e 1973 foram mobilizados 11 PelMort, e em 1974 apenas 5. Denota-se assim, a partir de

1963, que nos anos ímpares o número de mobilização é superior ao número de mobilização do ano par seguinte, elucidando a constância de mobilização de dois em dois anos.

4.6. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo

Os PelCanh foram pouco utilizados no TO de Angola, mas ainda assim foram enviados 21 Pelotões Canhão sem Recuo. O seguinte gráfico mostra que, seguindo os ciclos de 2 anos das comissões, foram mobilizados 3 Pelotões de dois em dois anos.

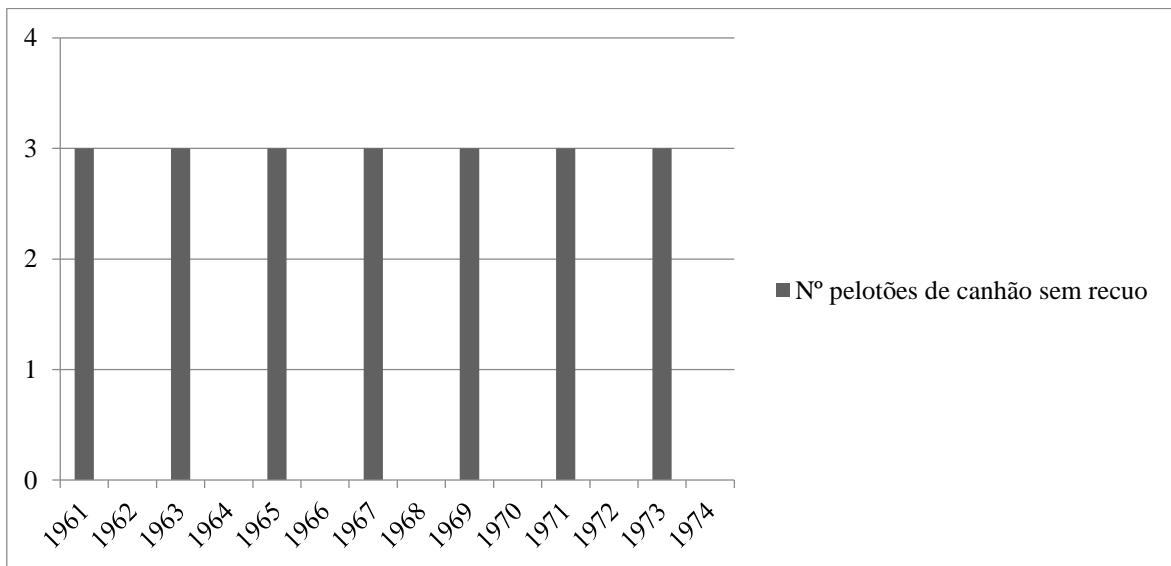


Figura 19 – Número de PelCanh mobilizados para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

Capítulo 5

Teatro de Operações de Guiné

A Guiné encontra-se localizada na costa ocidental de África, com uma configuração triangular, inserida entre o Senegal e a República da Guiné e é banhada a oeste pelo Oceano Atlântico. A sua capital é Bissau e é constituída por uma parte continental e uma parte insular sendo a sua superfície total de 31.800 km² (CECA,1989b). Dadas as suas características, quer a nível de dimensão quer da sua morfologia, torna-se um TO favorável às forças de guerrilha que nela atuam. A guerra na Guiné iniciou-se com grande intensidade, provocada pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo (PAIGC), liderado por Amílcar Cabral.

Pela análise das cartas de situação do dispositivo das tropas na Guiné, verifica-se que a concentração das mesmas era muito elevada, tendo em conta o tamanho do TO. Em 1963 foram criadas três novas zonas de ação (ZA) perfazendo um total de sete ZA de Batalhão¹⁹. No ano de 1965 decorre um processo de remodelação que traz uma melhoria no enquadramento das forças, sendo esta remodelação aplicada no ano seguinte, assim, o TO estava dividido em quatro zonas²⁰: Oeste (dividida em seis setores de Batalhão), Leste e Sul (divididas em três setores de Batalhão cada uma) e Bissau (constituída por um setor de Batalhão independente designado por setor B). Em 1974²¹ existem zonas de intervenção do comando-chefe as quais não eram atribuídas a forças de quadrícula, e foi criada a ZA de Bijagós (CECA,1989b).

5.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores

O ano de 1963 fica marcado pelo eclodir da guerra no TO da Guiné, pelo que os BCaç de reforço, só começaram a ser mobilizados nesse ano. No seguinte gráfico está ilustrado o ritmo de mobilização de BCaç.

¹⁹ Consultar Anexo F

²⁰ Consultar Anexo G

²¹ Consultar Anexo H

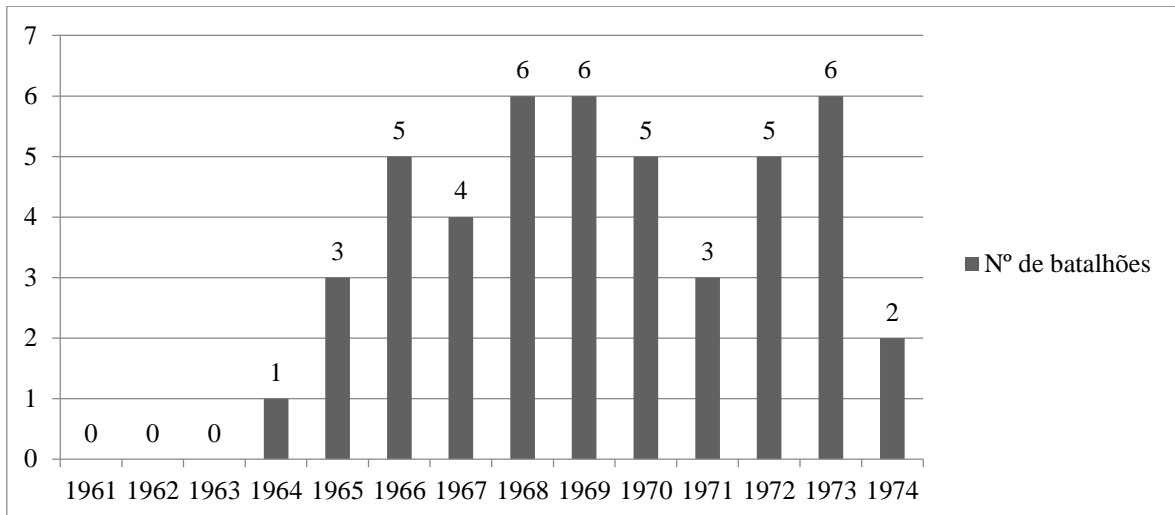


Figura 20 – Número de BCaç mobilizados para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

No primeiro ano de luta armada apenas um BCaç foi mobilizado, passando para três no ano seguinte e cinco em 1966. O número máximo de BCaç foi de seis unidades nos anos de 1968, 1969 e em 1970. Desde o ano de 1968 até 1973 o ritmo de mobilização foi pouco variável, exceto em 1971 que foram mobilizados três BCaç. No ano de 1974 a mobilização decresceu abruptamente só sendo mobilizados dois BCaç. Durante a luta armada foram mobilizados 46 BCaç.

Para a análise dos BCaç é igualmente importante fazer análise às CCaç que neles foram inseridas, denota-se que no ano de 1974 os dois BCaç mobilizados apenas continham cinco²² CCaç. Para a Guiné, inseridas em BCaç, foram mobilizadas 137 CCaç.

²² Em 1974 o BCaç n° 4612/74 era constituído pela 1ªC/BCaç 4612/74 e pela 2ªC/BCaç 4612/74

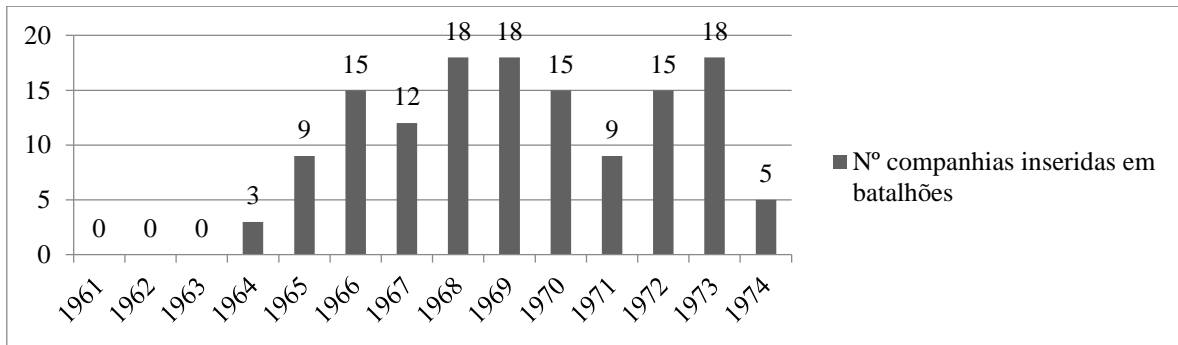


Figura 21 – Número de CCaç inseridas em BCaç mobilizadas para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

5.2. Mobilização de Companhias de Caçadores

5.2.1. Mobilização de Companhias de Caçadores independentes

Aquando do início da luta armada em Angola, foi necessário reforçar os efetivos nas outras Províncias Ultramarinas, motivo pelo qual foram mobilizadas CCaç independentes para a Guiné nos anos antecedentes à guerra neste TO

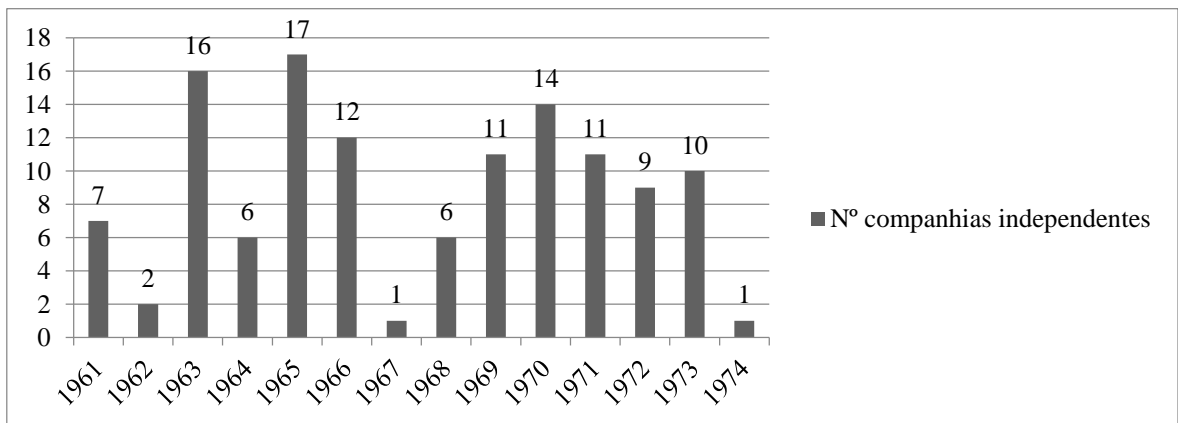


Figura 22 – Número de CCaç independentes mobilizadas para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

É notório, pela análise do gráfico anterior, que a partir de 1963 a mobilização aumentou exponencialmente, nesse mesmo ano foram mobilizadas oito vezes mais unidades que no ano anterior, é visível que para este Teatro de Operações a utilização de BCaç e de CCaç independentes foi muito equilibrada, já que se utilizaram 46 BCaç (137 CCaç) e 123 CCaç independentes. No ano de 1963 não foram mobilizados BCaç, sendo dada primazia às CCaç. Em 1965 foram mobilizadas o maior número de CCaç, dezassete, decrescendo para doze no ano seguinte e apenas para uma no ano de 1967, aliás foi neste ano e em 1974 que houve menor mobilização destas unidades.

5.3. Totalidade de Companhias de Caçadores mobilizadas

Com intuito de ter uma percepção acerca da quantidade de unidades mobilizadas tipo CCaç, é necessário contabilizar as CCaç independentes e as inseridas em BCaç. No próximo gráfico está representado o ritmo de mobilização, bem como a quantidade de unidades tipo CCaç que foram mobilizadas para o TO da Guiné durante os anos em estudo.

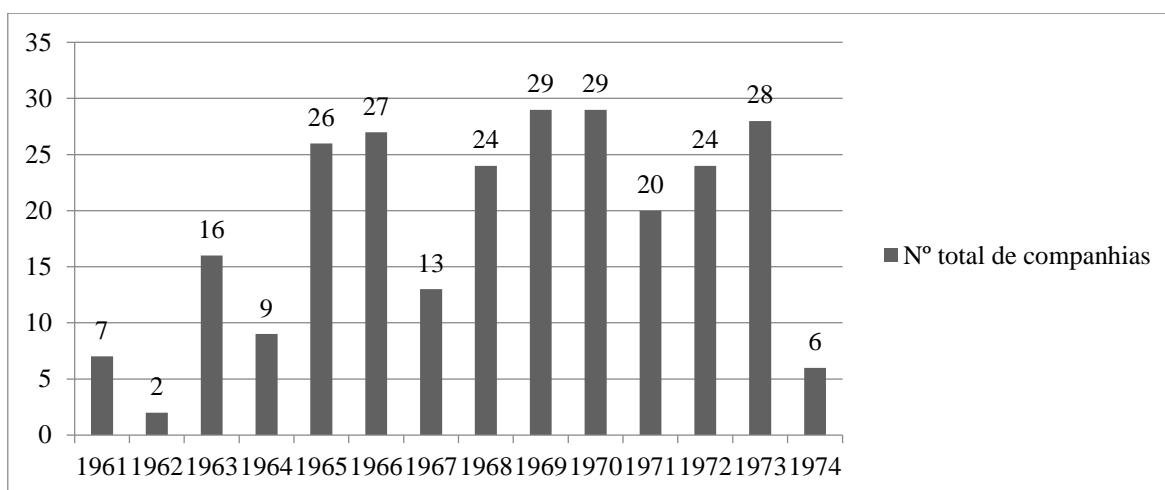


Figura 23 – Número total de CCaç independentes e inseridas em BCaç mobilizadas para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

Através da análise do gráfico anterior verifica-se que apesar da luta armada se ter iniciado em 1963, apenas em 1965 foram mobilizadas grandes quantidades de unidades de

CCaç. Verifica-se que em 1967 houve uma redução da mobilização de efetivo, sendo apenas mobilizadas treze CCaç, no entanto nos anos seguintes a mobilização foi muito elevada até ao ano de 1974 onde foram mobilizadas seis CCaç. Para o TO da Guiné foram enviadas 260 CCaç ao longo dos treze anos de guerra.

5.4. Mobilização de Pelotões de Caçadores independentes

No TO da Guiné os PelCaç foram pouco utilizados, apenas onze unidades foram mobilizadas, deixando de ser enviados para o TO em 1964.

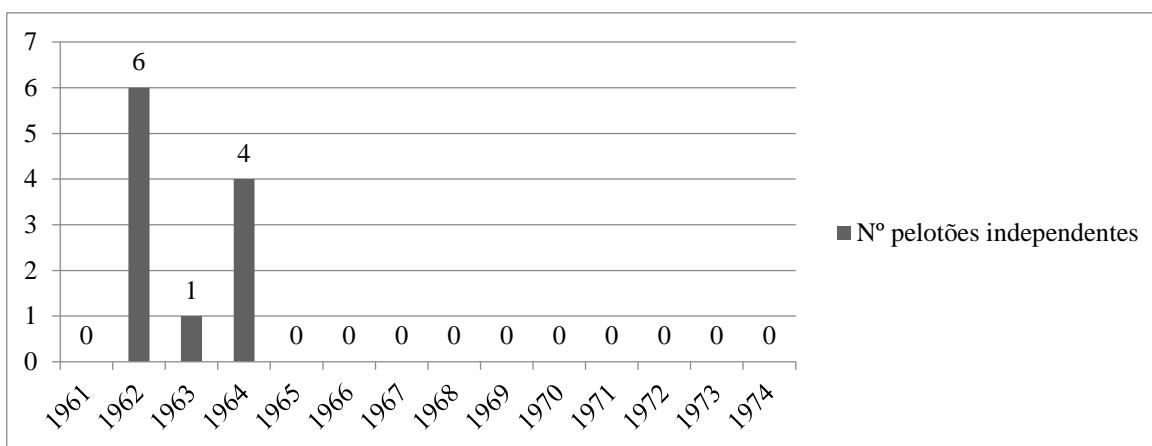


Figura 24 – Número de PelCaç independentes mobilizados para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

A mobilização de PelCaç iniciou-se em 1962 com seis unidades, sendo o ano em que houve maior número deste tipo de unidade enviado para o TO da Guiné, em 1963 foi enviada uma unidade e no ano seguinte quatro, o que perfaz um total de 11 unidades de PelCaç mobilizadas para o TO da Guiné.

5.5. Mobilização de Pelotões de Morteiros

O início da mobilização de PelMort iniciou-se em 1962 e até 1967 o ritmo de mobilização foi pouco variável. Em 1969 ocorreu a maior mobilização desta tipologia, nove unidades foram enviadas para o TO da Guiné. A partir de 1971 até 1973 o número de unidades mobilizadas foi sempre decrescente. Pela análise do gráfico seguinte verifica-se que foram mobilizadas 60 PelMort.

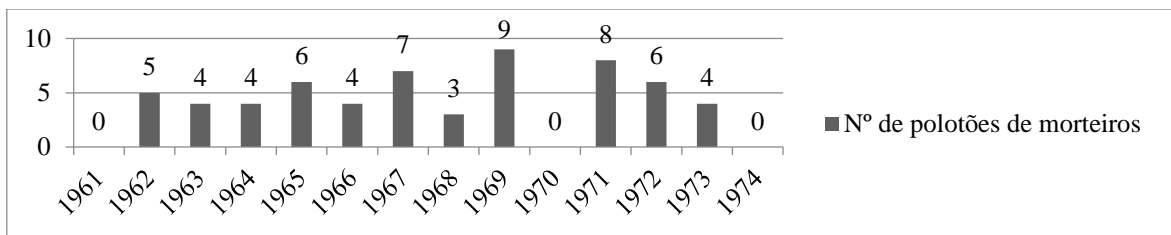


Figura 25 – Número de PelMort mobilizados para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

5.6. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo

A mobilização de PelCanh foi de certa forma constante, verificando-se pelo gráfico em baixo que por ano eram mobilizados zero, um ou dois PelCanh, à exceção dos anos de 1970 e 1973, onde foram mobilizados quatro e três PelCanh, respetivamente. Desta tipologia foram enviadas 19 unidades para o TO da Guiné.

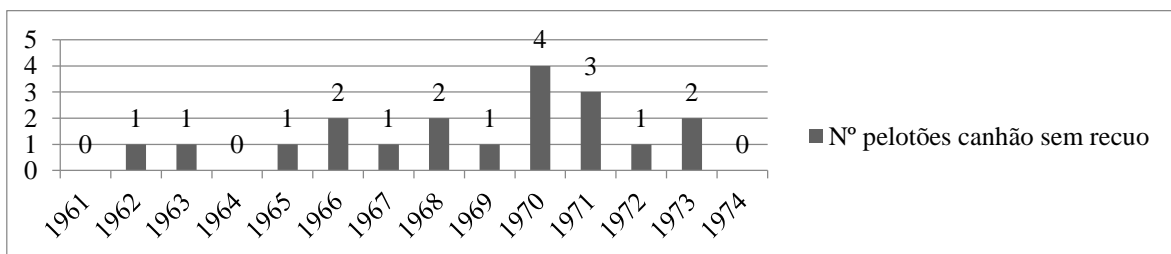


Figura 26 – Número de PelCanh mobilizados para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

Capítulo 6

Teatro de Operações de Moçambique

A província de Moçambique tinha a sua capital em Lourenço Marques (atual Maputo), dispendo de uma área de 799.380 km². Atualmente faz fronteira a Norte com a República da Tanzânia, a noroeste com o Malawi e a Zâmbia, a oeste com o Zimbabwe (antiga Rodésia) e a República da África do Sul, e a Sul com a Suazilândia e a África do Sul.

Em Moçambique a luta armada iniciou-se no segundo semestre de 1964, aproximadamente três anos depois de Angola e dois da Guiné. As zonas das áreas de operações, sobretudo a Norte, estavam a grande distância dos grandes centros populacionais, em especial no litoral na zona da Beira em Tete e Lourenço Marques (Gomes, 2010). As Forças Armadas Portuguesas (FAP), lutavam contra a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), fundada em 1962 através da junção da União Nacional Democrática de Moçambique (UDENAMO), Mozambique African National Union (MANU) e a União Nacional de Moçambique Independente (UNAMI) (CECA,1989c).

Em 1963²³ a Região Militar de Moçambique (RMM), com quartel-general situado em Lourenço Marques, dividia-se em três comandos territoriais, o primeiro a Norte (CTN) com sede em Nampula, o segundo ao centro (CTC) com sede na Beira e o terceiro a Sul (CTS) com sede em Lourenço Marques. Cada um destes comandos territoriais estava dividido em setores de Batalhão (de guarnição normal ou reforço). O CTN estava, inicialmente, dividido em quatro setores de Batalhão e o CTC e CTS em três setores de Batalhão, cada um. Em 1965²⁴, dado o aumento de atividades de sublevação, foi criada a Zona de Intervenção Norte (ZIN) e o setor Zambézia que se dividia em setor A, B e C, dentro do CTN (CECA,1989c).

Ao longo da guerra, várias alterações foram feitas ao dispositivo, quer com a criação ou extinção de setores, quer com o reforço ou enfraquecimento de certas áreas, assim sendo, em 1974 existiam a Norte, no antigo CTN, o setor A, B, C e D²⁵, no CTC²⁶

²³ Consultar anexo I

²⁴ Consultar anexo J

²⁵ Consultar anexo K

foi criada a Zona de Operações de Tete (ZOT), enquanto o CTS²⁷ apenas era constituído por um único setor (CECA,1989c).

6.1. Mobilização de Batalhões de Caçadores

Já em 1961 tinha sido mobilizado um BCaç, a partir daí, só em 1964 iriam ocorrer mais mobilizações de BCaç com o início da luta armada em Moçambique. Pela observação do gráfico em baixo, constata-se que existem dois picos de mobilização, em 1967 e em 1971, tendo sido mobilizados 9 BCaç em cada ano. Verifica-se que a partir de 1968 até 1974, excluindo 1971, a variação de mobilização de BCaç não foi muito acentuada, estando compreendida entre 5 e 7 BCaç.

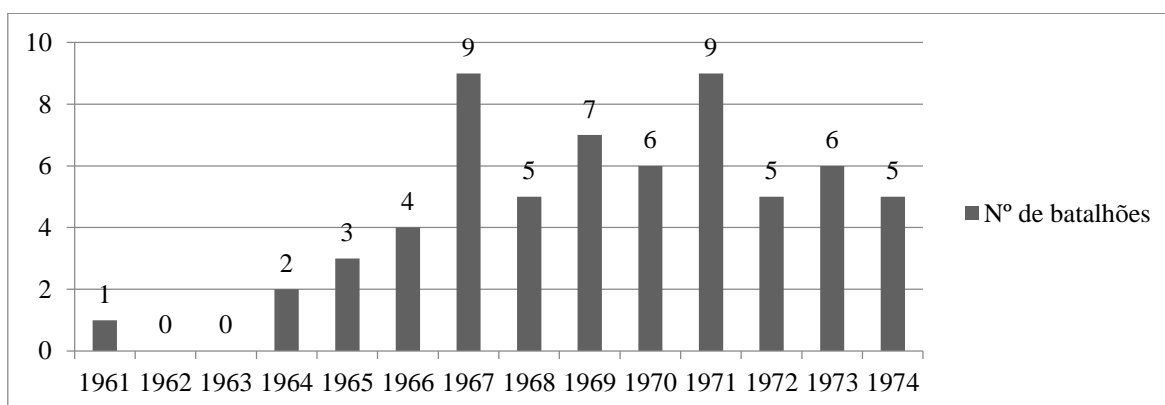


Figura 27 – Número de BCaç mobilizados para o TO de Moçambique

Fonte: Elaboração própria

Para o TO de Moçambique, através da observação do gráfico anterior, verifica-se que foram mobilizados 64 BCaç.

Analisando o seguinte gráfico, que corresponde ao número de CCaç inseridas em BCaç, verifica-se que em 1967²⁸, 1969²⁹ e 1971³⁰ nem todos os BCaç mobilizados não eram constituídos pela orgânica tipo de um BCaç.

²⁶ Consultar anexo K

²⁷ Consultar anexo K

²⁸ Em 1967 o BCaç n°1936 era constituído pela CCaç n°1799.

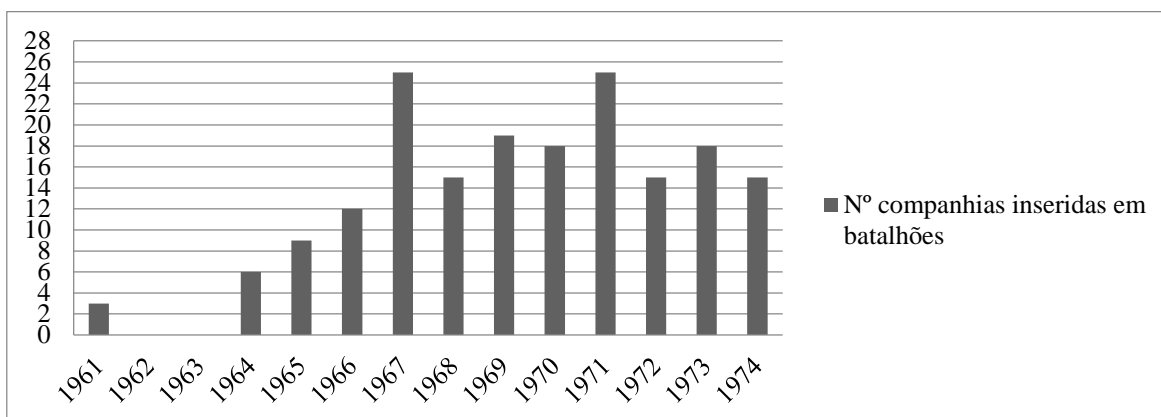


Figura 28 – Número de CCAç inseridas em BCCAç mobilizadas para o TO de Moçambique

Fonte: Elaboração própria

Analisando o gráfico anterior, averigua-se que foram mobilizadas 180 CCAç inseridas em BCCAç.

6.2. Mobilização de Companhias de Caçadores

6.2.1. Mobilização de Companhias de Caçadores independentes

A mobilização de unidades de CCAç independentes está intimamente relacionada com a mobilização de BCCAç, analisando o gráfico seguinte, é possível referenciar alturas de maior mobilização de CCAç, as quais, coincidem com as alturas de menor mobilização de BCCAç sendo que o contrário também ocorre. Por exemplo, entre 1961 e 1964 o ritmo de mobilização de CCAç variou entre oito e nove unidades por ano, é nessa altura que se regista a menor taxa de mobilização de BCCAç. Curiosamente no ano de 1965 foram mobilizadas três unidades tanto de CCAç como de BCCAç. No ano de 1967, 1969, 1971 não houve envio de unidades de CCAç e no ano de 1973 apenas uma CCAç foi mobilizada, estes anos correspondem ao período de menor mobilização de CCAç, em contraste, nestes

²⁹ Em 1969 o BCCAç n°2895 era constituído pela CCAç n° 2623.

³⁰ Em 1971 o BCCAç n° 3866 era constituído pela CCAç n°3468.

mesmos anos foi quando o ritmo de mobilização de BCaç foi mais elevado. Por outro lado, em 1966, 1968, 1970 e 1972 correspondem aos anos de maior mobilização de CCaç e analisando a mobilização de BCaç, verifica-se que nestes anos o ritmo de mobilização foi menor.

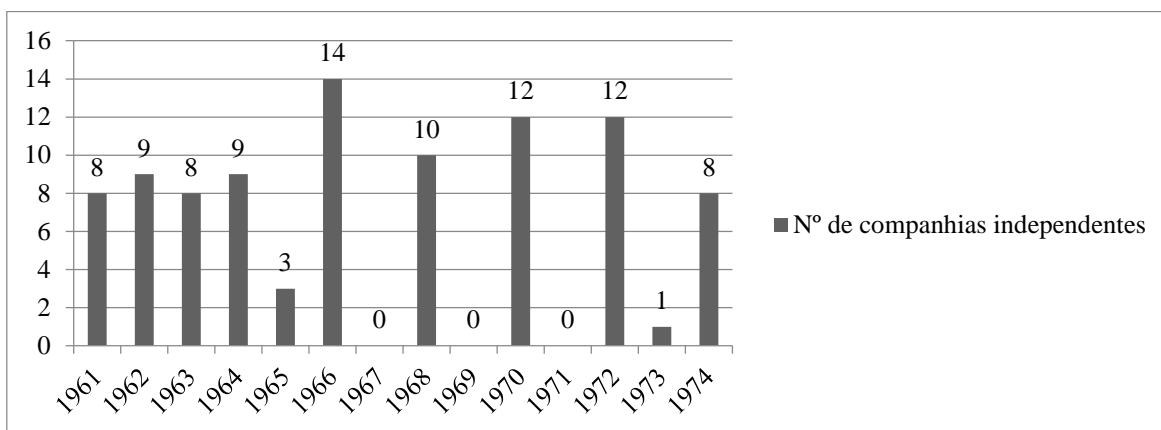


Figura 29 – Número de CCaç independentes mobilizadas para o TO de Moçambique

Fonte: Elaboração própria

Durante o período em estudo, para o TO de Moçambique foram mobilizadas 94 CCaç.

6.3. Totalidade de Companhias de Caçadores mobilizadas

O seguinte gráfico mostra a totalidade de CCaç, tanto independentes como inseridas em BCaç, é notório que, a partir do ano de 1966 a mobilização aumentou mais do dobro do que até aí vinha sendo feita. No total, para ter uma noção global do esforço em termos de CCaç, foram enviadas para o TO de Moçambique 274 CCaç durante o período em estudo.

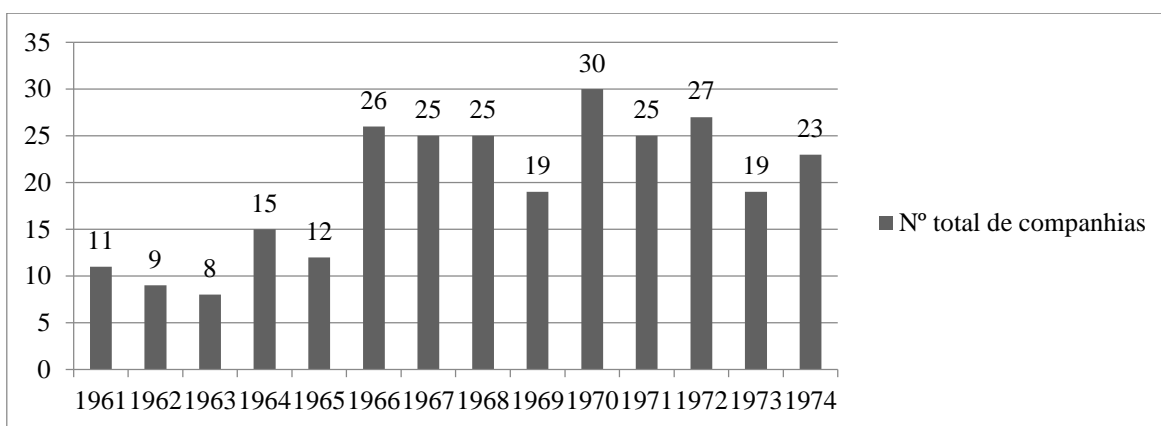


Figura 30 – Número total de CCaç independentes e inseridas em BCaç mobilizadas para o TO de Moçambique

Fonte: Elaboração própria

6.4. Mobilização de Pelotões de Canhão sem Recuo

Esta tipologia apenas foi mobilizada nos anos de 1966, 1967, 1969 e 1971. Denota-se uma constância no número de unidades mobilizadas, foram enviadas duas unidades de PelCanh nos anos em que houve mobilização para o TO de Moçambique, o que perfaz um total de 8 PelCanh mobilizados.

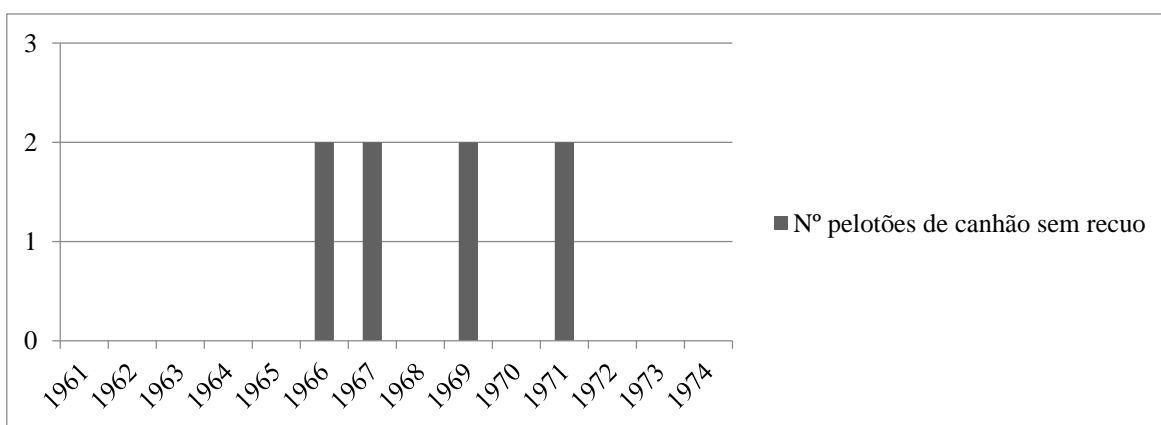


Figura 31 – Número de PelCanh mobilizados para o TO de Moçambique

Fonte: Elaboração própria

Conclusões e Recomendações

Após a recolha e análise dos dados, é necessário efetuar a sua interpretação, sendo esta a etapa que antecede a comunicação dos resultados (Fortin, 2009). Nesta fase é crucial responder às questões derivadas, com o intuito de chegar à resposta à questão central.

Relativamente à primeira questão de investigação, **“Quais foram as unidades mobilizadoras da Arma de Infantaria da metrópole para emprego operacional na Guerra de África (1961-1974)?”**, concluímos que pela análise dos anteriores capítulos, as unidades mobilizadoras da Arma de Infantaria foram: RI1 – Amadora; RI2 – Abrantes; RI3 – Beja; RI4 – Faro; RI5 – Caldas da Rainha; RI6 – Porto; RI7 – Leiria; RI8 – Braga; RI10 – Aveiro; RI11 – Setúbal; RI12 – Coimbra; RI13 – Vila Real; RI14 – Viseu; RI15 – Tomar; RI16 – Évora; BC5 – Lisboa; BC6 – Castelo Branco; BC8 – Elvas; BC9 – Viana do Castelo; BC10 – Chaves; BII17 – Angra do Heroísmo; BII18 – Ponta Delgada; BII19 – Funchal; EPI – Mafra e 2ºGCAM – Póvoa de Varzim.

Face à segunda questão de investigação, **“Qual foi a tipologia das unidades mobilizadas pela Arma de Infantaria da metrópole para emprego operacional na Guerra de África (1961-1974)?”** e tendo em conta o que foi apresentado no capítulo 3, as unidades básicas da Infantaria para as operações contra bandos armados e guerrilhas foram a CCaç e o BCaç. Além dessas foram constituídas outras, tais como Pelotões de Caçadores independentes, Pelotões de Morteiros e de canhões sem Recuo, mobilizados como sub-unidades independentes mas destinadas a ficarem integrados em Batalhões ou outras unidades de escalão superior.

No que respeita à terceira questão de investigação, **“Como decorreu o ritmo de mobilização de Batalhões de Caçadores, ao longo do período em estudo para os três TO?”**, denota-se que aquando do início da guerra, a mobilização foi muito elevada, porém até ao ano de 1966 não se identifica algum tipo de constância no ritmo de mobilização, sendo que, a partir dessa data, o ritmo de mobilização foi relativamente constante de dois em dois anos, identifica-se também, que nos anos par a mobilização foi na ordem dos 14 a 18 Batalhões e nos anos ímpar a mobilização era de 22 a 28 Batalhões por ano. Em 1969 ocorreu a maior mobilização de unidades de BCaç, 28, sendo que, a partir desta data o ritmo de mobilização foi sempre decrescente até ao final da guerra em 1974.

Relativamente à quarta questão de investigação, **“Como decorreu o ritmo de mobilização de Companhias e de Pelotões de Caçadores independentes, ao longo do período em estudo para os três TO?”**, O ritmo de mobilização de CCaç independentes até 1969 foi muito incerto, onde não se denota nenhum tipo de continuidade, porém a partir dessa data é facilmente referenciável uma sequência de mobilização, sendo possível detetar que nos anos ímpar a mobilização é maior que nos anos par. No que respeita aos PelCaç independentes, a sua utilização foi muito limitada sendo apenas utilizados no TO de Angola e Guiné, é possível identificar que seis PelCaç foram mobilizados no ano de 1962 e um no ano seguinte para o TO da Guiné, dez em 1964 para o TO de Angola e quatro para o TO de Guiné, nesse mesmo ano, sendo que a partir daqui este tipo de unidade deixou de ser mobilizado para os TO.

Fase à quinta questão de investigação, **“Como decorreu o ritmo de mobilização de unidades de Morteiros e de Canhão sem Recuo ao longo do período em estudo para os três TO?”**, conclui-se que relativamente aos PelMort, a sua mobilização foi relativamente constante, de dois em dois anos, ou seja, a mobilização efetuada nos anos par é semelhante, passando-se o mesmo com os anos ímpar. Porém em 1972 e 1973 a mobilização foi igual, diminuindo drasticamente no ano seguinte. Quanto aos PelCanh, e em contraste com as unidades de PelMort, foram muito pouco utilizados e a sua mobilização foi pouco rítmica. Em 1964 e 1974 não foram mobilizados PelCanh para qualquer dos três TO. É de notar um pico de mobilização no ano de 1971, onde foram mobilizados 8 Pelotões desta tipologia. Verifica-se que nos anos par a mobilização diminui, e nos anos ímpar aumenta, à exceção do ano de 1965 e 1966 onde o número de unidades mobilizadas foi o mesmo.

Relativamente à sexta, sétima e oitava questões de investigação, foi necessário fazer uma adaptação do total de unidades, ou seja, para que a perceção da utilização de todas as tipologias de unidades de Infantaria em cada TO seja mais realista, é necessário ter uma unidade padrão de comparação, sendo que, o Pelotão foi a unidade de comparação utilizada. A sexta questão de investigação, **“Qual foi a dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria (nas diversas tipologias) para emprego no TO de Angola?”**, é respondida através da análise do Capítulo quarto, a qual pode ser sintetizada com a ilustração seguinte.

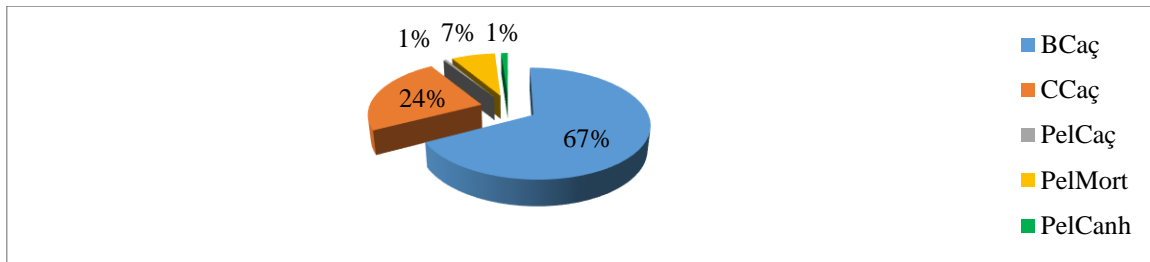


Figura 32 – Dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria para o TO de Angola

Fonte: Elaboração própria

A figura anterior resume todos os dados apresentados no Capítulo quarto, e utilizando o Pelotão como unidade de referência, podemos concluir que a tropa de Infantaria mobilizada para o TO de Angola pode ser assim apresentada: O BCaça foi a tipologia de unidade de Infantaria mais utilizada no TO de Angola, representando 67% do efetivo total mobilizado pela Arma de Infantaria. As CCaça representavam 24%, os PelMort 7% e finalmente os PelCaça e PelCanh com um total de 1% cada um.

Para o TO da Guiné, uma vez que a sétima questão de investigação, **“Qual foi a dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria (nas diversas tipologias) para emprego no TO da Guiné?”** é em tudo igual à questão de investigação anterior, tendo em consideração o TO da Guiné, para onde foram mobilizados 411 Pelotões de BCaça, 369 Pelotões de CCaça, 60 Pelotões de PelMort, 19 Pelotões de PelCanh e 11 Pelotões de PelCaça. A figura em baixo demonstra o peso de cada tipologia de unidade de Infantaria utilizada no TO da Guiné.

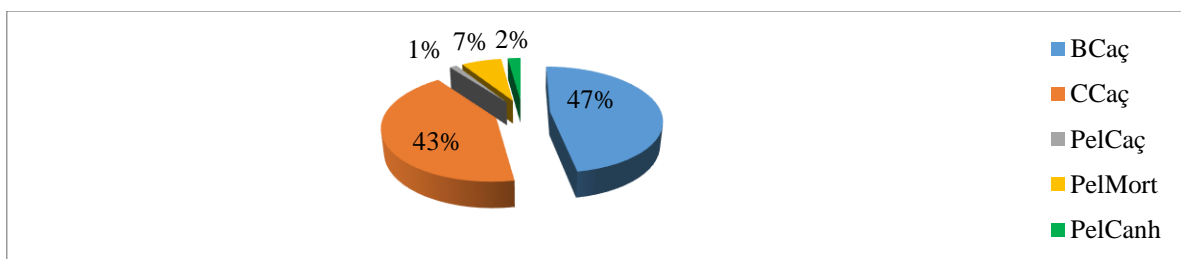


Figura 33 - Dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria para o TO de Guiné

Fonte: Elaboração própria

Pela análise da figura é possível verificar que o número de homens mobilizados, quer inseridos em BCaç, quer em CCaç independentes foi muito parecido, havendo no entanto uma ligeira vantagem para os BCaç. Estes dois tipos de unidades foram os mais utilizados no TO da Guiné, sendo que, os BCaç representavam 47% do total de homens mobilizados, as CCaç independentes representavam 43%, os PelCaç 1%, os PelMort 7% e os PelCanh 2%.

A última questão de investigação diz respeito ao TO de Moçambique, e insere-se no âmbito das duas questões anteriores, **“Qual foi a dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria (nas diversas tipologias) para emprego no TO de Moçambique?”**. No Capítulo 6 é referida a totalidade da mobilização de cada tipologia para o TO de Moçambique, sendo que, através da unidade de comparação, o Pelotão, verifica-se que foram mobilizados 576 Pelotões de BCaç, 282 Pelotões de CCaç, e 8 Pelotões de PelCanh. A figura seguinte destina-se a fornecer uma maior noção sobre a dimensão de cada tipologia de unidade no TO de Moçambique.

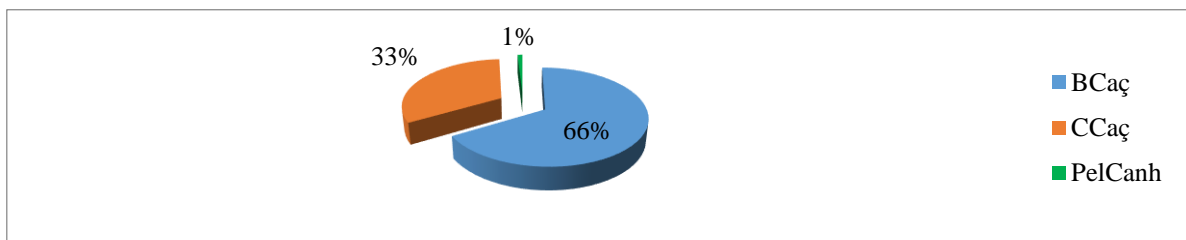


Figura 34 - Dimensão relativa da mobilização de unidades de Infantaria para o TO de Moçambique

Fonte: Elaboração própria

Este foi o único TO em que apenas foram mobilizados três tipologias de unidades de Infantaria. Como é notório pela figura, os BCaç foram o tipo de unidade mais utilizada neste TO, com um total de 66% dos efetivos totais, as CCaç independentes representavam 33% dos efetivos, enquanto os PelCanh apenas representavam 1% do total dos efetivos mobilizados para o TO de Moçambique.

Uma vez terem sido dadas as respostas às questões derivadas e utilizando os dados de toda a investigação, torna-se possível responder à questão **“Como foi o empenhamento da Arma de Infantaria relativamente à tipologia das unidades e esforço de**

mobilização durante a Guerra de África (1961-1974), em cada um dos três Teatros de Operações?”, a qual deu origem a esta tese de investigação aplicada.

Tendo em conta toda a investigação é possível identificar quais as unidades mobilizadoras que mais contribuíram para o esforço de mobilização da Arma de Infantaria. Relativamente às unidades tipo BCaÇ e CCaÇ e tendo em conta as figuras 35 e 36 presentes no anexo N, é notória que o RI2 – Abrantes foi a unidade que deteve o maior esforço de mobilização, representando 19% do total da mobilização, seguidamente apresenta-se o RI15 – Tomar com 17%, RI1 – Amadora com 16%, BC10 – Chaves com 15% e RI16 – Évora com 13%. Estas foram as unidades mobilizadoras da Arma de Infantaria mais relevantes no esforço de mobilização.

Quanto à dimensão total da mobilização de todas as tipologias de unidades de Infantaria e tendo em conta o Pelotão como unidade de comparação é possível elaborar o gráfico da figura 35, abaixo exposto.

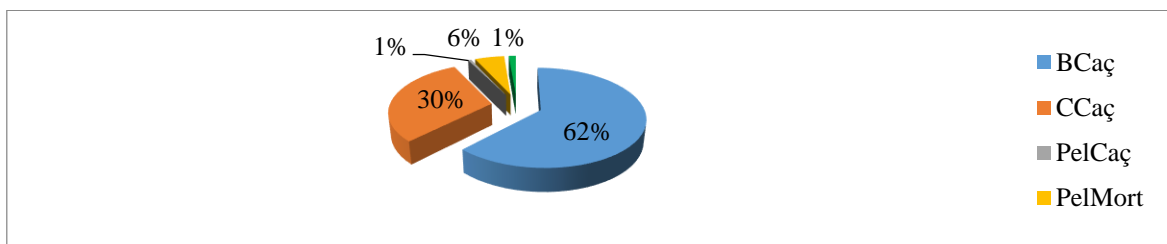


Figura 35 – Dimensão da totalidade do esforço da Arma de Infantaria nas diversas tipologias

Fonte: Elaboração própria

O grande esforço de mobilização foi ao nível das unidades tipo BCaÇ, a qual representa 62% do total de unidades mobilizadas para os três TO durante o período em estudo. Ainda com relevante importância, convém referir as CCaÇ independentes as quais representaram 30% do total de unidades mobilizadas. Os PelCaÇ independentes foram pouco utilizados, representando apenas 1%. As unidades de apoio ao combate, naturalmente representam uma menor percentagem de mobilização face às outras tipologias mobilizadas pela Arma de Infantaria, no entanto é interessante referenciar que os PelMort foram as unidades de apoio ao combate preferencialmente utilizadas, 6%, enquanto os PelCanh apenas representam 1% do total de mobilizações. Dado que se

apresentaram as percentagens relativas, é importante organizar os dados numa única tabela onde se lê as quantidades de unidades mobilizadas para cada TO, representado na tabela nº17 no Apêndice S.

Com a elaboração deste trabalho conclui-se que para o TO de Angola, a unidade mais utilizada foi o BCaç, representando 67% do total de forças mobilizadas pela Arma de Infantaria, identifica-se também que em 1972 foi o ano de maior mobilização, com 72 CCaç (CCaç independentes e inseridas em BCaç), 16 PelMort e 3 PelCanh. Para o TO da Guiné, a unidade mais utilizada foi os BCaç com 47%, no entanto, as CCaç independentes representam 43% da mobilização, sendo muito equilibrada, identifica-se também que em 1969 foi o ano de maior mobilização com 29 CCaç (CCaç independentes e inseridas em BCaç), 9 PelMort e 1 PelCanh. Para o TO de Moçambique, verifica-se que o BCaç foi a unidade mais utilizada com 66% da mobilização de unidades, ainda, identifica-se que em 1970 foi o ano de maior mobilização com 30 CCaç (CCaç independentes e inseridas em BCaç).

É igualmente oportuno anunciar a unidade mobilizadora com maior contributo para cada TO (figura 37 do Anexo N), verifica-se que para o TO de Angola o maior contributo foi prestado pelo RI2 – Abrantes, para o TO de Guiné RI15 – Tomar e para o TO de Moçambique o BC10 – Chaves.

Fazendo a análise da totalidade de efetivos mobilizados da metrópole para o ultramar³¹, verifica-se que o total de efetivo de Angola foi sempre superior aos outros TO, o mesmo acontece no caso da mobilização específica da Arma de Infantaria, que foi sempre mais expressiva. O TO de Moçambique e Guiné têm equivalência de efetivos mobilizados, verificando-se o mesmo na Arma de Infantaria, a qual enviou para cada um destes TO uma quantidade de Companhias, independentes e inseridas em BCaç, muito próxima (274 Companhias para Moçambique e 260 Companhias para a Guiné) enquanto, para Angola mobilizou no total 569 Companhias, representando quase o valor das Companhias enviadas para os outros dois TO.

Esta investigação abordou a mobilização de unidades de Infantaria de quadrícula para os TO da Guerra do Ultramar, para investigações futuras é de relevante importância que se faça a mesma investigação para as designadas unidades de intervenção (Batalhões e Companhias de Comandos, unidades de Fuzileiros e de Paraquedistas).

³¹ Ver tabela nº18 do Apêndice S

Bibliografia

Fontes do arquivo histórico Militar:

PT/AHM/DIV/2/2/114/10 – BCaç 1455 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/2/156/4 – CCaç 793 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/2/159/4 – PelMort 974 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/2/160/15 – CCaç 158 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/2/201/9 – CCaç 759 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/2/23/24 – CCaç 1621 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/2/91/3 – BCaç 1866 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/124/22 – PelCaç 55 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/124/23 – PelCaç 58 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/129/6 – PelMort 3020 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/129/6 – PelMort 3030 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/129/6 – PelMort 3030 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/69/4 – PelMort 979 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/70/10 – PelCanh 1154 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/4/86/1 – BCaç 159 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/7/73/29 – PelCanh 1015 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/7/73/30 – PelCanh 1016 – História de Unidade.
PT/AHM/DIV/2/7/73/30 – PelCanh 1017 – História de Unidade.

Fontes editadas:

Afonso, A., & Gomes, C. M. (2010). *Os Anos da Guerra Colonial-1961.1975*. Lisboa: QuidNovi.

Afonso, A., & Gomes, C. M. (2010). *Os Anos da Guerra Colonial-1961.1975.- Unidades Mobilizadas* Lisboa: QuidNovi.

Afonso, A., & Gomes, C. M. (2009). *Os Anos da Guerra Colonial – 1961 – Volumes 1 a 16*. Lisboa: QuidNovi.

Borges, J. (2010). A Formação de Oficiais. In Lourenço, J. (Coord), *A Academia Militar e a Guerra de África*. Lisboa: Offsetmais Artes Gráficas, S.A.

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Invetigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cervelló,J.(1998). ONU e Portugal – Do impasse ao litígio, In Afonso e Gomes, C.M. (Coord).*Guerra Colonial*. Lisboa: Diário de Notícias.

Couto, A. C., (1988). *Elementos de Estratégia: Apontamentos para um curso*. Pedrouços: Instituto de Altos Estudos Militares.

Estado-Maior do Exército, Comissão para o Estudo das Campanhas de África, (1988). Resenha Histórico-Militar Das Campanhas De África (1661-1974), Enquadramento Geral, 1ºVolume. (2ªEd.) Lisboa.

Estado-Maior do Exército, Comissão para o Estudo das Campanhas de África, (1989 a). Resenha Histórico-Militar Das Campanhas De África (1661-1974), Dispositivo das Nossas Forças Angola, 2ºVolume. Lisboa.

Estado-Maior do Exército, Comissão para o Estudo das Campanhas de África, (1989 b). Resenha Histórico-Militar Das Campanhas De África (1661-1974),Dispositivo das Nossas Forças Guiné, 3ºVolume. Lisboa.

Estado-Maior do Exército, Comissão para o Estudo das Campanhas de África, (1989 c). Resenha Histórico-Militar Das Campanhas De África (1661-1974), Dispositivo das Nossas Forças Moçambique, 4ºVolume. Lisboa.

Estado-Maior do Exército, Comissão para o Estudo das Campanhas de África, (2002). Resenha Histórico-Militar Das Campanhas De África (1661-1974), Fichas das Unidades – Guiné, 7ºVolume. Lisboa.

Estado-Maior do Exército, Comissão para o Estudo das Campanhas de África, (2008). Resenha Histórico-Militar Das Campanhas De África (1661-1974), Fichas das Unidades – Angola, 7ºVolume. Lisboa.

Fortin, M. F. (2009). *O Processo de Investigação da concepção à realização*. (5º ed.). Loures: Lusociência.

Garcia, F. (2006).*Guerra de África - Moçambique 1964-1974*. Lisboa: QuidNovi.

Gomes, C. M. (2002). *Moçambique - 1970- Operação Nó Górdio*. Lisboa: Tribuna da história.

Lopes, P. N. G. M. (2014). *A Tipologia das Unidades Mobilizadas pela Arma de Cavalaria Durante a Guerra de África (1961-1974)*. Lisboa: Academia Militar.

Ministério do Exército, Estado-Maior do Exército, (1961). *O Exército na Guerra subversiva – Guia para o emprego tático de pequenas unidades na contra guerrilha, 1ª Parte*.

Ministério do Exército, Estado-Maior do Exército, (1963a). *O Exército na Guerra Subversiva - Generalidades*.

Ministério do Exército, Estado-Maior do Exército, (1963b). *O Exército na Guerra Subversiva – Operações contra bandos armados e guerrilhas*.

Nunes, A. (2009). O Teatro de Operações de Angola. In Lourenço, J. (Coord), *A Academia Militar e a Guerra de África*. Lisboa: Offsetmais Artes Gráficas, S.A.

Pinheiro, J. (1963). Natureza e fundamentos da guerra subversiva. In Junta de Investigação do Ultramar (Coord), *Subversão e Contra Subversão*. Lisboa: Bertrand.

Policarpo, F. (2006). *Guerra de África - Guiné 1963-1974*. Lisboa: QuidNovi.

Quivy, R., & Campenhoundt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Santos, H. (1974). *Organização Militar*. Lisboa: Academia Militar.

Silva, J. (2012). *A Artilharia na Guerra de África (1961-1974): Um estudo em torno da mobilização das unidades de Artilharia*. Lisboa: Academia Militar.

Teixeira, R. A. (2006). *Guerra de África - Angola 1961-1974*. Lisboa: QuidNovi.

Telo, A. (2010). Portugal e a Guerra de África – Enquadramento Internacional e Situação Política Nacional. In Lourenço, J. (Coord), *A Academia Militar e a Guerra de África*. Lisboa: Offsetmais Artes Gráficas, S.A.

Vaz, N. M. (2003). *Guiné - 1968 e 1973- Soldados uma vez, sempre soldados!*. Lisboa: Tribuna da história.

Sítios da Internet:

Associação 25 de abril. (2015). *Guerra Colonial*. Retirado: Março, 4, 2015, de <http://www.guerracolonial.org/index.php?content=301>.

Dias, L. (2011). *Histórias da Guiné 71-74*. Retirado: Abril, 8, 2015, de http://wwwccac3491guine7174.blogspot.pt/2011_06_01_archive.html.

Exército. (2010). *Historial*. Retirado: Fevereiro, 11, 2015, de <http://www.exercito.pt/EP/Paginas/historial/36.aspx>.

Portal do Governo de Moçambique. (2006). *Resumo Histórico*. Retirado: Fevereiro, 18, 2015, de <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/resHistorico>.

Apêndices

Apêndice A

Batalhões de Caçadores Mobilizados para Angola

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 1 - Batalhões de Caçadores mobilizados para Angola

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
B.Caç 159	RI 8 – Braga	Jul61
B.Caç 141	RI 7 – Leiria	Jun61
B.Caç 321	RI 7 – Leiria	Nov61
B.Caç 96	RI 7 – Leiria	Jun61
B.Caç 158	RI 5 – Caldas da Rainha	Jul61
B. Caç 92	RI 4 – Faro	Mai61
B. Caç 88	RI 2 – Abrantes	Mai61
B.Caç 137	RI 2 – Abrantes	Jun61
B.Caç 279	RI 2 – Abrantes	Ago61
B.Caç 317	RI 2 – Abrantes	Nov61
B.Caç 132	RI 6 – Porto	Jun61
B.Caç 155	RI 16 – Évora	Jun61
B.Caç 109	RI 15 – Tomar	Jun61
B.Caç 280	RI 15 – Tomar	Set61
B.Caç 325	RI 15 – Tomar	Nov61
B.Caç 185	RI 13 – Vila Real	Jul61
B.Caç 184	RI 12 – Coimbra	Jul61
B.Caç 114	RI 1 – Amadora	Jun61
B.Caç 186	BC 6 – Castelo Branco	Jul61
B.Caç 261	BC 10 – Chaves	Ago61
B.Caç 262	BC 10 – Chaves	Ago61
1962		
B.Caç 357	BC 5 – Lisboa	Mai62
B.Caç 381	BC 10 – Chaves	Dez62
1963		
B.Caç 441	RI 2 – Abrantes	Mar63
B.Caç 442	RI 1 – Amadora	Mar63
B.Caç 467	RI 16 – Évora	Set63

B.Caç 451	BC 5 – Lisboa	Jul63
B.Caç 455	BC 5 – Lisboa	Ago63
B.Caç 460	BC 10 – Chaves	Ago63
B.Caç 471	RI 15 – Tomar	Set63
B.Caç 477	RI 1 - Amadora	Set63
B.Caç 503	RI 2 – Abrantes	Set63
B.Caç 505	RI 2 – Abrantes	Set63
B.Caç 514	RI 15 – Tomar	Set63
B.Caç 511	RI 7 – Leiria	Out63
B.Caç 532	BC 5 – Lisboa	Out63
B.Caç 540	BC 10 – Chaves	Nov63
B.Caç 595	BC 5 – Lisboa	Nov63
B.Caç 547	RI 1 – Amadora	Dez63
B.Caç 554	RI 15 – Tomar	Dez63
1964		
B.Caç 646	BC 10 – Chaves	Jan64
B.Caç 670	BC 10 – Chaves	Mai64
B.Caç 717	RI 2 – Abrantes	Out64
B.Caç 721	RI 7 – Leiria	Out64
B.Caç 725	RI 15 – Tomar	Out64
1965		
B.Caç 749	RI 15 – Tomar	Jan65
B.Caç 770	RI 2 – Abrantes	Mai65
B.Caç 774	RI 7 – Leiria	Mai65
B.Caç 1855	RI 1 – Amadora	Set65
B.Caç 1865	RI 1 – Amadora	Out65
B.Caç 1866	RI 2 – Abrantes	Nov65
B.Caç 1867	RI16 – Évora	Nov65
1966		
B.Caç 1874	RI 1 – Amadora	Fev66
B.Caç 1875	RI 2 – Abrantes	Jan66
B.Caç 1892	RI 1 – Amadora	Ago66
B.Caç 1895	RI 16 – Évora	Dez66
B.Caç 1898	RI 1 – Amadora	Dez66
1967		
B.Caç 1900	RI 1 – Amadora	Jan67
B.Caç 1901	RI 2 – Abrantes	Jan67
B.Caç 1902	RI 15 – Tomar	Jan67
B.Caç 1903	RI 16 – Évora	Fev67
B.Caç 1908	RI 1 – Amadora	Abr67
B.Caç 1909	RI 2 – Abrantes	Abr67
B.Caç 1910	RI 2 – Abrantes	Mai67
B.Caç 1919	RI 1 – Amadora	Jul67
B.Caç 1920	RI 2 – Abrantes	Jul67
B.Caç 1921	BC 10 – Chaves	Ag67
B.Caç 1929	RI 1 – Amadora	Dez67
B.Caç 1930	RI 2 – Abrantes	Dez67
B.Caç 1931	RI 2 – Abrantes	Dez67

1968		
B.Caç 2832	RI 2 – Abrantes	Jan68
B.Caç 2833	RI 2 – Abrantes	Fev68
B.Caç 2840	RI 1 – Amadora	Abr68
B.Caç 2841	RI 2 – Abrantes	Abr68
B.Caç 2843	RI 16 – Évora	Abr68
B.Caç 2844	BC 10 – Chaves	Abr68
B.Caç 2855	RI 1 – Amadora	Out68
1969		
B.Caç 2858	RI 1 – Amadora	Jan69
B.Caç 2859	RI 2 – Abrantes	Jan69
B.Caç 2860	RI 2 – Abrantes	Jan69
B.Caç 2871	RI 1 – Amadora	Abr69
B.Caç 2872	RI 2 – Abrantes	Mai69
B.Caç 2873	RI 15 – Tomar	Mai69
B.Caç 2874	RI 16 – Évora	Mai69
B.Caç 2877	RI 1 – Amadora	Jul69
B.Caç 2878	RI 2 – Abrantes	Jul69
B.Caç 2886	RI 1 – Amadora	Out69
B.Caç 2887	RI 2 – Abrantes	Out69
B.Caç 2888	RI 2 – Abrantes	Nov69
B.Caç 2889	RI 2 – Abrantes	Nov69
B.Caç 2890	RI 15 – Tomar	Dez69
B.Caç 2891	RI 15 – Tomar	Dez69
1970		
B.Caç 2904	RI 1 – Amadora	Mar70
B.Caç 2910	RI 1 – Amadora	Abr70
B.Caç 2911	RI 2 – Abrantes	Mai70
B.Caç 2919	RI 2 – Abrantes	Ago70
B.Caç 2925	RI 1 – Amadora	Out70
B.Caç 2926	RI 2 – Abrantes	Out70
1971		
B.Caç 3830	RI 1 – Amadora	Jan71
B.Caç 3831	RI 1 – Amadora	Jan71
B.Caç 3838	RI 2 – Abrantes	Abr71
B.Caç 3839	RI 2 – Abrantes	Abr71
B.Caç 3840	RI 16 – Évora	Mai71
B.Caç 3841	BC 10 – Chaves	Mai71
B.Caç 3847	RI 1 – Amadora	Jul71
B.Caç 3848	RI 2 – Abrantes	Jul71
B.Caç 3849	RI 2 – Abrantes	Ago71
B.Caç 3855	RI 2 – Abrantes	Out71
B.Caç 3856	RI 2 – Abrantes	Out71
B.Caç 3857	RI 16 – Évora	Nov71
B.Caç 3858	RI 16 – Évora	Nov71
1972		
B.Caç 3869	RI 15 – Tomar	Jan72
B.Caç 3870	BC 10 – Chaves	Jan72

B.Caç 3879	RI 15 – Tomar	Abr72
B.Caç 3880	RI 16 – Évora	Jun72
B.Caç 4910/72	BII 19 – Funchal	Ago72
B.Caç 4511/72	RI 15 – Tomar	Out72
B.Caç 4611/72	RI 16 – Évora	Nov72
B.Caç 5010/72	BC 10 – Chaves	Dez72
1973		
B.Caç 4911/72	BII 19 – Funchal	Jan73
B.Caç 4210/72	RI 2 – Abrantes	Fev73
B.Caç 4613/72	RI 16 – Évora	Fev73
B.Caç 4211/72	RI 2 – Abrantes	Mar73
B.Caç 5012/72	BC 10 – Chaves	Abr73
B.Caç 4212/73	RI 2 – Abrantes	Jul73
B.Caç 4912/73	BII 19 – Funchal	Jul73
B.Caç 4515/73	RI 15 – Tomar	Ago73
B.Caç 4614/73	RI 16 – Évora	Set73
B.Caç 4517/73	RI 15 – Tomar	Nov73
1974		
B.Caç 4913/73	BII 19 – Funchal	Jan74
B.Caç 4214/73	RI 2 – Abrantes	Jan74
B.Caç 5015/73	BC 10 – Chaves	Fev74
B.Caç 4617/73	RI 16 – Évora	Abr74
B.Caç 4519/73	RI 15 – Tomar	Abr74
B.Caç 5017/74	BC 10 – Chaves	Ago74
B.Caç 4910/74	BII 19 – Funchal	Set74
B.Caç 4511/74	RI 15 – Tomar	Set74
B.Caç 4611/74	RI 16 – Évora	Out74
B.Caç 5010/74	BC 10 – Chaves	Nov74
B.Caç 4810/74	BII 18 – Ponta Delgada	Nov74

Apêndice B

Companhias de Caçadores Mobilizadas para Angola

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 2 - Companhias de Caçadores Independentes Mobilizadas para Angola

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
C.Caç 66	RI 1 – Amadora	Fev61
C.Caç 66	RI 1 – Amadora	Fev61
C.Caç 78	BC 5 – Lisboa	Mar61
C.Caç 81	RI 11 – Setúbal	Mar61
C.Caç 82	RI 14 – Viseu	Mar61
C.Caç 83	RI 16 – Évora	Abr61
C.Caç 89	RI 2 – Abrantes	Abr61
C.Caç 170	RI 12 – Coimbra	Jun61
C.Caç 270	BC 10 – Chaves	Ago61
1962		
C.Caç 309	BC 10 – Chaves	Ago62
C.Caç 310	BC 10 – Chaves	Ago62
C.Caç 365	BC 10 – Chaves	Ago62
C.Caç 368	BC 5 – Lisboa	Ago62
C.Caç 371	BC 5 – Lisboa	Nov62
C.Caç 372	BC 5 – Lisboa	Nov62
C.Caç 373	BC 10 – Chaves	Nov62
C.Caç 374	BC 10 – Chaves	Nov62
C.Caç 375	BC 10 – Chaves	Nov62
C.Caç 382	BII 17 – Angra do Heroísmo	Nov62
1963		
C.Caç 593	RI 7 – Leiria	Out63
C.Caç 384	BII 19 – Funchal	Fev63
C.Caç 404	BC 10 – Chaves	Mar63
C.Caç 463	BC 10 – Chaves	Ago63
C.Caç 415	RI 2 – Abrantes	Fev63
C.Caç 416	RI 7 – Leiria	Fev63
C.Caç 426	RI 16 – Évora	Abr63

C.Caç 427	RI 16 – Évora	Abr63
C.Caç 428	RI 16 – Évora	Abr63
1964		
C.Caç 671	RI 1 – Amadora	Mai64
C.Caç 672	RI 1 – Amadora	Mai64
C.Caç 673	RI 1 – Amadora	Mai64
C.Caç 685	RI 1 – Amadora	Jul64
C.Caç 686	RI 1 – Amadora	Jul64
1965		
C.Caç 1476	RI 15 – Tomar	Dez65
C.Caç 758	RI 16 – Évora	Jan65
C.Caç 759	RI 16 – Évora	Fev65
C.Caç 760	RI 16 – Évora	Fev65
C.Caç 795	RI 1 – Amadora	Abr65
C.Caç 793	RI 1 – Amadora	Mai65
C.Caç 794	RI 1 – Amadora	Mai65
C.Caç 796	RI 1 – Amadora	Mai65
C.Caç 1428	RI 2 – Abrantes	Jul65
C.Caç 1429	RI 2 – Abrantes	Jul65
C.Caç 1430	RI 2 – Abrantes	Ago65
C.Caç 1431	RI 15 – Tomar	Ago65
C.Caç 1434	RI 16 – Évora	Jul65
C.Caç 1435	RI 16 – Évora	Jul65
C.Caç 1436	RI 16 – Évora	Jul65
C.Caç 1437	BII 17 – Angra do Heroísmo	Ago65
C.Caç 1425	RI 16 – Évora	Set65
C.Caç 1432	RI 15 – Tomar	Set65
C.Caç 1433	RI 15 – Tomar	Set65
1966		
C.Caç 1517	RI 1 – Amadora	Jan66
C.Caç 1518	RI 1 – Amadora	Jan66
C.Caç 1519	RI 1 – Amadora	Jan66
C.Caç 1520	BII 18 – Ponta Delgada	Jan66
C.Caç 1521	BII 18 – Ponta Delgada	Jan66
C.Caç 1522	BII 19 – Funchal	Jan66
C.Caç 1606	RI 15 – Tomar	Nov66
C.Caç 1607	RI 15 – Tomar	Nov66
1967		
C.Caç 1800	BC 10 – Chaves	Nov67
C.Caç 1696	RI 15 – Tomar	Abr67
C.Caç 1697	RI 15 – Tomar	Abr67
C.Caç 1731	RI 15 – Tomar	Jul67
C.Caç 1732	RI 15 – Tomar	Jul67
C.Caç 1733	RI 15 – Tomar	Jul67
C.Caç 1734	RI 16 – Évora	Jul67
C.Caç 1735	RI 16 – Évora	Jul67
B.Caç 1736	RI 16 – Évora	Jul67
C.Caç 1737	BII 17 – Angra do Heroísmo	Ago67

C.Caç 1738	BII 17 – Angra do Heroísmo	Ago67
C.Caç 1739	BII 19 – Funchal	Ago67
C.Caç 1740	BII 19 – Funchal	Ago67
1968		
C.Caç 2334	RI 1 – Amadora	Jan68
C.Caç 2335	RI 1 – Amadora	Jan68
C.Caç 2336	BC 10 – Chaves	Jan68
C.Caç 2378	RI 1 – Amadora	Mar68
C.Caç 2379	RI 1 – Amadora	Abr68
C.Caç 2380	RI 15 – Tomar	Abr68
1969		
C.Caç 2488	BII 17 – Angra do Heroísmo	Jan69
C.Caç 2526	BII 18 -Ponta Delgada	Mai69
C.Caç 2528	BII 19 – Funchal	Mai69
C.Caç 2530	RI 2 – Abrantes	Mai69
C.Caç 2532	BC 10 – Chaves	Mai69
C.Caç 2534	RI 15 – Tomar	Mai69
C.Caç 2567	BII 19 – Funchal	Jul69
C.Caç 2568	BII 19 – Funchal	Ago69
C.Caç 2569	BII 19 – Funchal	Ago69
C.Caç 2570	BII 19 – Funchal	Ago69
C.Caç 2564	BII 17 – Angra do Heroísmo	Jul69
C.Caç 2565	BII 17 – Angra do Heroísmo	Jul69
C.Caç 2566	BII 17 – Angra do Heroísmo	Jul69
1970		
C.Caç 2788	BII 18 – Ponta Delgada	Out70
C.Caç 2674	BII 17 – Angra do Heroísmo	Mar70
C.Caç 2675	BII 17 – Angra do Heroísmo	Mar70
C.Caç 2676	BII 17 – Angra do Heroísmo	Mar70
C.Caç 2677	BII 17 – Angra do Heroísmo	Mar70
C.Caç 2678	BII 19 – Funchal	Mar70
C.Caç 2723	RI 1 – Amadora	Abr70
1971		
C.Caç 3324	BII 19 – Funchal	Jan71
C.Caç 3367	BII 18 – Ponta Delgada	Abr71
C.Caç 3368	BII 18 – Ponta Delgada	Abr71
C.Caç 3369	BII 18 – Ponta Delgada	Mai71
C.Caç 3370	BC 10 – Chaves	Mai71
C.Caç 3371	BC 10 – Chaves	Mai71
C.Caç 3372	RI 16 – Évora	Jun71
C.Caç 3407	BII 19 – Funchal	Jul71
C.Caç 3408	BII 19 – Funchal	Jul71
C.Caç 3409	BII 19 – Funchal	Jul71
C.Caç 3410	BII 19 – Funchal	Jul71
C.Caç 3411	BII 19 – Funchal	Jul71
C.Caç 3412	BII 17 – Angra do Heroísmo	Jul71
C.Caç 3413	BII 17 – Angra do Heroísmo	Jul71
1972		

C.Caç 4240/72	RI 2 – Abrantes	Ago72
C.Caç 4741/72	BII 17 – Angra do Heroísmo	Set72
C.Caç 4640/72	RI 16 – Évora	Dez72
C.Caç 3510	BII 17 – Angra do Heroísmo	Fev72
C.Caç 3511	BII 17 – Angra do Heroísmo	Fev72
C.Caç 3512	BII 19 – Funchal	Mar72
C.Caç 3513	BII 19 – Funchal	Abr72
C.Caç 3563	BII 18 – Ponta Delgada	Jun72
C.Caç 3562	BII 18 – Ponta Delgada	Jun72
1973		
C.Caç 4145/72	RI 1 – Amadora	Mai73
C.Caç 4742/72	BII 17 – Angra do Heroísmo	Mar73
C.Caç 5042/72	BC 10 – Chaves	Mar73
C.Caç 4943/72	BII 19 – Funchal	Mai73
C.Caç 4146/72	RI 1 – Amadora	Jun73
C.Caç 4148/73	RI 1 – Amadora	Ago73
C.Caç 4245/73	RI 2 – Abrantes	Ago73
C.Caç 4744/73	BII 17 – Angra do Heroísmo	Ago73
C.Caç 4149/73	RI 1 – Amadora	Out73
C.Caç 5043/73	BC 10 – Chaves	Out73
1974		
C.Caç 4941/74	BII 19 – Funchal	Nov74
C.Caç 4141/74	RI 1 – Amadora	Dez74
C.Caç 4243/74	RI 2 – Abrantes	Dez74
C.Caç 4151/73	RI 1 – Amadora	Fev74
C.Caç 4746/73	BII 17 – Angra do Heroísmo	Mar74
C.Caç 4947/73	BII 19 – Funchal	Abr74
C.Caç 4154/73	RI 1 – Amadora	Mai74
C.Caç 4246/73	RI 2 – Abrantes	Jun74
C.Caç 5044/73	BC 10 – Chaves	Jun74
C.Caç 5045/74	BC 10 – Chaves	Jul74
C.Caç 4247/74	RI 2 – Abrantes	Jul74
C.Caç 4741/74	BII 17 – Angra do Heroísmo	Ago74
C.Caç 4240/74	RI 2 – Abrantes	Ago74
C.Caç 4742/74	BII 17 – Angra do Heroísmo	Set74
C.Caç 4640/74	RI 16 – Évora	Nov74
C.Caç 4145/74	2º GCAM – Póvoa do Varzim	Nov74

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 3 – Companhias de Caçadores Inseridas em Batalhões Mobilizadas para Angola

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
C.Caç 166	RI 3 – Beja	Jul61
C.Caç 94	RI 8 – Braga	Mai61
C.Caç 104	RI 7 – Leiria	Mai61
C.Caç 139	RI 7 – Leiria	Jun61
C.Caç 143	RI 7 – Leiria	Jun61
C.Caç 169	RI 7 – Leiria	Jul61
C.Caç 189	RI 7 – Leiria	Jul61
C.Caç 282	RI 7 – Leiria	Ago61
C.Caç 285	RI 7 – Leiria	Set61
C.Caç 322	RI 7 – Leiria	Nov61
C.Caç 323	RI 7 – Leiria	Nov61
C.Caç 324	RI 7 – Leiria	Nov61
C.Caç 98	RI 7 – Leiria	Mai61
C.Caç 117	RI 6 – Porto	Jun61
C.Caç 134	RI 6 – Porto	Jun61
C.Caç 168	RI 6 – Porto	Jul61
C.Caç 116	RI 5 – Caldas da Rainha	Jun61
C.Caç 115	EPI – Mafra	Jun61
C.Caç 167	RI 4 – Faro	Jul61
C.Caç 188	RI 4 – Faro	Jul61
C.Caç 93	RI 4 – Faro	Mai61
C.Caç 103	RI 2 – Abrantes	Jun61
C.Caç 138	RI 2 – Abrantes	Jun61
C.Caç 142	RI 2 – Abrantes	Jun61
C.Caç 165	RI 2 – Abrantes	Jul61
C.Caç 187	RI 2 – Abrantes	Jul61
C.Caç 281	RI 2 – Abrantes	Ago61
C.Caç 284	RI 2 – Abrantes	Set61
C.Caç 318	RI 2 – Abrantes	Nov61
C.Caç 319	RI 2 – Abrantes	Nov61
C.Caç 320	RI 2 – Abrantes	Nov61
C.Caç 97	RI 2 – Abrantes	Mai61
C.Caç 140	RI 15 – Tomar	Jun61
C.Caç 144	RI 15 – Tomar	Jun61
C.Caç 192	RI 15 – Tomar	Jul61
C.Caç 283	RI 15 – Tomar	Ago61
C.Caç 286	RI 15 – Tomar	Set61
C.Caç 326	RI 15 – Tomar	Nov61
C.Caç 327	RI 15 – Tomar	Nov61
C.Caç 328	RI 15 – Tomar	Nov61

C.Caç 99	RI 15 – Tomar	Mai61
C.Caç 105	RI 15 – Tomar	Mai61
C.Caç 135	RI 14 – Viseu	Jun61
C.Caç 191	RI 14 – Viseu	Jul61
C.Caç 95	RI 13 – Vila Real	Mai61
C.Caç 128	RI 12 – Coimbra	Jun61
C.Caç 129	RI 14 – Viseu	Jun61
C.Caç 127	RI 10 – Aveiro	Jun61
C.Caç 190	RI 10 – Aveiro	Jul61
C.Caç 133	RI 1 – Amadora	Jun61
C.Caç 164	RI 1 – Amadora	Jul61
C.Caç 112	BII 19 – Funchal	Mai61
C.Caç 111	BII 18 – Ponta Delgada	Mai61
C.Caç 195	BII 18 – Ponta Delgada	Jul61
C.Caç 110	BII 17 – Angra do Heroísmo	Mai61
C.Caç 194	BII 17 – Angra do Heroísmo	Jul61
C.Caç 266	BC 5 – Lisboa	Ago61
C.Caç 193	BC 10 – Chaves	Jul61
C.Caç 267	BC 10 – Chaves	Ago61
C.Caç 268	BC 10 – Chaves	Ago61
C.Caç 269	BC 10 – Chaves	Ago61
C.Caç 271	BC 10 – Chaves	Ago61
C.Caç 272	BC 10 – Chaves	Ago61
1962		
C.Caç 388	BC 10 – Chaves	Dez62
C.Caç 389	BC 10 – Chaves	Dez62
C.Caç 390	BC 10 – Chaves	Dez62
C.Caç 304	BC 5 – Lisboa	Mai62
C.Caç 305	BC 5 – Lisboa	Mai62
C.Caç 306	BC 5 – Lisboa	Mai62
C.Caç 307	BC 5 – Lisboa	Mai62
1963		
C.Caç 405	BC 5 – Lisboa	Mar63
C.Caç 406	BC 5 – Lisboa	Mar63
C.Caç 407	BC 5 – Lisboa	Mar63
C.Caç 408	BC 10 – Chaves	Mar63
C.Caç 409	BC 5 – Lisboa	Mar63
C.Caç 410	BC 5 – Lisboa	Mar63
C.Caç 464	RI 16 – Évora	Set63
C.Caç 465	RI 16 – Évora	Set63
C.Caç 466	RI 16 – Évora	Set63
C.Caç 448	BC 5 – Lisboa	Jul63
C.Caç 449	BC 5 – Lisboa	Jul63
C.Caç 450	BC 5 – Lisboa	Jul63
C.Caç 452	BC 5 – Lisboa	Ago63
C.Caç 453	BC 5 – Lisboa	Ago63
C.Caç 454	BC 5 – Lisboa	Ago63
C.Caç 457	BC 10 – Chaves	Ago63

C.Caç 458	BC 10 – Chaves	Ago63
C.Caç 459	BC 10 – Chaves	Ago63
C.Caç 468	RI 15 – Tomar	Set63
C.Caç 469	RI 15 – Tomar	Set63
C.Caç 470	RI 15 – Tomar	Set63
C.Caç 472	RI 15 – Tomar	Set63
C.Caç 473	RI 15 – Tomar	Set63
C.Caç 474	RI 1 – Amadora	Set63
C.Caç 475	RI 1 – Amadora	Set63
C.Caç 476	RI 1 – Amadora	Set63
C.Caç 478	RI 1 – Amadora	Set63
C.Caç 479	RI 1 – Amadora	Set63
C.Caç 480	RI 1 – Amadora	Set63
C.Caç 500	RI 2 – Abrantes	Set63
C.Caç 501	RI 2 – Abrantes	Set63
C.Caç 502	RI 2 – Abrantes	Set63
C.Caç 504	RI 2 – Abrantes	Set63
C.Caç 529	BC 5 – Lisboa	Out63
C.Caç 530	BC 5 – Lisboa	Out63
C.Caç 531	BC 5 – Lisboa	Out63
C.Caç 541	BC 10 – Chaves	Out63
C.Caç 542	BC 10 – Chaves	Out63
C.Caç 543	BC 10 – Chaves	Out63
C.Caç 533	BC 5 – Lisboa	Nov63
C.Caç 534	BC 5 – Lisboa	Nov63
C.Caç 535	BC 5 – Lisboa	Nov63
C.Caç 537	BC 10 – Chaves	Nov63
C.Caç 538	BC 10 – Chaves	Nov63
C.Caç 539	BC 10 – Chaves	Nov63
C.Caç 551	RI 15 – Tomar	Dez63
C.Caç 552	RI 15 – Tomar	Dez63
C.Caç 553	RI 15 – Tomar	Dez63
C.Caç 544	RI 1 – Amadora	Dez63
C.Caç 545	RI 1 – Amadora	Dez63
C.Caç 546	RI 1 – Amadora	Dez63
1964		
C.Caç 609	BC 5 – Lisboa	Jan64
C.Caç 610	BC 5 – Lisboa	Jan64
C.Caç 611	BC 5 – Lisboa	Jan64
C.Caç 714	RI 2 – Abrantes	Out64
C.Caç 715	RI 2 – Abrantes	Out64
C.Caç 716	RI 2 – Abrantes	Out64
C.Caç 718	RI 7 – Leiria	Out64
C.Caç 719	RI 7 – Leiria	Out64
C.Caç 720	RI 7 – Leiria	Out64
C.Caç 722	RI 15 – Tomar	Out64
C.Caç 723	RI 15 – Tomar	Out64
C.Caç 724	RI 15 – Tomar	Out64

C.Caç 667	BC 10 – Chaves	Mai64
C.Caç 668	BC 10 – Chaves	Mai64
C.Caç 669	BC 10 – Chaves	Mai64
1965		
C.Caç 746	RI 15 – Tomar	Jan65
C.Caç 747	RI 15 – Tomar	Jan65
C.Caç 748	RI 15 – Tomar	Jan65
C.Caç 767	RI 2 – Abrantes	Mai65
C.Caç 768	RI 2 – Abrantes	Mai65
C.Caç 769	RI 2 – Abrantes	Mai65
C.Caç 771	RI 7 – Leiria	Mai65
C.Caç 772	RI 7 – Leiria	Mai65
C.Caç 773	RI 7 – Leiria	Mai65
C.Caç 1413	RI 1 – Amadora	Set65
C.Caç 1414	RI 1 – Amadora	Set65
C.Caç 1415	RI 1 – Amadora	Set65
C.Caç 1455	RI 1 – Amadora	Out65
C.Caç 1456	RI 1 – Amadora	Out65
C.Caç 1457	RI 1 – Amadora	Out65
C.Caç 1458	RI 2 – Abrantes	Nov65
C.Caç 1459	RI 2 – Abrantes	Nov65
C.Caç 1460	RI 2 – Abrantes	Nov65
C.Caç 1461	RI16 – Évora	Nov65
C.Caç 1462	RI16 – Évora	Nov65
C.Caç 1463	RI16 – Évora	Nov65
1966		
C.Caç 1490	RI 1 – Amadora	Fev66
C.Caç 1491	RI 1 – Amadora	Fev66
C.Caç 1492	RI 1 – Amadora	Fev66
C.Caç 1493	RI 2 – Abrantes	Jan66
C.Caç 1494	RI 2 – Abrantes	Jan66
C.Caç 1495	RI 2 – Abrantes	Jan66
C.Caç 1580	RI 1 – Amadora	Ago66
C.Caç 1581	RI 1 – Amadora	Ago66
C.Caç 1582	RI 1 – Amadora	Ago66
C.Caç 1609	RI 16 – Évora	Dez66
C.Caç 1610	RI 16 – Évora	Dez66
C.Caç 1611	RI 16 – Évora	Dez66
C.Caç 1628	RI 1 – Amadora	Dez66
C.Caç 1629	RI 1 – Amadora	Dez66
C.Caç 1630	RI 1 – Amadora	Dez66
1967		
C.Caç 1635	RI 1 – Amadora	Jan67
C.Caç 1636	RI 1 – Amadora	Jan67
C.Caç 1637	RI 2 – Abrantes	Jan67
C.Caç 1638	RI 2 – Abrantes	Jan67
C.Caç 1639	RI 2 – Abrantes	Jan67
C.Caç 1652	RI 2 – Abrantes	Jan67

C.Caç 1640	RI 15 – Tomar	Jan67
C.Caç 1641	RI 15 – Tomar	Jan67
C.Caç 1642	RI 15 – Tomar	Jan67
C.Caç 1643	RI 16 – Évora	Fev67
C.Caç 1644	RI 16 – Évora	Jan67
C.Caç 1645	RI 16 – Évora	Jan67
C.Caç 1672	RI 1 – Amadora	Abr67
C.Caç 1673	RI 1 – Amadora	Abr67
C.Caç 1674	RI 1 – Amadora	Abr67
C.Caç 1675	RI 2 – Abrantes	Abr67
C.Caç 1676	RI 2 – Abrantes	Abr67
C.Caç 1677	RI 2 – Abrantes	Abr67
C.Caç 1678	RI 2 – Abrantes	Mai67
C.Caç 1679	RI 2 – Abrantes	Mai67
C.Caç 1680	RI 2 – Abrantes	Mai67
C.Caç 1716	RI 1 – Amadora	Jul67
C.Caç 1717	RI 1 – Amadora	Jul67
C.Caç 1718	RI 1 – Amadora	Jul67
C.Caç 1719	RI 2 – Abrantes	Jul67
C.Caç 1720	RI 2 – Abrantes	Jul67
C.Caç 1721	RI 2 – Abrantes	Jul67
C.Caç 1722	BC 10 – Chaves	Ago67
C.Caç 1723	BC 10 – Chaves	Ago67
C.Caç 1724	BC 10 – Chaves	Ago67
C.Caç 1778	RI 1 – Amadora	Dez67
C.Caç 1779	RI 1 – Amadora	Dez67
C.Caç 1780	RI 1 – Amadora	Dez67
C.Caç 1781	RI 2 – Abrantes	Dez67
C.Caç 1782	RI 2 – Abrantes	Dez67
C.Caç 1783	RI 2 – Abrantes	Dez67
C.Caç 1784	RI 2 – Abrantes	Dez67
C.Caç 1785	RI 2 – Abrantes	Dez67
C.Caç 1786	RI 2 – Abrantes	Dez67
1968		
C.Caç 2306	RI 2 – Abrantes	Jan68
C.Caç 2307	RI 2 – Abrantes	Jan68
C.Caç 2308	RI 2 – Abrantes	Jan68
C.Caç 2309	RI 2 – Abrantes	Fev68
C.Caç 2310	RI 2 – Abrantes	Fev68
C.Caç 2311	RI 2 – Abrantes	Fev68
C.Caç 2351	RI 1 – Amadora	Abr68
C.Caç 2352	RI 1 – Amadora	Abr68
C.Caç 2353	RI 1 – Amadora	Abr68
C.Caç 2354	RI 2 – Abrantes	Abr68
C.Caç 2355	RI 2 – Abrantes	Abr68
C.Caç 2356	RI 2 – Abrantes	Abr68
C.Caç 2360	RI 16 – Évora	Abr68
C.Caç 2361	RI 16 – Évora	Abr68

C.Caç 2362	RI 16 – Évora	Abr68
C.Caç 2363	BC 10 – Chaves	Abr68
C.Caç 2364	BC 10 – Chaves	Abr68
C.Caç 2365	BC 10 – Chaves	Abr68
C.Caç 2432	RI 1 – Amadora	Out68
C.Caç 2433	RI 1 – Amadora	Out68
C.Caç 2434	RI 1 – Amadora	Out68
1969		
C.Caç 2455	RI 1 – Amadora	Jan69
C.Caç 2456	RI 1 – Amadora	Jan69
C.Caç 2457	RI 1 – Amadora	Jan69
C.Caç 2458	RI 2 – Abrantes	Jan69
C.Caç 2459	RI 2 – Abrantes	Jan69
C.Caç 2460	RI 2 – Abrantes	Jan69
C.Caç 2461	RI 2 – Abrantes	Jan69
C.Caç 2462	RI 2 – Abrantes	Jan69
C.Caç 2463	RI 2 – Abrantes	Jan69
C.Caç 2501	RI 1 – Amadora	Abr69
C.Caç 2502	RI 1 – Amadora	Abr69
C.Caç 2503	RI 1 – Amadora	Abr69
C.Caç 2504	RI 2 – Abrantes	Mai69
C.Caç 2505	RI 2 – Abrantes	Mai69
C.Caç 2506	RI 2 – Abrantes	Mai69
C.Caç 2507	RI 15 – Tomar	Mai69
C.Caç 2508	RI 15 – Tomar	Mai69
C.Caç 2509	RI 15 – Tomar	Mai69
C.Caç 2510	RI 16 – Évora	Mai69
C.Caç 2511	RI 16 – Évora	Mai69
C.Caç 2512	RI 16 – Évora	Mai69
C.Caç 2541	RI 1 – Amadora	Jul69
C.Caç 2542	RI 1 – Amadora	Jul69
C.Caç 2543	RI 1 – Amadora	Jul69
C.Caç 2544	RI 2 – Abrantes	Jul69
C.Caç 2545	RI 2 – Abrantes	Jul69
C.Caç 2546	RI 2 – Abrantes	Jul69
C.Caç 2596	RI 1 – Amadora	Out69
C.Caç 2597	RI 1 – Amadora	Out69
C.Caç 2598	RI 1 – Amadora	Out69
C.Caç 2599	RI 2 – Abrantes	Out69
C.Caç 2600	RI 2 – Abrantes	Out69
C.Caç 2601	RI 2 – Abrantes	Out69
C.Caç 2602	RI 2 – Abrantes	Nov69
C.Caç 2603	RI 2 – Abrantes	Nov69
C.Caç 2604	RI 2 – Abrantes	Nov69
C.Caç 2605	RI 2 – Abrantes	Nov69
C.Caç 2606	RI 2 – Abrantes	Nov69
C.Caç 2607	RI 2 – Abrantes	Nov69
C.Caç 2608	RI 15 – Tomar	Dez69

C.Caç 2609	RI 15 – Tomar	Dez69
C.Caç 2610	RI 15 – Tomar	Dez69
C.Caç 2611	RI 15 – Tomar	Dez69
C.Caç 2612	RI 15 – Tomar	Dez69
C.Caç 2613	RI 15 – Tomar	Dez69
1970		
C.Caç 2655	RI 1 – Amadora	Mar70
C.Caç 2656	RI 1 – Amadora	Mar70
C.Caç 2657	RI 1 – Amadora	Mar70
C.Caç 2693	RI 1 – Amadora	Abr70
C.Caç 2694	RI 1 – Amadora	Abr70
C.Caç 2695	RI 1 – Amadora	Abr70
C.Caç 2696	RI 2 – Abrantes	Abr70
C.Caç 2697	RI 2 – Abrantes	Abr70
C.Caç 2698	RI 2 – Abrantes	Abr70
C.Caç 2738	RI 2 – Abrantes	Ago70
C.Caç 2739	RI 2 – Abrantes	Ago70
C.Caç 2740	RI 2 – Abrantes	Ago70
C.Caç 2774	RI 1 – Amadora	Out70
C.Caç 2775	RI 1 – Amadora	Out70
C.Caç 2776	RI 1 – Amadora	Out70
C.Caç 2777	RI 2 – Abrantes	Out70
C.Caç 2778	RI 2 – Abrantes	Out70
C.Caç 2779	RI 2 – Abrantes	Out70
1971		
C.Caç 3300	RI 1 – Amadora	Jan71
C.Caç 3301	RI 1 – Amadora	Jan71
C.Caç 3302	RI 1 – Amadora	Jan71
C.Caç 3321	BII 19 – Funchal	Jan71
C.Caç 3322	BII 19 – Funchal	Jan71
C.Caç 3323	RI 11 – Setúbal	Jan71
C.Caç 3340	RI 2 – Abrantes	Abr71
C.Caç 3341	RI 2 – Abrantes	Abr71
C.Caç 3342	RI 2 – Abrantes	Abr71
C.Caç 3343	RI 2 – Abrantes	Abr71
C.Caç 3344	RI 2 – Abrantes	Abr71
C.Caç 3345	RI 2 – Abrantes	Abr71
C.Caç 3346	RI 16 – Évora	Mai71
C.Caç 3347	RI 16 – Évora	Mai71
C.Caç 3348	RI 16 – Évora	Mai71
C.Caç 3349	BC 10 – Chaves	Mai71
C.Caç 3350	BC 10 – Chaves	Mai71
C.Caç 3351	BC 10 – Chaves	Mai71
C.Caç 3383	RI 1 – Amadora	Jul71
C.Caç 3384	RI 1 – Amadora	Jul71
C.Caç 3385	RI 1 – Amadora	Jul71
C.Caç 3386	RI 2 – Abrantes	Jul71
C.Caç 3387	RI 2 – Abrantes	Jul71

C.Caç 3388	RI 2 – Abrantes	Jul71
C.Caç 3389	RI 2 – Abrantes	Jul71
C.Caç 3390	RI 2 – Abrantes	Jul71
C.Caç 3391	RI 2 – Abrantes	Jul71
C.Caç 3435	RI 2 – Abrantes	Out71
C.Caç 3436	RI 2 – Abrantes	Out71
C.Caç 3437	RI 2 – Abrantes	Out71
C.Caç 3438	RI 2 – Abrantes	Out71
C.Caç 3439	RI 2 – Abrantes	Out71
C.Caç 3440	RI 2 – Abrantes	Out71
C.Caç 3441	RI 16 – Évora	Nov71
C.Caç 3442	RI 16 – Évora	Nov71
C.Caç 3443	RI 16 – Évora	Nov71
C.Caç 3444	RI 16 – Évora	Nov71
C.Caç 3445	RI 16 – Évora	Nov71
C.Caç 3446	RI 16 – Évora	Nov71
1972		
C.Caç 3480	RI 15 – Tomar	Jan72
C.Caç 3481	RI 15 – Tomar	Jan72
C.Caç 3482	RI 15 – Tomar	Jan72
C.Caç 3483	BC 10 – Chaves	Jan72
C.Caç 3484	BC 10 – Chaves	Fev72
C.Caç 3485	BC 10 – Chaves	Fev72
C.Caç 3532	RI 15 – Tomar	Abr72
C.Caç 3533	RI 15 – Tomar	Abr72
C.Caç 3534	RI 15 – Tomar	Abr72
C.Caç 3535	RI 16 – Évora	Jun72
C.Caç 3536	RI 16 – Évora	Jun72
C.Caç 3537	RI 16 – Évora	Jun72
1 ^a C/B.Caç 4910/72	BII 19 – Funchal	Ago72
2 ^a C/B.Caç 4910/72	BII 19 – Funchal	Ago72
3 ^a C/B.Caç 4910/72	BII 19 – Funchal	Ago72
1 ^a C/B.Caç 4511/72	RI 15 – Tomar	Out72
2 ^a C/B.Caç 4511/72	RI 15 – Tomar	Out72
3 ^a C/B.Caç 4511/72	RI 15 – Tomar	Out72
1 ^a C/B.Caç 4611/72	RI 16 – Évora	Nov72
2 ^a C/B.Caç 4611/72	RI 16 – Évora	Nov72
3 ^a C/B.Caç 4611/72	RI 16 – Évora	Nov72
1 ^a C/B.Caç 5010/72	BC 10 – Chaves	Dez72
2 ^a C/B.Caç 5010/72	BC 10 – Chaves	Dez72
3 ^a C/B.Caç 5010/72	BC 10 – Chaves	Dez72
1973		
1 ^a C/B.Caç 4210/72	RI 2 – Abrantes	Jan73
2 ^a C/B.Caç 4210/72	RI 2 – Abrantes	Jan73
3 ^a C/B.Caç 4210/72	RI 2 – Abrantes	Jan73
1 ^a C/B.Caç 4911/72	BII 19 – Funchal	Jan73
2 ^a C/B.Caç 4911/72	BII 19 – Funchal	Jan73
3 ^a C/B.Caç 4911/72	BII 19 – Funchal	Fev73

1ª C/B.Caç 4613/72	RI 16 – Évora	Fev73
2ª C/B.Caç 4613/72	RI 16 – Évora	Fev73
3ª C/B.Caç 4613/72	RI 16 – Évora	Fev73
1ª C/B.Caç 4211/72	RI 2 – Abrantes	Mar73
2ª C/B.Caç 4211/72	RI 2 – Abrantes	Mar73
3ª C/B.Caç 4211/72	RI 2 – Abrantes	Mar73
1ª C/B.Caç 501272	BC 10 – Chaves	Abr73
2ª C/B.Caç 501272	BC 10 – Chaves	Abr73
3ª C/B.Caç 5012/72	BC 10 – Chaves	Abr73
1ª C/B.Caç 4212/73	RI 2 – Abrantes	Jul73
2ª C/B.Caç 4212/73	RI 2 – Abrantes	Jul73
3ª C/B.Caç 4212/73	RI 2 – Abrantes	Jul73
1ª C/B.Caç 4912/73	BII 19 – Funchal	Jul73
2ª C/B.Caç 4912/73	BII 19 – Funchal	Jul73
3ª C/B.Caç 4912/73	BII 19 – Funchal	Jul73
1ª C/B.Caç 4515/73	RI 15 – Tomar	Ago73
2ª C/B.Caç 4515/73	RI 15 – Tomar	Ago73
3ª C/B.Caç 4515/73	RI 15 – Tomar	Ago73
1ª C/B.Caç 4614/73	RI 16 – Évora	Set73
2ª C/B.Caç 4614/73	RI 16 – Évora	Set73
3ª C/B.Caç 4614/73	RI 16 – Évora	Set73
1ª C/B.Caç 4517/73	RI 15 – Tomar	Nov73
2ª C/B.Caç 4517/73	RI 15 – Tomar	Nov73
3ª C/B.Caç 4517/73	RI 15 – Tomar	Nov73
1974		
1ª C/B.Caç 4913/73	BII 19 – Funchal	Jan74
2ª C/B.Caç 4913/73	BII 19 – Funchal	Jan74
3ª C/B.Caç 4913/73	BII 19 – Funchal	Jan74
1ª C/B.Caç 4214/73	RI 2 – Abrantes	Jan74
2ª C/B.Caç 4214/73	RI 2 – Abrantes	Jan74
3ª C/B.Caç 4214/73	RI 2 – Abrantes	Jan74
1ª C/B.Caç 5015/73	BC 10 – Chaves	Fev74
2ª C/B.Caç 5015/73	BC 10 – Chaves	Fev74
3ª C/B.Caç 5015/73	BC 10 – Chaves	Fev74
1ª C/B.Caç 4617/73	RI 16 – Évora	Abr74
2ª C/B.Caç 4617/73	RI 16 – Évora	Abr74
3ª C/B.Caç 4617/73	RI 16 – Évora	Abr74
1ª C/B.Caç 4519/73	RI 15 – Tomar	Abr74
2ª C/B.Caç 4519/73	RI 15 – Tomar	Abr74
3ª C/B.Caç 4519/73	RI 15 – Tomar	Abr74
1ª C/B.Caç 5017/74	BC 10 – Chaves	Ago74
2ª C/B.Caç 5017/74	BC 10 – Chaves	Ago74
3ª C/B.Caç 5017/74	BC 10 – Chaves	Ago74
1ª C/B.Caç 4910/74	BII 19 – Funchal	Set74
2ª C/B.Caç 4910/74	BII 19 – Funchal	Set74
3ª C/B.Caç 4910/74	BII 19 – Funchal	Set74
1ª C/B.Caç 4511/74	RI 15 – Tomar	Set74
2ª C/B.Caç 4511/74	RI 15 – Tomar	Set74

3 ^a C/B.Caç 4511/74	RI 15 – Tomar	Set74
1 ^a C/B.Caç 4611/74	RI 16 – Évora	Out74
2 ^a C/B.Caç 4611/74	RI 16 – Évora	Out74
3 ^a C/B.Caç 4611/74	RI 16 – Évora	Out74
1 ^a C/B.Caç 5010/74	BC 10 – Chaves	Nov74
2 ^a C/B.Caç 5010/74	BC 10 – Chaves	Nov74
3 ^a C/B.Caç 5010/74	BC 10 – Chaves	Nov74
1 ^a C/B.Caç 4810/74	BII 18 – Ponta Delgada	Nov74
2 ^a C/B.Caç 4810/74	BII 18 – Ponta Delgada	Nov74
3 ^a C/B.Caç 4810/74	BII 18 – Ponta Delgada	Nov74

Apêndice C

Pelotões de Caçadores Mobilizados para Angola

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010
Tabela n.º 4 – Pelotões de Caçadores Independentes Mobilizados para Angola

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
1962		
1963		
1964		
PelCaç 964	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 965	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 966	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 967	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 968	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 969	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 970	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 971	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 972	RI 2 – Abrantes	Jun64
PelCaç 973	RI 2 – Abrantes	Jun64
1965		
1966		
1967		
1968		
1969		
1970		
1971		
1972		
1973		
1974		

Apêndice D

Pelotões de Morteiros Mobilizados para Angola

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 5 – Pelotões de Morteiros Mobilizados para Angola

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
PelMort 12	RI2 – Abrantes	Abr61
PelMort 13	RI7 – Leiria	Abr61
PelMort 14	RI5 – Caldas da Rainha	Abr61
PelMort 20	RI8 – Braga	Ago61
PelMort 21	RI10 – Aveiro	Ago61
PelMort 22	RI12 – Coimbra	Ago61
PelMort 23	RI13 – Vila Real	Ago61
PelMort 24	RI14 – Viseu	Ago61
PelMort 25	RI6 – Porto	Ago61
PelMort 26	RI14 – Viseu	Ago61
PelMort 27	RI16 – Évora	Ago61
PelMort 28	RI1 – Amadora	Ago61
PelMort 31	RI1 – Amadora	Ago61
PelMort 32	RI6 – Porto	Nov61
PelMort 33	RI14 – Viseu	Nov61
PelMort 34	RI16 – Évora	Nov61
1962		
PelMort 51	RI2 – Abrantes	Set62
PelMort 52	RI7 – Leiria	Set62
PelMort 53	RI7 – Leiria	Set62
PelMort 54	RI15 – Tomar	Ago62
1963		
PelMort 900	RI1 – Amadora	Jul63
PelMort 901	RI1 – Amadora	Ago63
PelMort 902	RI1 – Amadora	Ago63
PelMort 897	RI2 – Abrantes	Set63
PelMort 899	RI 7 – Leiria	Set63
PelMort 899	RI15 – Tomar	Out63

PelMort 909	RI2 – Abrantes	Out63
PelMort 910	RI2 – Abrantes	Out63
PelMort 911	RI2 – Abrantes	Out63
PelMort 913	RI 7 – Leiria	Out63
PelMort 914	RI 7 – Leiria	Out63
PelMort 915	RI 7 – Leiria	Out63
1964		
PelMort 933	RI 2 – Abrantes	Jan64
PelMort 934	RI 7 – Leiria	Jan64
PelMort935	RI 15 – Tomar	Jan64
PelMort 936	RI 10 – Aveiro	Jan64
PelMort 975	RI 7 – Leiria	Jun64
PelMort 976	RI 7 – Leiria	Jun64
PelMort 977	RI 7 – Leiria	Jun64
PelMort 981	RI 7 – Leiria	Jun64
1965		
PelMort 1020	BC5 – Lisboa	Ago65
PelMort 1021	BC5 – Lisboa	Ago65
PelMort 1022	RI 2 – Abrantes	Ago65
PelMort 1030	RI 15 – Tomar	Out65
PelMort 1031	RI 15 – Tomar	Out65
PelMort 1032	RI 15 – Tomar	Out65
PelMort 1033	RI 2 – Abrantes	Nov65
PelMort 1034	RI 15 – Tomar	Nov65
PelMort 1035	RI 15 – Tomar	Nov65
PelMort 1036	RI 15 – Tomar	Nov65
PelMort 1037	RI 2 – Abrantes	Nov65
PelMort 1038	RI 2 – Abrantes	Nov65
1966		
PelMort 1061	RI 15 – Tomar	Jan66
PelMort 1062	RI 15 – Tomar	Jan66
PelMort 1063	RI 2 – Abrantes	Jan66
PelMort 1064	BC 5 – Lisboa	Jan66
PelMort 1120	RI 1 – Amadora	Ago66
PelMort 1121	RI 1 – Amadora	Ago66
PelMort 1122	RI 2 – Abrantes	Ago66
PelMort 1123	RI 2 – Abrantes	Ago66
PelMort 1124	RI 15 – Tomar	Ago66
1967		
PelMort 1205	BC 10 – Chaves	Ago67
PelMort 1206	BC 10 – Chaves	Ago67
PelMort 1207	BC 10 – Chaves	Ago67
PelMort 1233	RI 1 – Amadora	Out67
PelMort 1234	RI 1 – Amadora	Out67
PelMort 1235	RI 1 – Amadora	Out67
PelMort 1236	RI 2 – Abrantes	Dez67
PelMort 1237	RI 15 – Tomar	Dez67
PelMort 1238	RI 15 – Tomar	Dez67

PelMort 1239	RI 16 – Évora	Dez67
PelMort 1240	RI 16 – Évora	Dez67
PelMort 1241	BC 10 – Chaves	Dez67
1968		
PelMort 2000	RI 1 – Amadora	Jan68
PelMort 2001	RI 2 – Abrantes	Jan68
PelMort 2002	RI 15 – Tomar	Jan68
PelMort 2003	RI 16 – Évora	Jan68
PelMort 2060	RI 1 – Amadora	Ago68
PelMort 2061	RI 2 – Abrantes	Ago68
PelMort 2062	RI 15 – Tomar	Ago68
PelMort 2063	RI 16 – Évora	Ago68
PelMort 2064	RI 16 – Évora	Ago68
1969		
PelMort 2135	RI 1 – Amadora	Set69
PelMort 2136	RI 15 – Tomar	Set69
PelMort 2137	RI 16 – Évora	Set69
PelMort 2163	RI 1 – Amadora	Nov69
PelMort 2164	RI 1 – Amadora	Nov69
PelMort 2165	RI 1 – Amadora	Nov69
PelMort 2166	RI 2 – Abrantes	Dez69
PelMort 2167	RI 2 – Abrantes	Dez69
PelMort 2168	RI 15 – Tomar	Dez69
PelMort 2169	RI 15 – Tomar	Dez69
PelMort 2170	RI 16 – Évora	Dez69
PelMort 2171	RI 16 – Évora	Dez69
1970		
PelMort 2195	RI 1 – Amadora	Mar70
PelMort 2196	RI 2 – Abrantes	Mar70
PelMort 2197	RI 15 – Tomar	Mar70
PelMort 2198	RI 15 – Tomar	Mar70
PelMort 2247	RI 15 – Tomar	Ago70
PelMort 2248	RI 15 – Tomar	Ago70
PelMort 2249	RI 16 – Évora	Ago70
PelMort 2250	RI 16 – Évora	Ago70
PelMort 2251	BC 10 – Chaves	Ago70
1971		
PelMort 3027	RI 16 – Évora	Set71
PelMort 3028	RI 16 – Évora	Set71
PelMort 3029	RI 1 – Amadora	Set71
PelMort 3059	RI 2 – Abrantes	Nov71
PelMort 3058	RI 1 – Amadora	Out71
PelMort 3060	RI 2 – Abrantes	Nov71
PelMort 3061	RI 15 – Tomar	Nov71
PelMort 3062	RI 15 – Tomar	Nov71
PelMort 3063	RI 16 – Évora	Nov71
PelMort 3064	RI 16 – Évora	Nov71
PelMort 3065	BC 10 – Chaves	Dez71

1972		
PelMort 3093	RI 2 – Abrantes	Jan72
PelMort 3094	RI 2 – Abrantes	Jan72
PelMort 3095	RI 15 – Tomar	Jan72
PelMort 3096	RI 16 – Évora	Jan72
PelMort 4570/72	RI 15 – Tomar	Set72
PelMort 4571/72	RI 15 – Tomar	Set72
PelMort 4572/72	RI 15 – Tomar	Set72
PelMort 4270/72	RI 2 – Abrantes	Out72
PelMort 4271/72	RI 2 – Abrantes	Out72
1973		
PelMort 4576/72	RI 15 – Tomar	Mai73
PelMort 4577/72	RI 15 – Tomar	Mai73
PelMort 4578/72	RI 15 – Tomar	Mai73
PelMort 4170/73	RI 1 – Amadora	Set73
PelMort 4171/73	RI 1 – Amadora	Set73
PelMort 4172/73	RI 1 – Amadora	Set73
PelMort 5074/73	BC 10 – Chaves	Set73
PelMort 5075/73	BC 10 – Chaves	Set73
PelMort 4582/73	RI 15 – Tomar	Dez73
PelMort 4583/73	RI 15 – Tomar	Dez73
PelMort 4584/73	RI 15 – Tomar	Dez73
1974		
PelMort 5076/73	BC 10 – Chaves	Jan74
PelMort 5077/73	BC 10 – Chaves	Jan74
PelMort 5078/73	BC 10 – Chaves	Jan74
PelMort 4280/73	RI 2 – Abrantes	Abr74
PelMort 4281/73	RI 2 – Abrantes	Abr74

Apêndice E

Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Angola

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010
Tabela n.º 6 – Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Angola

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
PelCanh 9	RI2 – Abrantes	Abr61
PelCanh 10	RI7 – Leiria	Abr61
PelCanh 11	RI6 – Porto	Abr61
1962		
1963		
PelCanh 894	RI 2 – Abrantes	Jul63
PelCanh 895	RI 7 – Leiria	Jul63
PelCanh 896	RI15 – Tomar	Ago63
1964		
1965		
PelCanh 1015	RI 15 – Tomar	Ago65
PelCanh 1016	RI 15 – Tomar	Ago65
PelCanh 1017	RI 15 – Tomar	Ago65
1966		
1967		
PelCanh 1196	RI 2 – Abrantes	Abr67
PelCanh 1197	RI 2 – Abrantes	Abr67
PelCanh 1199	RI 15 – Tomar	Jul67
1968		
1969		
PelCanh 2124	RI 2 – Abrantes	Abr69
PelCanh 2125	RI 2 – Abrantes	Abr69
PelCanh 2132	RI 2 – Abrantes	Jul69
1970		
1971		
PelCanh 3002	RI 2 – Abrantes	Abr71
PelCanh 3003	RI 15 – Tomar	Abr71
PelCanh 3021	RI 2 – Abrantes	Ago71

1972		
1973		
PelCanh 4670/73	RI 16 – Évora	Jul73
PelCanh 4671/73	RI 16 – Évora	Jul73
PelCanh 4672/73	RI 16 – Évora	Jul73
1974		

Apêndice F

Batalhões de Caçadores Mobilizados para Guiné

Fonte: Autor adaptado de CECA, 2002 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 7 – Batalhões de Caçadores Mobilizados para Guiné

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
1962		
1963		
1964		
BCaç 619	RI1 – Amadora	Jan64
1965		
BCaç 1856	RI1 – Amadora	Jul65
BCaç 1857	RI2 – Abrantes	Jul65
BCaç 1858	RI15 – Tomar	Ago65
1966		
BCaç 1876	RI2 – Abrantes	Jan66
BCaç 1877	RI15 – Tomar	Jan66
BCaç 1887	RI1 – Amadora	Mai66
BCaç 1888	RI1 – Amadora	Abr66
BCaç 1894	RI15 – Tomar	Jul66
1967		
BCaç 1911	RI15 – Tomar	Abr67
BCaç 1912	RI16 – Évora	Abr67
BCaç 1932	RI15 – Tomar	Out67
BCaç 1933	RI15 – Tomar	Set67
1968		
BCaç 2834	RI15 – Tomar	Jan68
BCaç 2835	RI15 – Tomar	Jan68
BCaç 2845	BC10 – Chaves	Mai68
BCaç 2851	RI1 – Amadora	Jul68
BCaç 2852	RI2 – Abrantes	Jul68
BCaç 2856	RI2 – Abrantes	Out68
1969		
BCaç 2861	BC10 – Chaves	Fev69

BCaç 2879	RI2 – Abrantes	Jul69
BCaç 2884	RI1 – Amadora	Jul69
BCaç 2885	RI15 – Tomar	Mai69
BCaç 2892	RI16 – Évora	Out69
BCaç 2893	BC10 – Chaves	Nov69
1970		
BCaç 2905	RI2 – Abrantes	Jan70
BCaç 2912	RI2 – Abrantes	Abr70
BCaç 2927	RI15 – Tomar	Set70
BCaç 3832	RI2 – Abrantes	Dez70
BCaç 3833	RI15 – Tomar	Dez70
1971		
BCaç 3852	BC10 – Chaves	Jun71
BCaç 3863	RI1 – Amadora	Set71
BCaç 3872	RI2 – Abrantes	Dez71
1972		
BCaç 3883	RI2 – Abrantes	Mar72
BCaç 3884	BC10 – Chaves	Mar72
BCaç 4512/72	RI15 – Tomar	Dez72
BCaç 4610/72	RI16 – Évora	Jun72
BCaç 4612/72	RI16 – Évora	Out72
1973		
BCaç 4513/72	RI15 – Tomar	Mar73
BCaç 4514/72	RI15 – Tomar	Abr73
BCaç 4516/73	RI15 – Tomar	Jul73
BCaç 4518/73	RI15 – Tomar	Dez73
BCaç 4615/73	RI16 – Évora	Set73
BCaç 4616/73	RI16 – Évora	Dez73
1974		
BCaç 4610/73	RI16 – Évora	Abr74
BCaç 4612/74	RI16 – Évora	Jul74

Apêndice G

Companhias de Caçadores Mobilizadas para Guiné

Fonte: Autor adaptado de CECA, 2002 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 8 – Companhias de Caçadores Independentes Mobilizadas para Guiné

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
C.Caç 74	BC5 – Lisboa	Mar61
CCaç 84	RI1 – Amadora	Abr61
CCaç 90	RI7 – Leiria	Abr61
CCaç 91	RI15 – Tomar	Abr61
CCaç 152	RI8 – Braga	Jul61
CCaç 153	RI13 – Vila Real	Mai61
CCaç 154	BC9 – Viana do Castelo	Jun61
1962		
CCaç 273	BII17 – Angra do Heroísmo	Jan62
CCaç 274	BII18 – Ponta Delgada	Jan62
1963		
CCaç 411	BC10 – Chaves	Abr63
CCaç 412	BC10 – Chaves	Abr63
CCaç 413	BC5 – Lisboa	Abr63
CCaç 414	BC10 – Chaves	Mai62
CCaç 417	RI15 – Tomar	Fev63
CCaç 423	RI15 – Tomar	Abr63
CCaç 461	BC10 – Chaves	Jul63
CCaç 462	BC10 – Chaves	Jul63
CCaç 508	RI7 – Leiria	Jul63
CCaç 509	RI7 – Leiria	Jul63
CCaç 510	RI7 – Leiria	Jul63
CCaç 526	RI7 – Leiria	Mai63
CCaç 555	RI16 – Évora	Out63
CCaç 556	RI6 – Porto	Nov63
CCaç 557	RI16 – Évora	Nov63

CCaç 594	RI15 – Tomar	Nov63
1964		
CCaç 622	RI16 – Évora	Fev64
CCaç 674	RI16 – Évora	Mai64
CCaç 675	RI16 – Évora	Mai64
CCaç 726	RI16 – Évora	Out64
CCaç 727	RI16 – Évora	Out64
CCaç 728	RI16 – Évora	Out64
1965		
CCaç 762	RI1 – Amadora	Fev65
CCaç 763	RI1 – Amadora	Fev65
CCaç 764	RI1 – Amadora	Fev65
CCaç 797	RI1 – Amadora	Abr65
CCaç 798	RI1 – Amadora	Abr65
CCaç 799	RI15 – Tomar	Abre65
CCaç 800	RI15 – Tomar	Abr65
CCaç 816	BC10 – Chaves	Mai65
CCaç 817	BC10 – Chaves	Mai65
CCaç 818	BC10 – Chaves	Mai65
CCaç 1426	RI16 – Évora	Ago65
CCaç 1427	RI16 – Évora	Ago65
CCaç 1438	BII17 – Angra do Heroísmo	Ago65
CCaç 1439	BII19 – Funchal	Ago65
CCaç 1477	RI15 – Tomar	Out65
CCaç 1487	RI15 – Tomar	Out65
CCaç 1488	RI15 – Tomar	Out65
1966		
CCaç 1565	RI1 – Amadora	Abr66
CCaç 1566	RI2 – Abrantes	Abr66
CCaç 1567	RI2 – Abrantes	Mai66
CCaç 1585	RI2 – Abrantes	Jul66
CCaç 1586	RI2 – Abrantes	Jul66
CCaç 1587	RI2 – Abrantes	Jul66
CCaç 1591	RI15 – Tomar	Jul66
CCaç 1620	RI1 – Amadora	Nov66
CCaç 1621	RI2 – Abrantes	Nov66
CCaç 1622	RI2 – Abrantes	Nov66
CCaç 1623	RI2 – Abrantes	Nov66
CCaç 1624	RI2 – Abrantes	Nov66
1967		
CCaç 1801	BC10 – Chaves	Out67
1968		
CCaç 2381	RI2 – Abrantes	Mai68
CCaç 2382	RI2 – Abrantes	Mai68
CCaç 2383	RI2 – Abrantes	Mai68
CCaç 2444	BII8 – Ponta Delgada	Nov68
CCaç 2445	BII8 – Ponta Delgada	Nov68
CCaç 2446	BII19 – Funchal	Nov68

1969		
CCaç 2527	BII8 – Ponta Delgada	Mai69
CCaç 2529	BII19 – Funchal	Mai69
CCaç 2531	RI2 – Abrantes	Mai69
CCaç 2533	BC10 – Chaves	Mai69
CCaç 2571	BII19 – Funchal	Ago69
CCaç 2572	RI16 – Évora	Ago69
CCaç 2590	RI2 – Abrantes	Mai69
CCaç 2591	RI16 – Évora	Mai69
CCaç 2592	RI16 – Évora	Mai69
CCaç 2636	BII8 – Ponta Delgada	Out69
CCaç 2637	BII8 – Ponta Delgada	Out69
1970		
CCaç 2679	BII19 – Funchal	Fev70
CCaç 2680	BII19 – Funchal	Fev70
CCaç 2681	BII19 – Funchal	Fev70
CCaç 2724	RI15 – Tomar	Abr70
CCaç 2725	BII8 – Ponta Delgada	Abr70
CCaç 2726	BII8 – Ponta Delgada	Abr70
CCaç 2753	BII17 – Angra do Heroísmo	Ago70
CCaç 2754	BII17 – Angra do Heroísmo	Jul70
CCaç 2789	BII8 – Ponta Delgada	Set70
CCaç 2790	BII8 – Ponta Delgada	Set70
CCaç 2791	RI16 – Évora	Set70
CCaç 2792	RI16 – Évora	Set70
CCaç 2796	RI2 – Abrantes	Out70
CCaç 2797	BC10 – Chaves	Nov70
1971		
CCaç 3325	BII19 – Funchal	Jan71
CCaç 3326	BII17 – Angra do Heroísmo	Jan71
CCaç 3327	BII17 – Angra do Heroísmo	Jan71
CCaç 3328	BII17 – Angra do Heroísmo	Jan71
CCaç 3373	RI1 – Amadora	Mar71
CCaç 3414	BII17 – Angra do Heroísmo	Jun71
CCaç 3476	BII8 – Ponta Delgada	Set71
CCaç 3477	BII8 – Ponta Delgada	Set71
CCaç 3518	BII19 – Funchal	Dez71
CCaç 3519	BII19 – Funchal	Dez71
CCaç 3520	BII19 – Funchal	Dez71
1972		
CCaç 3565	RI2 – Abrantes	Mar72
CCaç 3566	BC10 – Chaves	Mar72
CCaç 4142/72	RI1 – Amadora	Set72
CCaç 4143/72	RI1 – Amadora	Set72
CCaç 4540/72	RI15 – Tomar	Set72
CCaç 4541/72	RI15 – Tomar	Set72
CCaç 4740/72	BII17 – Angra do Heroísmo	Jun72
CCaç 4743/72	BII17 – Angra do Heroísmo	Dez72

CCaç 4942/72	BII19 – Funchal	Dez72
1973		
CCaç 4147/72	RII – Amadora	Mar73
CCaç 4641/72	RI16 – Évora	Mai73
CCaç 4150/73	RII – Amadora	Set73
CCaç 4152/73	RII – Amadora	Dez73
CCaç 4544/73	RI15 – Tomar	Set73
CCaç 4745/73	BII17 – Angra do Heroísmo	Jul73
CCaç 4747/73	BII17 – Angra do Heroísmo	Dez73
CCaç 4944/73	BII19 – Funchal	Jul73
CCaç 4945/73	BII19 – Funchal	Set73
CCaç 4946/73	BII19 – Funchal	Dez73
1974		
CCaç 4840/73	BII17 – Angra do Heroísmo	Abr74

Fonte: Autor adaptado de CECA, 2002 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 9 – Companhias de Caçadores Inseridas em Batalhões Mobilizadas para Guiné

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
1962		
1963		
1964		
CCaç 616	RII – Amadora	Jan64
CCaç 617	RII – Amadora	Jan64
CCaç 618	RII – Amadora	Jan64
1965		
CCaç 1416	RII – Amadora	Jul65
CCaç 1417	RII – Amadora	Jul65
CCaç 1418	RII – Amadora	Jul65
CCaç 1419	RI2 – Abrantes	Jul65
CCaç 1420	RI2 – Abrantes	Jul65
CCaç 1421	RI2 – Abrantes	Jul65
CCaç 1422	RI15 – Tomar	Ago65
CCaç 1423	RI15 – Tomar	Ago65
CCaç 1424	RI15 – Tomar	Ago65
1966		
CCaç 1496	RI2 – Abrantes	Jan66
CCaç 1497	RI2 – Abrantes	Jan66
CCaç 1498	RI2 – Abrantes	Jan66
CCaç 1499	RI15 – Tomar	Jan66
CCaç 1500	RI15 – Tomar	Jan66
CCaç 1501	RI15 – Tomar	Jan66
CCaç 1546	RII – Amadora	Mai66
CCaç 1547	RII – Amadora	Mai66
CCaç 1548	RII – Amadora	Mai66

CCaç 1549	RII – Amadora	Abr66
CCaç 1550	RII – Amadora	Abr66
CCaç 1551	RII – Amadora	Abr66
CCaç 1588	RII5 – Tomar	Jul66
CCaç 1589	RII5 – Tomar	Jul66
CCaç 1590	RII5 – Tomar	Jul66
1967		
CCaç 1681	RII5 – Tomar	Abr67
CCaç 1682	RII5 – Tomar	Abr67
CCaç 1683	RII5 – Tomar	Abr67
CCaç 1684	RII6 – Évora	Abr67
CCaç 1685	RII6 – Évora	Abr67
CCaç 1686	RII6 – Évora	Abr67
CCaç 1787	RII5 – Tomar	Out67
CCaç 1788	RII5 – Tomar	Out67
CCaç 1789	RII5 – Tomar	Out67
CCaç 1790	RII5 – Tomar	Set67
CCaç 1791	RII5 – Tomar	Set67
CCaç 1792	RII5 – Tomar	Set67
1968		
CCaç 2312	RII5 – Tomar	Jan68
CCaç 2313	RII5 – Tomar	Jan68
CCaç 2314	RII5 – Tomar	Jan68
CCaç 2315	RII5 – Tomar	Jan68
CCaç 2316	RII5 – Tomar	Jan68
CCaç 2317	RII5 – Tomar	Jan68
CCaç 2366	BC10 – Chaves	Mai68
CCaç 2367	BC10 – Chaves	Mai68
CCaç 2368	BC10 – Chaves	Mai68
CCaç 2401	RII – Amadora	Jul68
CCaç 2402	RII – Amadora	Jul68
CCaç 2403	RII – Amadora	Jul68
CCaç 2404	RI2 – Abrantes	Jul68
CCaç 2405	RI2 – Abrantes	Jul68
CCaç 2406	RI2 – Abrantes	Jul68
CCaç 2435	RI2 – Abrantes	Uot68
CCaç 2436	RI2 – Abrantes	Out68
CCaç 2437	RI2 – Abrantes	Out68
1969		
CCaç 2464	BC10 – Chaves	Fev69
CCaç 2465	BC10 – Chaves	Fev69
CCaç 2466	BC10 – Chaves	Fev69
CCaç 2587	RII5 – Tomar	Mai69
CCaç 2588	RII5 – Tomar	Mai69
CCaç 2589	RII5 – Tomar	Mai69
CCaç 2584	RII – Amadora	Jul69
CCaç 2585	RII – Amadora	Jul69
CCaç 2586	RII – Amadora	Jul69

CCaç 2547	RI2 – Abrantes	Jul69
CCaç 2548	RI2 – Abrantes	Jul69
CCaç 2549	RI2 – Abrantes	Jul69
CCaç 2614	RI16 – Évora	Out69
CCaç 2615	RI16 – Évora	Out69
CCaç 2616	RI16 – Évora	Out69
CCaç 2617	BC10 – Chaves	Nov69
CCaç 1618	BC10 – Chaves	Nov69
CCaç 2619	BC10 – Chaves	Nov69
1970		
CCaç 2658	RI2 – Abrantes	Jan70
CCaç 2659	RI2 – Abrantes	Jan70
CCaç 2660	RI2 – Abrantes	Jan70
CCaç 2699	RI2 – Abrantes	Abr70
CCaç 2700	RI2 – Abrantes	Abr70
CCaç 2701	RI2 – Abrantes	Abr70
CCaç 2780	RI15 – Tomar	Set70
CCaç 2781	RI15 – Tomar	Set70
CCaç 2782	RI15 – Tomar	Set70
CCaç 3303	RI2 – Abrantes	Dez70
CCaç 3304	RI2 – Abrantes	Dez70
CCaç 3305	RI2 – Abrantes	Dez70
CCaç 3306	RI15 – Tomar	Dez70
CCaç 3307	RI15 – Tomar	Dez70
CCaç 3308	RI15 – Tomar	Dez70
1971		
CCaç 3398	BC10 – Chaves	Jun71
CCaç 3399	BC10 – Chaves	Jun71
CCaç 3400	BC10 – Chaves	Jun71
CCaç 3459	RI1 – Amadora	Set71
CCaç 3460	RI1 – Amadora	Set71
CCaç 3461	RI1 – Amadora	Set71
CCaç 3489	RI2 – Abrantes	Dez71
CCaç 3490	RI2 – Abrantes	Dez71
CCaç 3491	RI2 – Abrantes	Dez71
1972		
CCaç 3544	RI2 – Abrantes	Mar72
CCaç 3545	RI2 – Abrantes	Mar72
CCaç 3546	RI2 – Abrantes	Mar72
CCaç 3547	BC10 – Chaves	Mar72
CCaç 3548	BC10 – Chaves	Mar72
CCaç 3549	BC10 – Chaves	Mar72
1ºC/BCaç 4610/72	RI16 – Évora	Jun72
2ºC/BCaç 4610/72	RI16 – Évora	Jun72
3ºC/BCaç 4610/72	RI16 – Évora	Jun72
1ºC/BCaç 4612/72	RI16 – Évora	Out72
2ºC/BCaç 4612/72	RI16 – Évora	Out72
3ºC/BCaç 4612/72	RI16 – Évora	Out72

1 ^o C/BCaç 4512/72	RI15 – Tomar	Dez73
2 ^o C/BCaç 4512/72	RI15 – Tomar	Dez72
3 ^o C/BCaç 4512/72	RI15 – Tomar	Dez72
1973		
1 ^o C/BCaç 4513/72	RI15 – Tomar	Mar73
2 ^o C/BCaç 4513/72	RI15 – Tomar	Mar73
3 ^o C/BCaç 4513/72	RI15 – Tomar	Mar73
1 ^o C/BCaç 4514/72	RI15 – Tomar	Abr73
2 ^o C/BCaç 4514/72	RI15 – Tomar	Abr73
3 ^o C/BCaç 4514/72	RI15 – Tomar	Abr73
1 ^o C/BCaç 4516/73	RI15 – Tomar	Jul73
2 ^o C/BCaç 4516/73	RI15 – Tomar	Jul73
3 ^o C/BCaç 4516/73	RI15 – Tomar	Jul73
1 ^o C/BCaç 4518/73	RI15 – Tomar	Dez73
2 ^o C/BCaç 4518/73	RI15 – Tomar	Dez73
3 ^o C/BCaç 4518/73	RI15 – Tomar	Dez73
1 ^o C/BCaç 4615/73	RI16 – Évora	Set73
2 ^o C/BCaç 4615/73	RI16 – Évora	Set73
3 ^o C/BCaç 4615/73	RI16 – Évora	Set73
1 ^o C/BCaç 4616/73	RI16 – Évora	Dez73
2 ^o C/BCaç 4616/73	RI16 – Évora	Dez73
3 ^o C/BCaç 4616/73	RI16 – Évora	Dez73
1974		
1 ^o C/BCaç 4610/73	RI16 – Évora	Abr74
2 ^o C/BCaç 4610/73	RI16 – Évora	Abr74
3 ^o C/BCaç 4610/73	RI16 – Évora	Abr74
1 ^o C/BCaç 4612/74	RI16 – Évora	Jul74
2 ^o C/BCaç 4612/74	RI16 – Évora	Jul74

Apêndice H

Pelotões de Caçadores Mobilizados para Guiné

Fonte: Autor adaptado de CECA, 2002 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 10 – Pelotões de Caçadores Mobilizados para Guiné

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
1962		
PelCaç 857	RI2 – Abrantes	Ago62
PelCaç 858	RI2 – Abrantes	Ago62
PelCaç 859	RI7 – Leiria	Ago62
PelCaç 860	RI8 – Braga	Ago62
PelCaç 870	BC5 – Lisboa	Ago62
PelCaç 871	BC5 – Lisboa	Ago62
1963		
PelCaç 873	BC5 – Lisboa	Out63
1964		
PelCaç 953	RI1 – Amadora	Jul64
PelCaç 954	RI1 – Amadora	Jul64
PelCaç 955	RI1 – Amadora	Jul64
PelCaç 956	RI1 – Amadora	Jul64
1965		
1966		
1967		
1968		
1969		
1970		
1971		
1972		
1973		
1974		

Apêndice I

Pelotões de Morteiros Mobilizados para Guiné

Fonte: Autor adaptado de CECA, 2002 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 11 – Pelotões de Morteiros Mobilizados para Guiné

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
1962		
PelMort 16	RI1 – Amadora	Jan62
PelMort 17	RI3 – Beja	Jan62
PelMort 18	RI5 – Caldas da Rainha	Jan62
PelMort 19	RI6 – Porto	Jan62
PelMort 41	RI2 – Abrantes	Jan62
1963		
PelMort 912	RI2 – Abrantes	Out63
PelMort 916	RI15 – Tomar	Out63
PelMort 917	RI15 – Tomar	Out63
PelMort 918	RI15 – Tomar	Out63
1964		
PelMort 942	RI1 – Amadora	Jan64
PelMort 978	RI7 – Leiria	Abr64
PelMort 979	RI7 – Leiria	Abr64
PelMort 980	RI7 – Leiria	Abr64
1965		
PelMort 1028	RI2 – Abrantes	Set65
PelMort 1029	RI2 – Abrantes	Set65
PelMort 1039	RI2 – Abrantes	Nov65
PelMort 1040	RI2 – Abrantes	Nov65
PelMort 1041	RI2 – Abrantes	Nov65
PelMort 1042	BC5 – Lisboa	Nov65
1966		
PelMort 1065	RI2 – Abrantes	FEv66
PelMort 1085	RI15 – Tomar	Mai66
PelMort 1086	RI15 – Tomar	Mai66
PelMort 1087	RI15 – Tomar	Jan66

1967		
PelMort 1191	RI15 – Tomar	Abr67
PelMort 1192	RI15 – Tomar	Abr67
PelMort 1208	BC10 – Chaves	Jun67
PelMort 1209	BC10 – Chaves	Jun67
PelMort 1210	BC10 – Chaves	Jun67
PelMort 1211	BC10 – Chaves	Jun67
PelMort 1242	BC10 – Chaves	Out67
1968		
PelMort 2004	RI16 – Évora	Jan68
PelMort 2005	BC10 – Chaves	Jan68
PelMort 2006	BC10 – Chaves	Jan68
1969		
PelMort 2105	RI2 – Abrantes	Mar69
PelMort 2106	RI15 – Tomar	Mar69
PelMort 2114	RI2 – Abrantes	Mar69
PelMort 2115	RI15 – Tomar	Mai69
PelMort 2116	RI15 – Tomar	Mai69
PelMort 2117	BC10 – Chaves	Mai69
PelMort 2172	RI16 – Évora	Out69
PelMort 2173	RI16 – Évora	Out69
PelMort 2174	RI16 – Évora	Nov69
1970		
1971		
PelMort 2294	RI15 – Tomar	Jan71
PelMort 2295	RI15 – Tomar	Jan71
PelMort 2296	RI16 – Évora	Jan71
PelMort 2297	RI10 – Aveiro	Jan71
PelMort 3020	RI2 – Abrantes	Mai71
PelMort 3030	RI15 – Tomar	Set71
PelMort 3031	RI15 – Tomar	Set71
PelMort 3032	RI2 – Abrantes	Set71
1972		
PelMort 4574/72	RI15 – Tomar	Jul72
PelMort 4575/72	RI15 – Tomar	Jul72
PelMort 4272/72	RI2 – Abrantes	Out72
PelMort 4273/72	RI2 – Abrantes	Out72
PelMort 4274/72	RI2 – Abrantes	Out72
PelMort 4275/72	RI2 – Abrantes	Out72
1973		
PelMort 4277/72	RI2 – Abrantes	Jan73
PelMort 4579/72	RI15 – Tomar	Mar73
PelMort 4580/72	RI15 – Tomar	Mar73
PelMort 4581/72	RI15 – Tomar	Mar73
1974		

Apêndice J

Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Guiné

Fonte: Autor adaptado de CECA, 2002 e Afonso & Gomes, 2010
Tabela n.º 12 Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Guiné

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
1962		
PelCanh 29	RI14 – Viseu	Jan62
1963		
PelCanh 919	RI7 – Leiria	Nov63
1964		
1965		
PelCanh 1043	RI15 – Tomar	Nov65
1966		
PelCanh 1154	RI2 – Abrantes	Out66
PelCanh 1155	RI2 – Abrantes	Out66
1967		
PelCanh 1200	RI15 – Tomar	Jun67
1968		
PelCanh 2053	RI15 – Tomar	Mai68
PelCanh 2054	RI15 – Tomar	Mai68
1969		
PelCanh 2126	BC10 – Chaves	Jun69
1970		
PelCanh 2126	RI1 – Amadora	Mar70
PelCanh 2126	RI1 – Amadora	Mar70
PelCanh 2267	RI2 – Abrantes	Nov70
PelCanh 2268	RI15 – Tomar	Dez70
1971		
PelCanh 2298	RI15 – Tomar	Jan71
PelCanh 3079	RI1 – Amadora	Dez71
PelCanh 3080	RI1 – Amadora	Dez71

1972		
PelCanh 4276/72	RI2 – Abrantes	Out72
1973		
PelCanh 4173/72	RI1 – Amadora	Jul73
PelCanh 4174/72	RI1 – Amadora	Jul73
1974		

Apêndice K

Batalhões de Caçadores Mobilizados para Moçambique

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 13 – Batalhões de Caçadores Mobilizados para Moçambique

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
BCaç 260	BC5 – Lisboa	Ago61
1962		
1963		
1964		
BCaç 608	BC5 – Lisboa	Jan64
BCaç 729	RI16 – Évora	Out64
1965		
BCaç 1870	RI1 – Amadora	Out65
BCaç 1873	RI16 – Évora	Out65
BCaç 1871	RI2 – Abrantes	Nov65
1966		
BCaç 1878	RI16 – Évora	Jan66
BCaç 1889	RI2 – Abrantes	Abr66
BCaç 1890	RI15 – Tomar	Abr66
BCaç 1891	RI16 – Évora	Abr66
1967		
BCaç 1899	RI1 – Amadora	Fev67
BCaç 1906	RI15 – Tomar	Fev67
BCaç 1907	RI1 – Amadora	Abr67
BCaç 1916	BC10 – Chaves	Abr67
BCaç 1918	RI1 – Amadora	Ago67
BCaç 1934	RI16 – Évora	Out67
BCaç 1935	BC10 – Chaves	Out67
BCaç 1936	BC10 – Chaves	Out67
BCaç 1937	RI2 – Abrantes	Out67
1968		
BCaç 2831	RI1 – Amadora	Jan68
BCaç 2836	RI16 – Évora	Jan68

BCaç 2837	BC10 – Chaves	Jan68
BCaç 2842	RI15 – Tomar	Abr68
BCaç 2853	RI15 – Tomar	Jul68
1969		
BCaç 2862	RI15 – Tomar	Jan69
BCaç 2863	RI16 – Évora	Jan69
BCaç 2875	BC10 – Chaves	Abr69
BCaç 2880	RI15 – Tomar	Ago69
BCaç 2881	BC10 – Chaves	Ago69
BCaç 2894	BC10 – Chaves	Out69
BCaç 2895	RI1 – Amadora	Out69
1970		
BCaç 2906	RI15 – Tomar	Fev70
BCaç 2907	RI16 – Évora	Fev70
BCaç 2908	BC10 – Chaves	Fev70
BCaç 2913	RI15 – Tomar	Abr70
BCaç 2914	BC10 – Chaves	Abr70
BCaç 2915	BC10 – Chaves	Mai70
1971		
BCaç 3834	BC10 – Chaves	Jan71
BCaç 3842	RI1 – Amadora	Abr71
BCaç 3843	RI15 – Tomar	Abr71
BCaç 3850	RI15 – Tomar	Jul71
BCaç 3851	RI15 – Tomar	Jul71
BCaç 3865	BC10 – Chaves	Out71
BCaç 3866	BC10 – Chaves	Out71
BCaç 3867	RI15 – Tomar	Out71
BCaç 3868	RI15 – Tomar	Dez71
1972		
BCaç 3875	RI16 – Évora	Jan72
BCaç 3874	RI1 – Amadora	Fev72
BCaç 3885	RI1 – Amadora	Mai72
BCaç 3886	RI1 – Amadora	Jun72
BCaç 4810/72	BII18 – Ponta Delgada	Out72
1973		
BCaç 5011/72	BC10 – Chaves	Jan73
BCaç 4811/72	BII18 – Ponta Delgada	Mar73
BCaç 5013/73	BC10 – Chaves	Ago73
BCaç 4213/73	RI2 – Abrantes	Set73
BCaç 4812/73	BII18 – Ponta Delgada	Nov73
B.Caç 5014/73	BC10 – Chaves	Nov73
1974		
B.Caç 4215/73	RI 2 – Abrantes	Jan74
BCaç 4813/73	BII18 – Ponta Delgada	Abr74
BCaç 4216/73	RI2 – Abrantes	Mai74
B.Caç 5016/73	BC10 – Chaves	Mar74
BCaç 4217/74	RI2 – Abrantes	Jul74

Apêndice L

Companhias de Caçadores Mobilizadas para Moçambique

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 14 – Companhias de Caçadores Independentes Mobilizadas para Moçambique

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
CCaç 79	BC10 – Chaves	Mar61
CCaç 80	BC10 – Chaves	Mar61
CCaç171	RI15 – Tomar	Jun61
CCaç172	RI16 – Évora	Jun61
CCaç173	BC5 – Lisboa	Jun61
CCaç174	BC6 – Castelo Branco	Jun61
CCaç175	BC8 – Elvas	Jul61
CCaç176	EPI – Mafra	Jul61
1962		
CCaç298	BC5 – Lisboa	Jan62
CCaç299	BC5 – Lisboa	Jan62
CCaç300	BC5 – Lisboa	Jan62
CCaç301	BC5 – Lisboa	Jan62
CCaç311	BC10 – Chaves	Jul62
CCaç312	BC10 – Chaves	Jul62
CCaç313	BC10 – Chaves	Jul62
CCaç367	BC5 – Lisboa	Jul62
CCaç385	BII18 – Ponta Delgada	Dez62
1963		
CCaç 402	BC5 – Lisboa	Fev63
CCaç 403	BC10 – Chaves	Fev63
CCaç 548	RI1 – Amadora	Out63
CCaç 549	RI1 – Amadora	Out63
CCaç 536	BC5 – Lisboa	Out63
CCaç 550	RI1 – Amadora	Out63
CCaç 591	RI2 – Abrantes	Out63
CCaç 592	RI2 – Abrantes	Out63
1964		

CCaç 366	BC10 – Chaves	Jan64
CCaç 369	BC5 – Lisboa	Jan64
CCaç 612	BC10 – Chaves	Jan64
CCaç 613	BC10 – Chaves	Jan64
CCaç 614	BC10 – Chaves	Abr64
CCaç 615	BC10 – Chaves	Abr64
CCaç 694	RI15 – Tomar	Jul64
CCaç 695	RI15 – Tomar	Jul64
CCaç 696	RI15 – Tomar	Jul64
1965		
CCaç 802	RI16 – Évora	Mai65
CCaç 803	RI16 – Évora	Mai65
CCaç 804	RI16 – Évora	Mai65
1966		
CCaç 1568	RI2 – Abrantes	Abr66
CCaç 1569	RI15 – Tomar	Abr66
CCaç 1570	RI15 – Tomar	Abr66
CCaç 1571	RI15 – Tomar	Abr66
CCaç 1572	RI16 – Évora	Abr66
CCaç 1573	RI16 – Évora	Abr66
CCaç 1574	RI16 – Évora	Abr66
CCaç 1583	RI1 – Amadora	Set66
CCaç 1584	RI2 – Abrantes	Set66
CCaç 1592	RI15 – Tomar	Set66
CCaç 1608	RI15 – Tomar	Nov66
CCaç 1618	RI1 – Amadora	Nov66
CCaç 1619	RI1 – Amadora	Nov66
CCaç 1631	RI15 – Tomar	Nov66
1967		
1968		
CCaç 2418	BC10 – Chaves	Jul68
CCaç 2419	BC10 – Chaves	Jul68
CCaç 2421	BII17 – Angra do Heroísmo	Jul68
CCaç 2422	BII17 – Angra do Heroísmo	Jul68
CCaç 2423	BII19 – Funchal	Jul68
CCaç 2448	BC10 – Chaves	Out68
CCaç 2449	BC10 – Chaves	Out68
CCaç 2450	RI15 – Tomar	Out68
CCaç 2451	RI16 – Évora	Out68
CCaç 2447	BII19 – Funchal	Out68
1969		
1970		
CCaç 2727	BII18 – Ponta Delgada	Abr70
CCaç 2729	RI16 – Évora	Abr70
CCaç 2728	BII18 – Ponta Delgada	Mai70
CCaç 2730	RI16 – Évora	Mai70
CCaç 2758	BII19 – Funchal	Jul70
CCaç 2759	BII19 – Funchal	Jul70

CCaç 2755	BII17 – Angra do Heroísmo	Ago70
CCaç 2756	BII19 – Funchal	Ago70
CCaç 2757	BII19 – Funchal	Ago70
CCaç 2793	RI16 – Évora	Nov70
CCaç 2794	BC10 – Chaves	Nov70
CCaç 2795	BC10 – Chaves	Nov70
1971		
1972		
CCaç 3568	BII18 – Ponta Delgada	Mai72
CCaç 3570	BII18 – Ponta Delgada	Mai72
CCaç 3571	BII18 – Ponta Delgada	Jun72
CCaç 4241/72	RI2 – Abrantes	Ago72
CCaç 4941/72	BII19 – Funchal	Set72
CCaç 4140/72	RI1 – Amadora	Out72
CCaç 4243/72	RI2 – Abrantes	Out72
CCaç 4141/72	RI1 – Amadora	Nov72
CCaç 4242/72	RI2 – Abrantes	Nov72
CCaç 4144/72	RI1 – Amadora	Dez72
CCaç 4542/72	RI15 – Tomar	Dez72
CCaç 4543/72	RI15 – Tomar	Dez72
1973		
CCaç 4244/72	RI2 – Abrantes	Jan73
1974		
CCaç 4153/73	RI1 – Amadora	Mar74
CCaç 4545/73	RI15 – Tomar	Mar74
CCaç 4546/73	RI15 – Tomar	Mar74
CCaç 4241/73	RI2 – Abrantes	Jun74
CCaç 4540/74	RI15 – Tomar	Ago74
CCaç 4541/74	RI15 – Tomar	Ago74
CCaç 4941/74	BII19 – Funchal	Dez74
CCaç 4242/74	RI2 – Abrantes	Dez74

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 15 – Companhias de Caçadores Inseridas em Batalhões Mobilizadas para Moçambique

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
CCaç263	BC5 – Lisboa	Ago61
CCaç264	BC5 – Lisboa	Ago61
CCaç265	BC5 – Lisboa	Ago61
1962		
1963		
1964		
CCaç 605	BC5 – Lisboa	Jan64
CCaç 606	BC5 – Lisboa	Jan64

CCaç 607	BC5 – Lisboa	Jan64
CCaç 687	RI1 – Amadora	Out64
CCaç 688	RI1 – Amadora	Out64
CCaç 689	RI16 – Évora	Out64
1965		
CCaç 1470	RI1 – Amadora	Out65
CCaç 1471	RI1 – Amadora	Out65
CCaç 1472	RI1 – Amadora	Out65
CCaç 1479	RI16 – Évora	Out65
CCaç 1480	RI16 – Évora	Out65
CCaç 1481	RI16 – Évora	Out65
CCaç 1473	RI2 – Abrantes	Nov65
CCaç 1474	RI2 – Abrantes	Nov65
CCaç 1475	RI2 – Abrantes	Nov65
1966		
CCaç 1502	RI16 – Évora	Jan66
CCaç 1503	RI16 – Évora	Jan66
CCaç 1504	RI16 – Évora	Jan66
CCaç 1552	RI2 – Abrantes	Abr66
CCaç 1553	RI2 – Abrantes	Abr66
CCaç 1554	RI2 – Abrantes	Abr66
CCaç 1555	RI15 – Tomar	Abr66
CCaç 1556	RI15 – Tomar	Abr66
CCaç 1557	RI15 – Tomar	Abr66
CCaç 1558	RI16 – Évora	Abr66
CCaç 1559	RI16 – Évora	Abr66
CCaç 1560	RI16 – Évora	Abr66
1967		
CCaç 1632	RI1 – Amadora	Fev67
CCaç 1633	RI1 – Amadora	Fev67
CCaç 1634	RI1 – Amadora	Fev67
CCaç 1653	RI2 – Abrantes	Fev67
CCaç 1654	RI15 – Tomar	Fev67
CCaç 1655	RI15 – Tomar	Fev67
CCaç 1669	RI1 – Amadora	Abr67
CCaç 1670	RI1 – Amadora	Abr67
CCaç 1671	RI1 – Amadora	Abr67
CCaç 1710	BC10 – Chaves	Abr67
CCaç 1711	BC10 – Chaves	Abr67
CCaç 1712	BC10 – Chaves	Abr67
CCaç 1713	RI1 – Amadora	Ago67
CCaç 1714	RI1 – Amadora	Ago67
CCaç 1715	RI1 – Amadora	Ago67
CCaç 1793	RI16 – Évora	Out67
CCaç 1794	RI16 – Évora	Out67
CCaç 1795	RI16 – Évora	Out67
CCaç 1796	BC10 – Chaves	Out67
CCaç 1797	BC10 – Chaves	Out67

CCaç 1798	BC10 – Chaves	Out67
CCaç 1799	BC10 – Chaves	Out67
CCaç 1803	RI2 – Abrantes	Out67
CCaç 1804	RI2 – Abrantes	Out67
CCaç 1805	RI2 – Abrantes	Out67
1968		
CCaç 2303	RI1 – Amadora	Jan68
CCaç 2304	RI1 – Amadora	Jan68
CCaç 2305	RI1 – Amadora	Jan68
CCaç 2318	RI16 – Évora	Jan68
CCaç 2319	RI16 – Évora	Jan68
CCaç 2320	RI16 – Évora	Jan68
CCaç 2321	BC10 – Chaves	Jan68
CCaç 2322	BC10 – Chaves	Jan68
CCaç 2323	BC10 – Chaves	Jan68
CCaç 2357	RI15 – Tomar	Abr68
CCaç 2358	RI15 – Tomar	Abr68
CCaç 2359	RI15 – Tomar	Abr68
CCaç 2407	RI15 – Tomar	Jul68
CCaç 2408	RI15 – Tomar	Jul68
CCaç 2409	RI15 – Tomar	Jul68
1969		
CCaç 2467	RI15 – Tomar	Jan69
CCaç 2468	RI15 – Tomar	Jan69
CCaç 2469	RI15 – Tomar	Jan69
CCaç 2470	RI16 – Évora	Jan69
CCaç 2471	RI16 – Évora	Jan69
CCaç 2472	RI16 – Évora	Jan69
CCaç 2513	BC10 – Chaves	Abr69
CCaç 2514	BC10 – Chaves	Abr69
CCaç 2515	BC10 – Chaves	Abr69
CCaç 2550	RI15 – Tomar	Ago69
CCaç 2551	RI15 – Tomar	Ago69
CCaç 2552	RI15 – Tomar	Ago69
CCaç 2553	BC10 – Chaves	Ago69
CCaç 2554	BC10 – Chaves	Ago69
CCaç 2555	BC10 – Chaves	Ago69
CCaç 2623	RI1 – Amadora	Out69
CCaç 2620	BC10 – Chaves	Out69
CCaç 2621	BC10 – Chaves	Out69
CCaç 2622	BC10 – Chaves	Out69
1970		
CCaç 2661	RI15 – Tomar	Fev70
CCaç 2662	RI15 – Tomar	Fev70
CCaç 2663	RI15 – Tomar	Fev70
CCaç 2664	RI16 – Évora	Fev70
CCaç 2665	RI16 – Évora	Fev70
CCaç 2666	RI16 – Évora	Fev70

CCaç 2667	BC10 – Chaves	Fev70
CCaç 2668	BC10 – Chaves	Fev70
CCaç 2669	BC10 – Chaves	Fev70
CCaç 2702	RI15 – Tomar	Abr70
CCaç 2703	RI15 – Tomar	Abr70
CCaç 2704	RI15 – Tomar	Abr70
CCaç 2705	BC10 – Chaves	Abr70
CCaç 2706	BC10 – Chaves	Abr70
CCaç 2707	BC10 – Chaves	Abr70
CCaç 2708	BC10 – Chaves	Mai70
CCaç 2709	BC10 – Chaves	Mai70
CCaç 2710	BC10 – Chaves	Mai70
1971		
CCaç 3309	BC10 – Chaves	Jan71
CCaç 3310	BC10 – Chaves	Jan71
CCaç 3311	BC10 – Chaves	Jan71
CCaç 3352	RI1 – Amadora	Abr71
CCaç 3353	RI1 – Amadora	Abr71
CCaç 3354	RI1 – Amadora	Abr71
CCaç 3355	RI15 – Tomar	Abr71
CCaç 3356	RI15 – Tomar	Abr71
CCaç 3357	RI15 – Tomar	Abr71
CCaç 3392	RI15 – Tomar	Jul71
CCaç 3393	RI15 – Tomar	Jul71
CCaç 3394	RI15 – Tomar	Jul71
CCaç 3395	RI15 – Tomar	Jul71
CCaç 3396	RI15 – Tomar	Jul71
CCaç 3397	RI15 – Tomar	Jul71
CCaç 3465	BC10 – Chaves	Out71
CCaç 3466	BC10 – Chaves	Out71
CCaç 3467	BC10 – Chaves	Out71
CCaç 3468	BC10 – Chaves	Out71
CCaç 3469	RI15 – Tomar	Out71
CCaç 3470	RI15 – Tomar	Out71
CCaç 3471	RI15 – Tomar	Out71
CCaç 3472	RI15 – Tomar	Dez71
CCaç 3473	RI15 – Tomar	Dez71
CCaç 3474	RI15 – Tomar	Dez71
1972		
CCaç 3498	RI16 – Évora	Jan72
CCaç 3499	RI16 – Évora	Jan72
CCaç 3500	RI16 – Évora	Jan72
CCaç 3495	RI1 – Amadora	Fev72
CCaç 3496	RI1 – Amadora	Fev72
CCaç 3497	RI1 – Amadora	Fev72
CCaç 3550	RI1 – Amadora	Mai72
CCaç 3551	RI1 – Amadora	Mai72
CCaç 3552	RI1 – Amadora	Mai72

CCaç 3553	RI1 – Amadora	Jun72
CCaç 3554	RI1 – Amadora	Jun72
CCaç 3555	RI1 – Amadora	Jun72
1ªC/BCaç 4810/72	BII18 – Ponta Delgada	Out72
2ªC/BCaç 4810/72	BII18 – Ponta Delgada	Out72
3ªC/BCaç 4810/72	BII18 – Ponta Delgada	Out72
1973		
1ªC/BCaç 5011/72	BC10 – Chaves	Jan73
2ªC/BCaç 5011/72	BC10 – Chaves	Jan73
3ªC/BCaç 5011/72	BC10 – Chaves	Jan73
1ªC/BCaç 4811/72	BII18 – Ponta Delgada	Mar73
2ªC/BCaç 4811/72	BII18 – Ponta Delgada	Mar73
3ªC/BCaç 4811/72	BII18 – Ponta Delgada	Mar73
1ªC/BCaç 5013/73	BC10 – Chaves	Jul73
2ªC/BCaç 5013/73	BC10 – Chaves	Jul73
3ªC/BCaç 5013/73	BC10 – Chaves	Jul73
1ªC/BCaç 4213/73	RI 2 – Abrantes	Set73
2ªC/BCaç 4213/73	RI 2 – Abrantes	Set73
3ªC/BCaç 4213/73	RI 2 – Abrantes	Set73
1ªC/BCaç 4812/73	BII18 – Ponta Delgada	Out73
2ªC/BCaç 4812/73	BII18 – Ponta Delgada	Out73
3ªC/BCaç 4812/73	BII18 – Ponta Delgada	Out73
1ªC/BCaç 5014/73	BC10 – Chaves	Out73
2ªC/BCaç 5014/73	BC10 – Chaves	Out73
3ªC/BCaç 5014/73	BC10 – Chaves	Out73
1974		
1ªC/BCaç 4215/73	RI2 – Abrantes	Jan74
2ªC/BCaç 4215/73	RI2 – Abrantes	Jan74
3ªC/BCaç 4215/73	RI2 – Abrantes	Jan74
1ªC/BCaç 4216/73	RI2 – Abrantes	Mai73
2ªC/BCaç 4216/73	RI2 – Abrantes	Mai73
3ªC/BCaç 4216/73	RI2 – Abrantes	Mai73
1ªC/BCaç 4813/73	BII18 – Ponta Delgada	Mai73
2ªC/BCaç 4813/73	BII18 – Ponta Delgada	Mai73
3ªC/BCaç 4813/73	BII18 – Ponta Delgada	Mai73
1ªC/BCaç 5016/73	BC10 – Chaves	Jun74
2ªC/BCaç 5016/73	BC10 – Chaves	Jun74
3ªC/BCaç 5016/73	BC10 – Chaves	Jun74
1ªC/BCaç 4217/74	RI2 – Abrantes	Jul74
2ªC/BCaç 4217/74	RI2 – Abrantes	Jul74
3ªC/BCaç 4217/74	RI2 – Abrantes	Jul74

Apêndice M

Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Moçambique

Fonte: Autor adaptado de CECA, 1989 e Afonso & Gomes, 2010

Tabela n.º 16 – Pelotões de Canhão sem Recuo Mobilizados para Moçambique

Unidade mobilizada	Unidade mobilizadora	Data de partida
1961		
1962		
1963		
1964		
1965		
1966		
PelCanh 1015	RI15 – Tomar	Jul66
PelCanh 1016	RI15 – Tomar	Jul66
1967		
PelCanh 1201	RI15 – Tomar	Ago67
PelCanh 1202	RI15 – Tomar	Ago67
1968		
1969		
PelCanh 2133	RI15 – Tomar	Set69
PelCanh 2134	RI15 – Tomar	Set69
1970		
1971		
PelCanh 3022	RI15 – Tomar	Ago71
PelCanh 3023	RI15 – Tomar	Ago71
1972		
1973		
1974		

Apêndice N

Esforço relativo das unidades mobilizadoras para os três TO de unidades tipo BCaÇ e CCaÇ

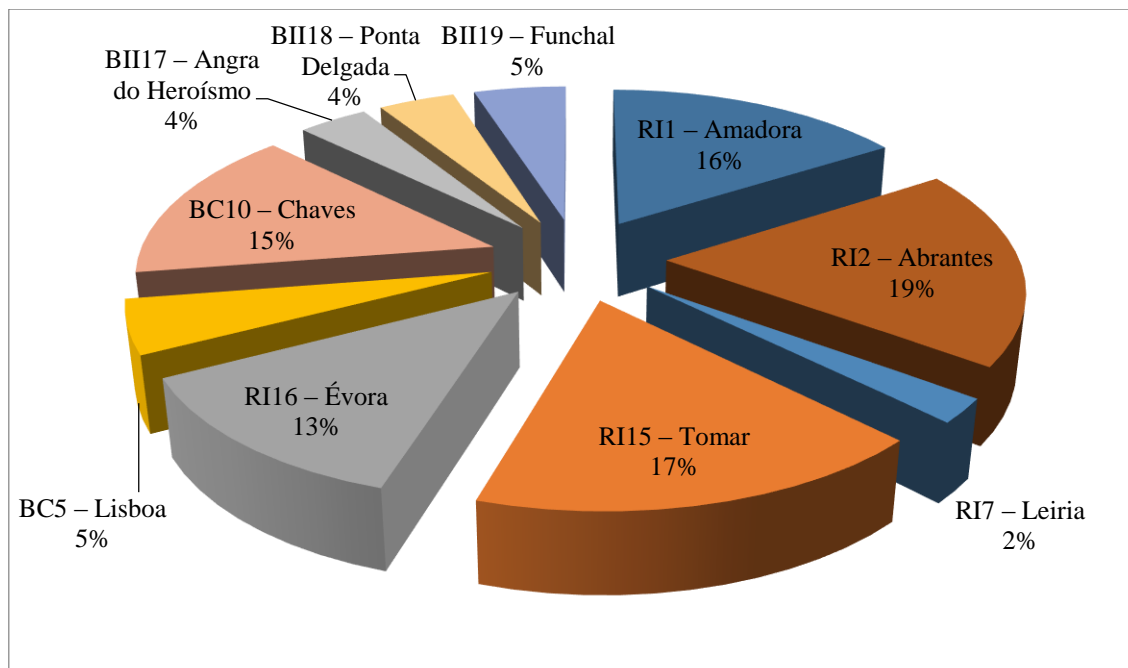


Figura 36 – Esforço relativo das unidades mobilizadoras para os três TO de unidades tipo BCaÇ e CCaÇ

Fonte: Elaboração própria

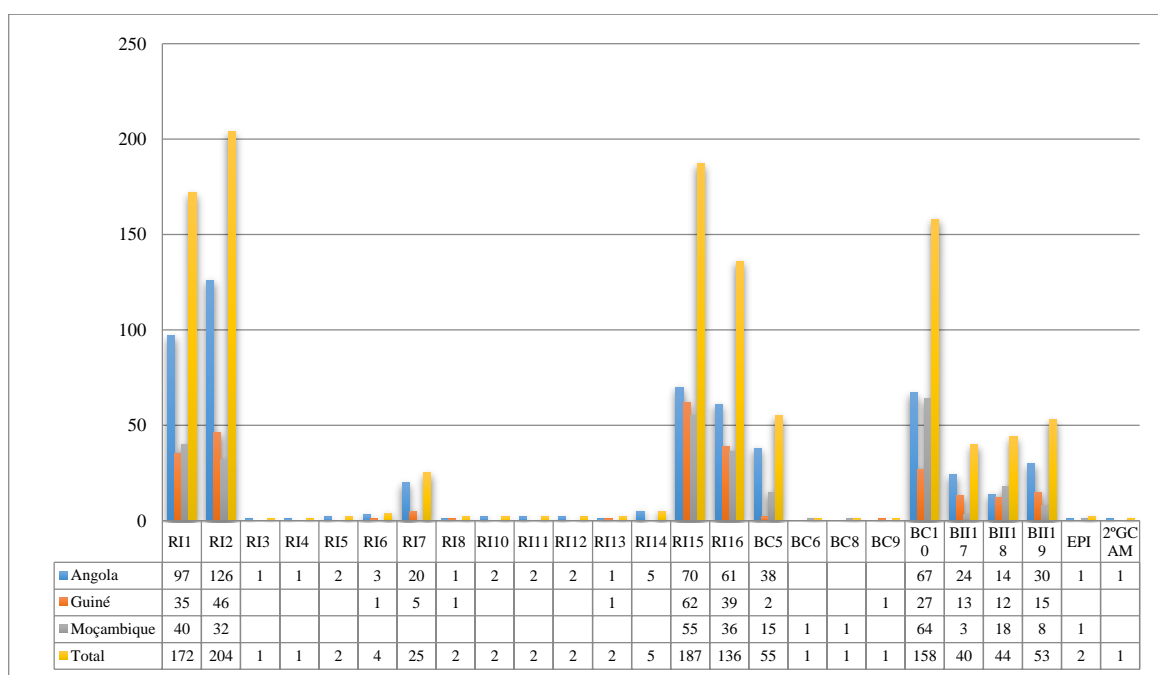


Figura 37 – Esforço relativo de cada unidade para cada TO

Fonte: Elaboração própria

Apêndice O
Organograma de uma CCaç



Figura 38 – Organograma de uma CCaç
Fonte: Autor adaptado de história de unidade da CCaç 793

Apêndice P
Organograma de um PelCaç

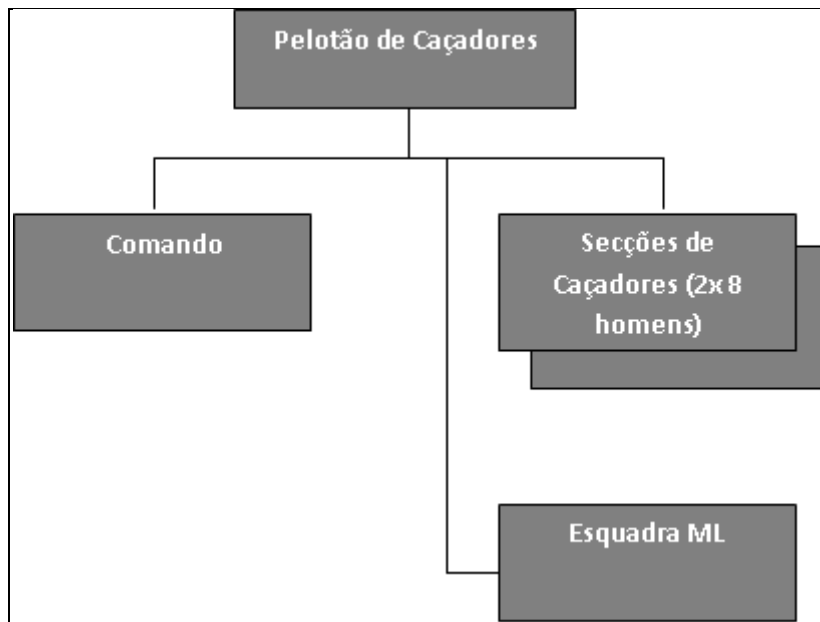


Figura 39 – Organograma de um PelCaç
Fonte: Autor adaptado de história de unidade da CCaç 793

Apêndice Q

Organograma de um PelMort

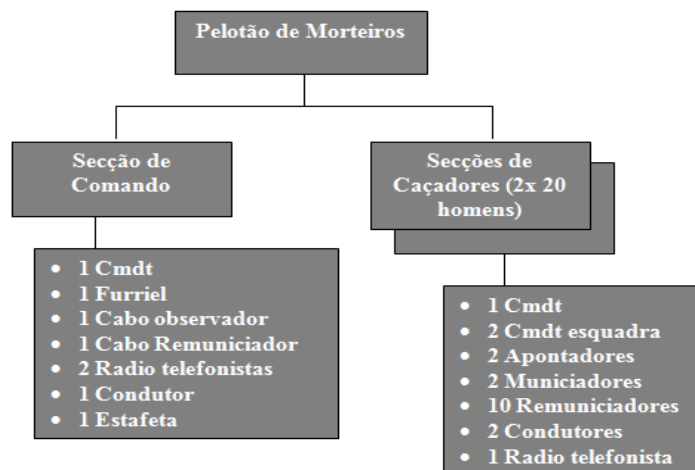


Figura 40 – Organograma de um PelMort
Fonte: Autor adaptado de história de unidade do PelMort 974



Figura 41 – Morteiro médio Brandt M/931 de 81mm
Fonte: http://wwwccac3491guine7174.blogspot.pt/2011_06_01_archive.html

Apêndice R

Organograma de um PelCanh

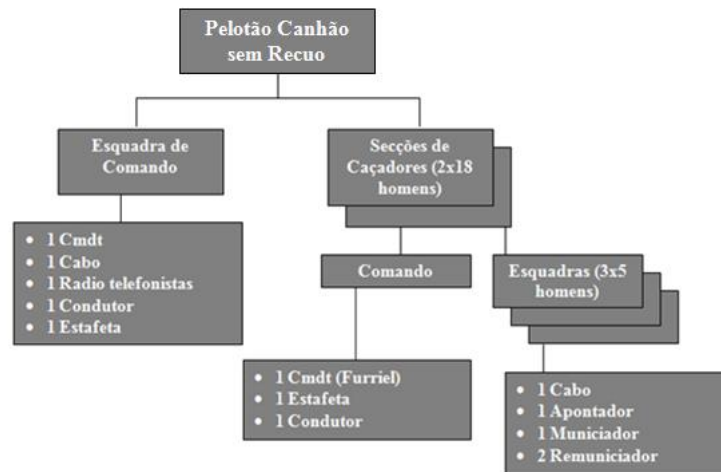


Figura 42 – Organograma de um PelCanh

Fonte: Autor adaptado de história de unidade do PelCanh 1154



Figura 43 – Em cima Canhão sem Recuo 5,7cm e em baixo montado numa viatura o Canhão sem Recuo 106 mm

Fonte: http://wwwccac3491guine7174.blogspot.pt/2011_06_01_archive.html

Apêndice S
Tabela Síntese de mobilização

Fonte: Elaboração própria
Tabela nº 17 – Tabela síntese de mobilização

Tipos de Unidades	Angola	Guiné	Moçambique	Total
BCaç	140	46	64	250
CCaç independentes	148	123	94	365
PelCaç	10	11		21
PelMort	139	60	8	207
PelCanh	21	19		40

Fonte: Elaboração própria
Tabela nº 18 - Militares enviados da metrópole para cada TO e quantidade total

	Angola	Moçambique	Guiné	Total
1961	28477	8209	3736	40422
1963	34530	9243	8344	52117
1965	41625	13155	14640	69420
1967	43051	23164	18421	84636
1973	37773	23891	25610	87274

Anexos

Anexo A

Setores

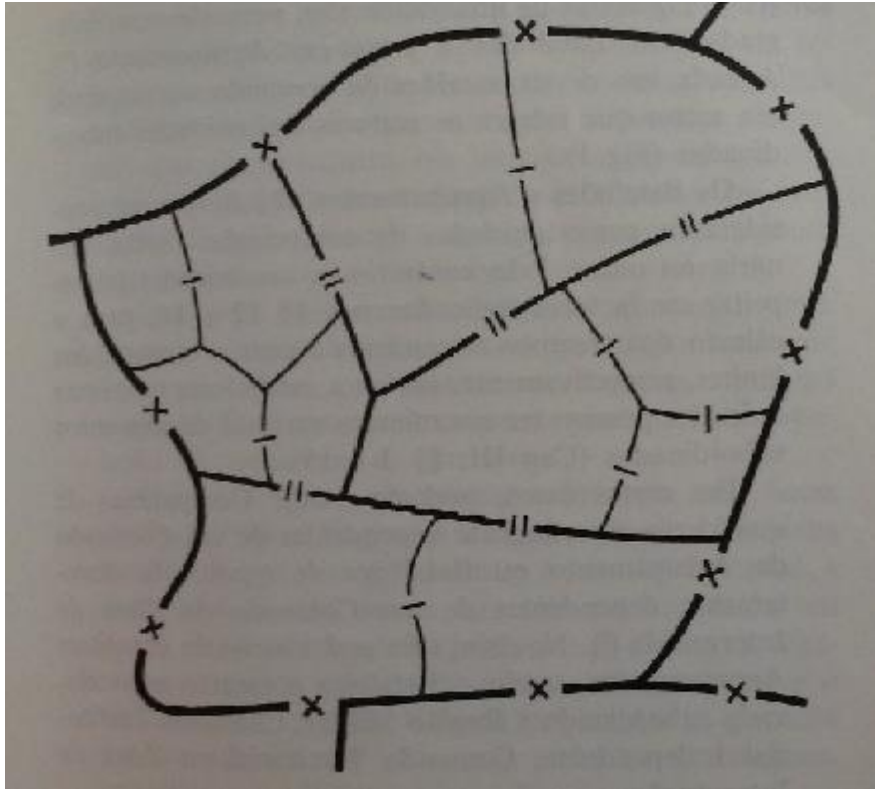


Figura 44 – Agrupamento com 4 Batalhões em quadrícula
Fonte: (M.E., 1963, Cap IV, p. 13)

Anexo B
Organograma e Composição de um BCaç em 1961

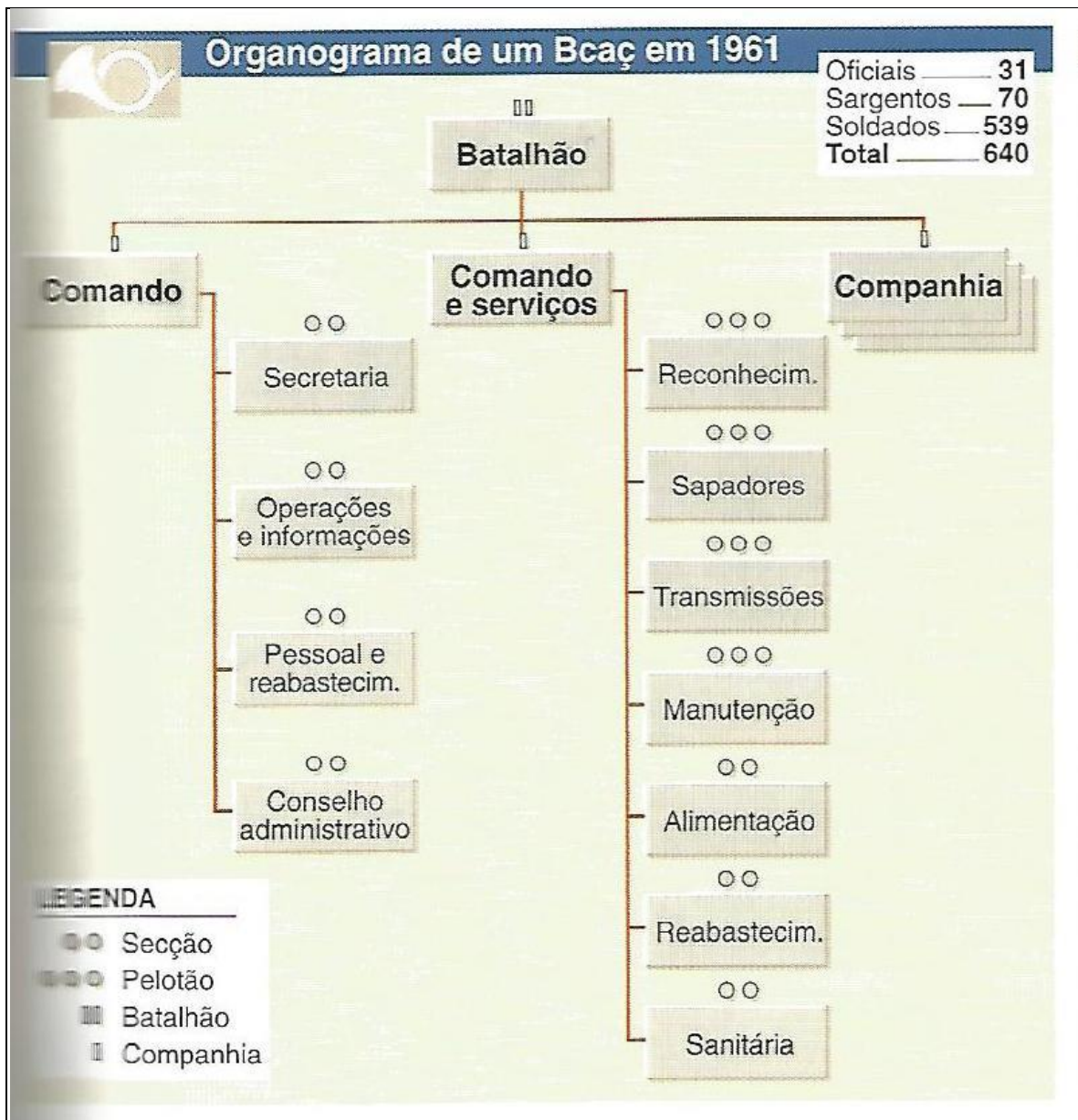


Figura 45 – Organograma de um BCaç
Fonte: (Afonso e Gomes, 2010, p.89)

 Militares que integram um batalhão		
Posto	Função	Quantidade
Tenente Coronel	Cmdt.	1
Major	2º Cmdt.	1
Major	Of. Op/Inf	1
Capitão	Cmdt. Comp.	4
Capitão	Of. Pes. Reab.	1
Alferes	Cmdt. Pel.	14
Alferes	Médicos	3
Alferes	Capelão	1
Alferes Mecânico	Cmdt. Pel. Man.	1
Alferes Transportes	Cmdt. Pel. Transp.	1
Sargento Q. P.	Cmdt. Sec.	12
Sargento Q. P. Enfermeiro	Cmdt. Sec. San.	1
Sargento Q. P. Mecânico	Cmdt. Sec. Man.	1
Sargento Q. P.	Clarim	1
Sargento Q. P.	Op. Inf.	1
Sargento Q. P.	Secretaria	2
Furrieis Milicianos	Cmdts. secção	36
Furrieis Milicianos	Outras	16
1º Cabos	Pelotões	111
1º Cabos	Outras	47
Soldados	Pelotões	303
Soldados	Outras	78
TOTAL		640

Figura 46 – Orgânica de um BCaç

Fonte: Afonso e Gomes (2010, p.89)

Anexo C

Dispositivo operacional de Angola em 1961

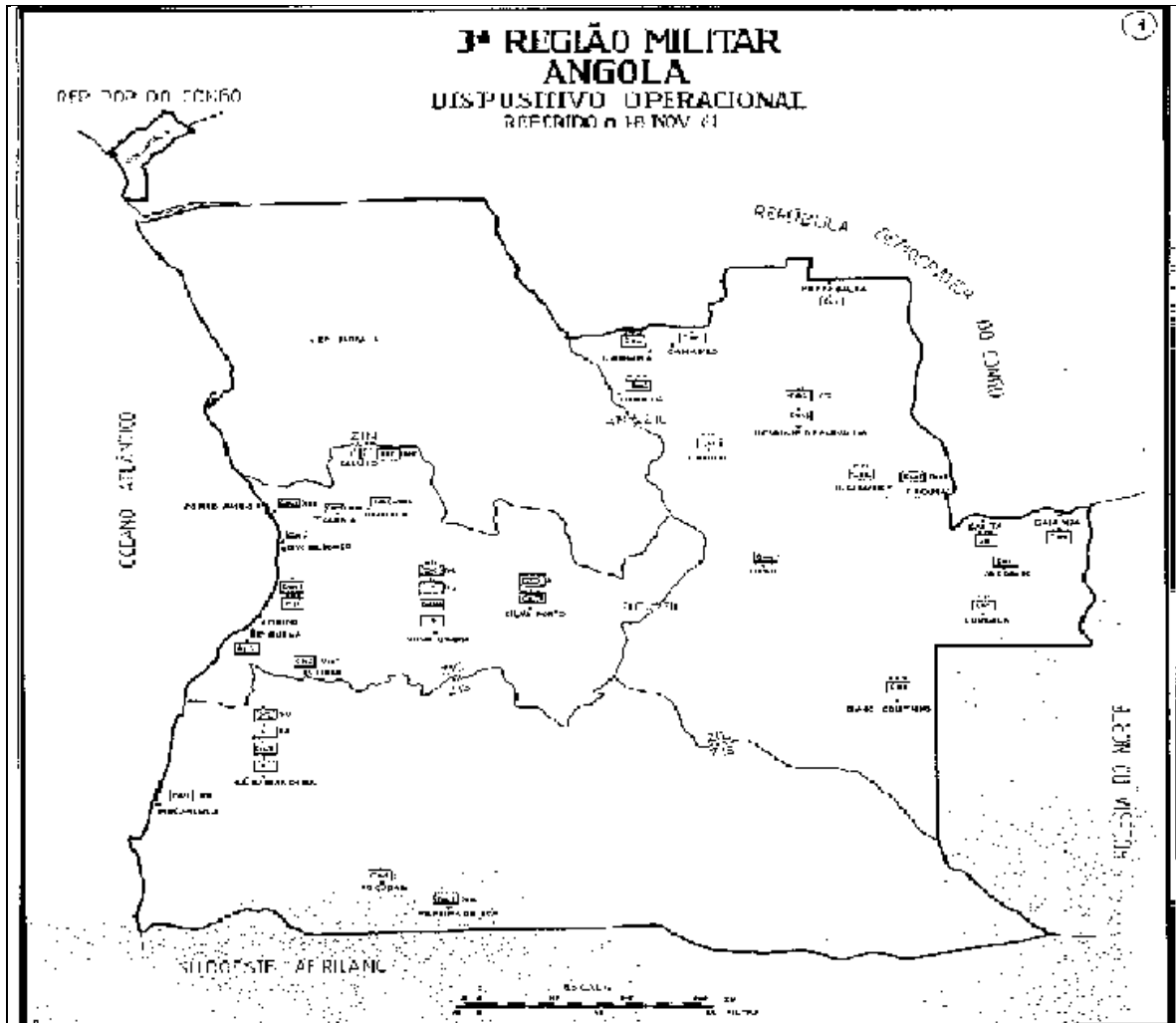


Figura 47 – Dispositivo operacional de Angola em 1961

Fonte: CECA (1989a, p.77)

Anexo D

Dispositivo operacional de Angola em 1968

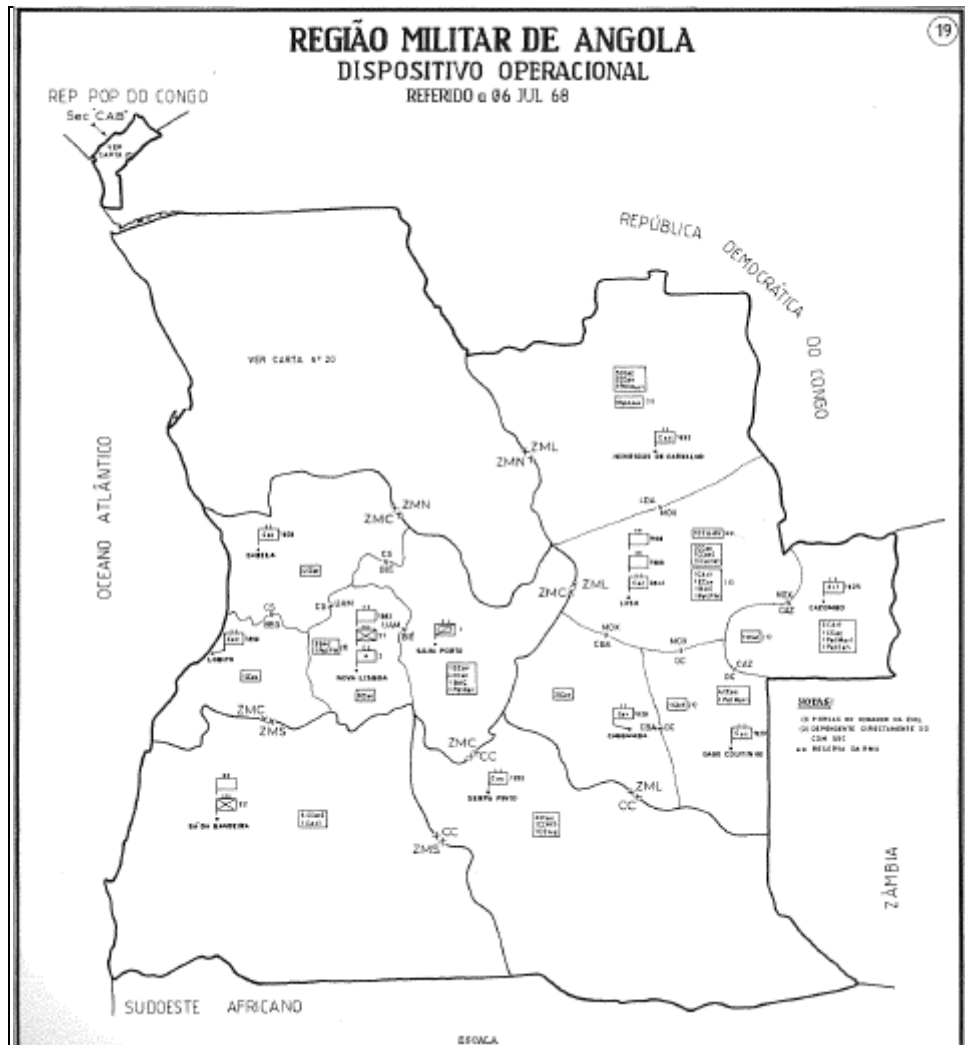


Figura 48 – Dispositivo operacional de Angola em 1968

Fonte: CECA (1989a, p.149)

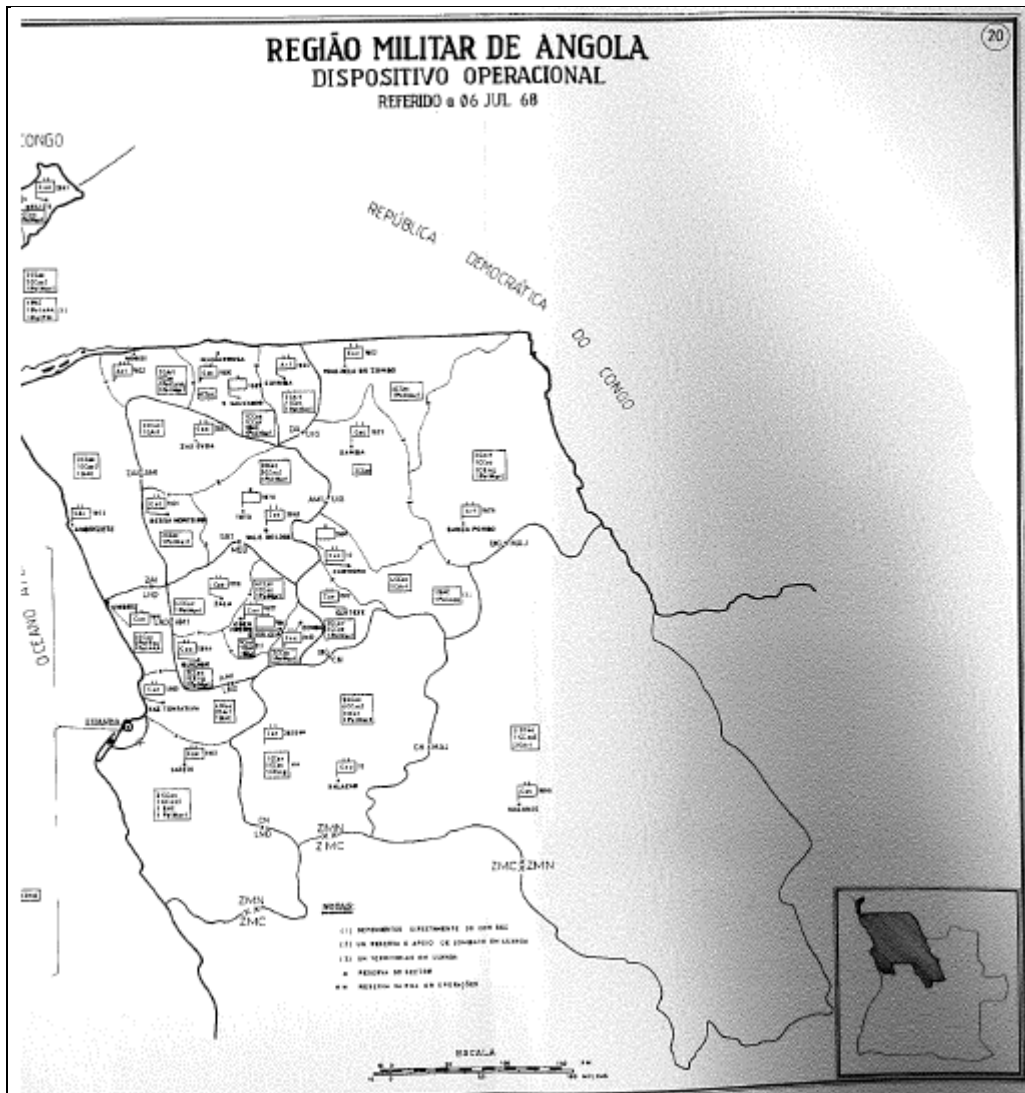


Figura 49 – Dispositivo operacional de Angola em 1968 na ZMN

Fonte: CECA (1989a, p.151)

Anexo E

Dispositivo operacional de Angola em 1974

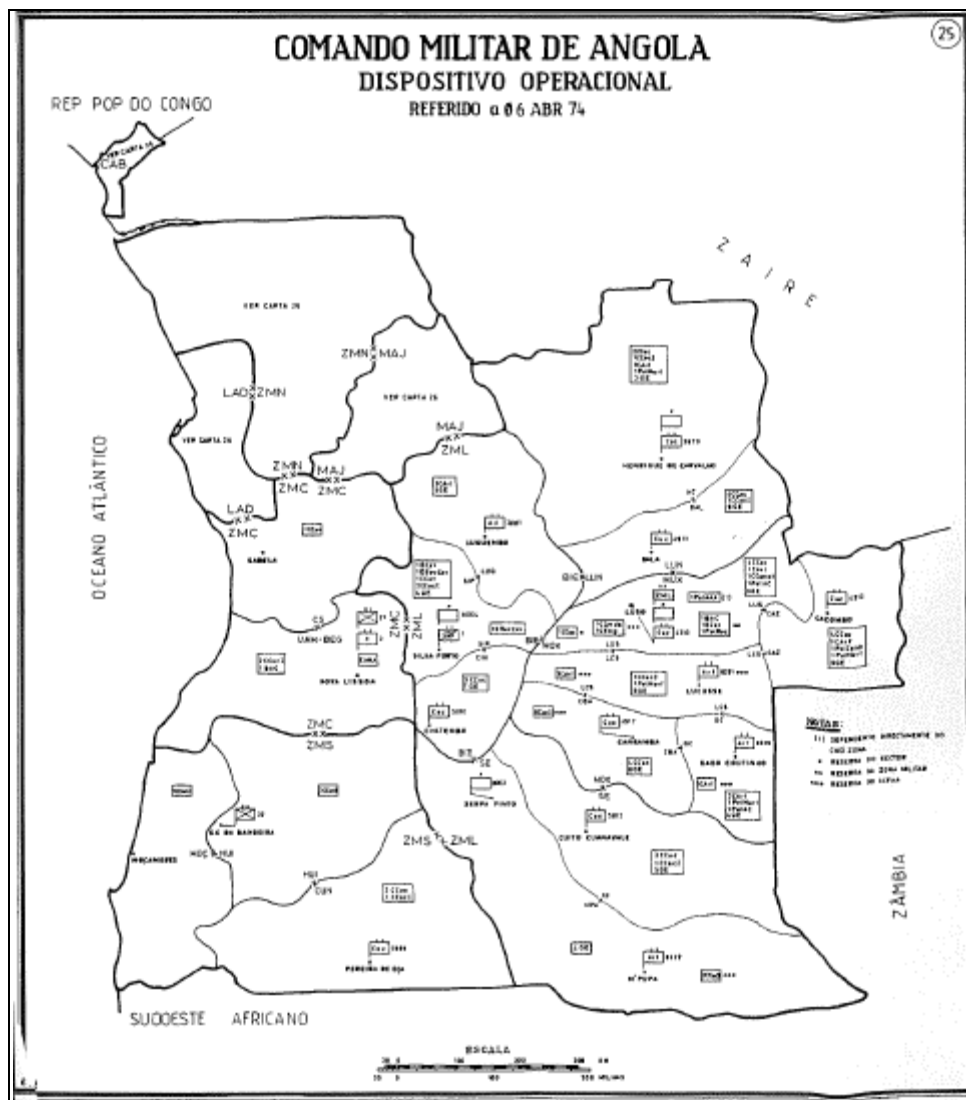


Figura 50 – Dispositivo operacional de Angola em 1974

Fonte: CECA (1989a, p.175)

Anexo F

Dispositivo operacional da Guiné em 1962

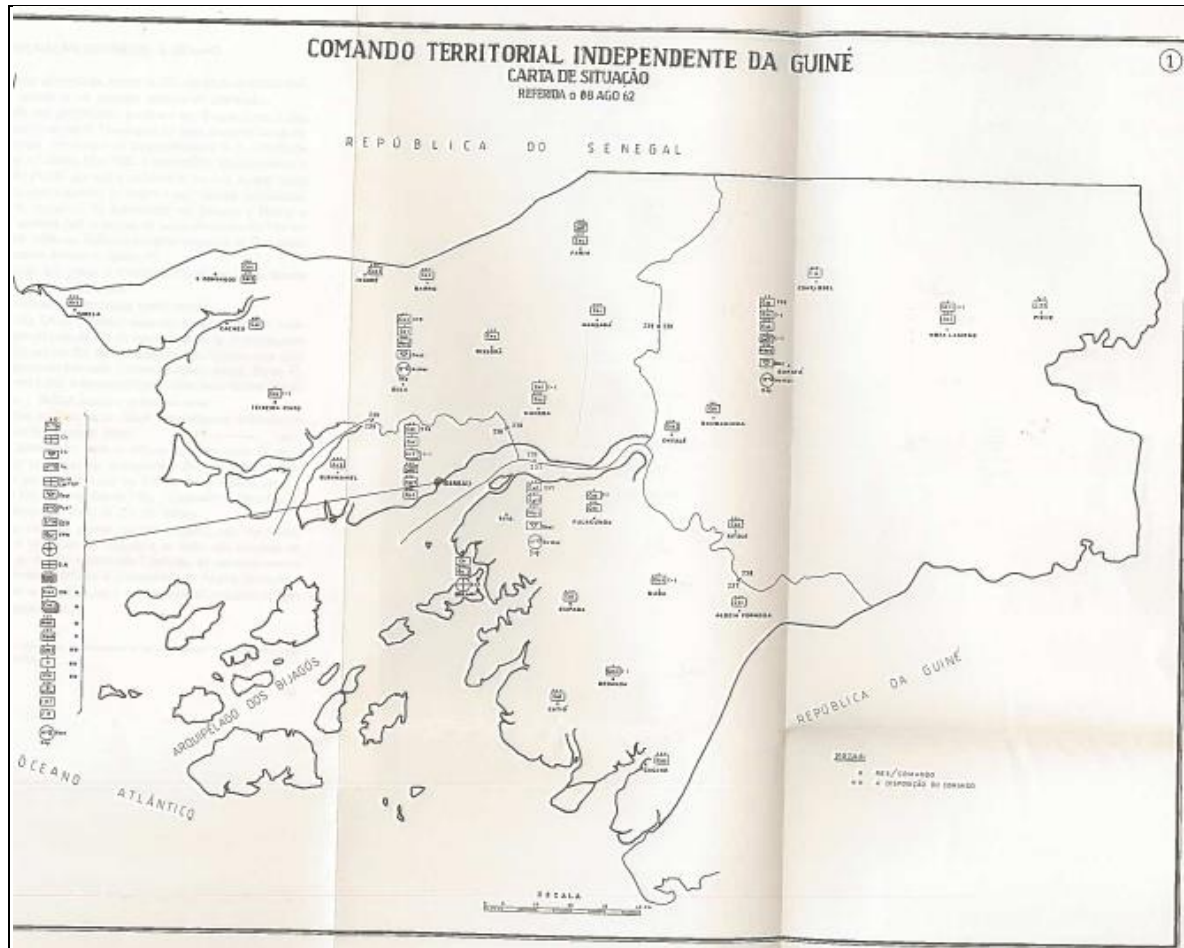


Figura 52 – Dispositivo operacional da Guiné em 1962

Fonte: CECA (1989b, p.63)

Anexo G

Dispositivo operacional da Guiné em 1968

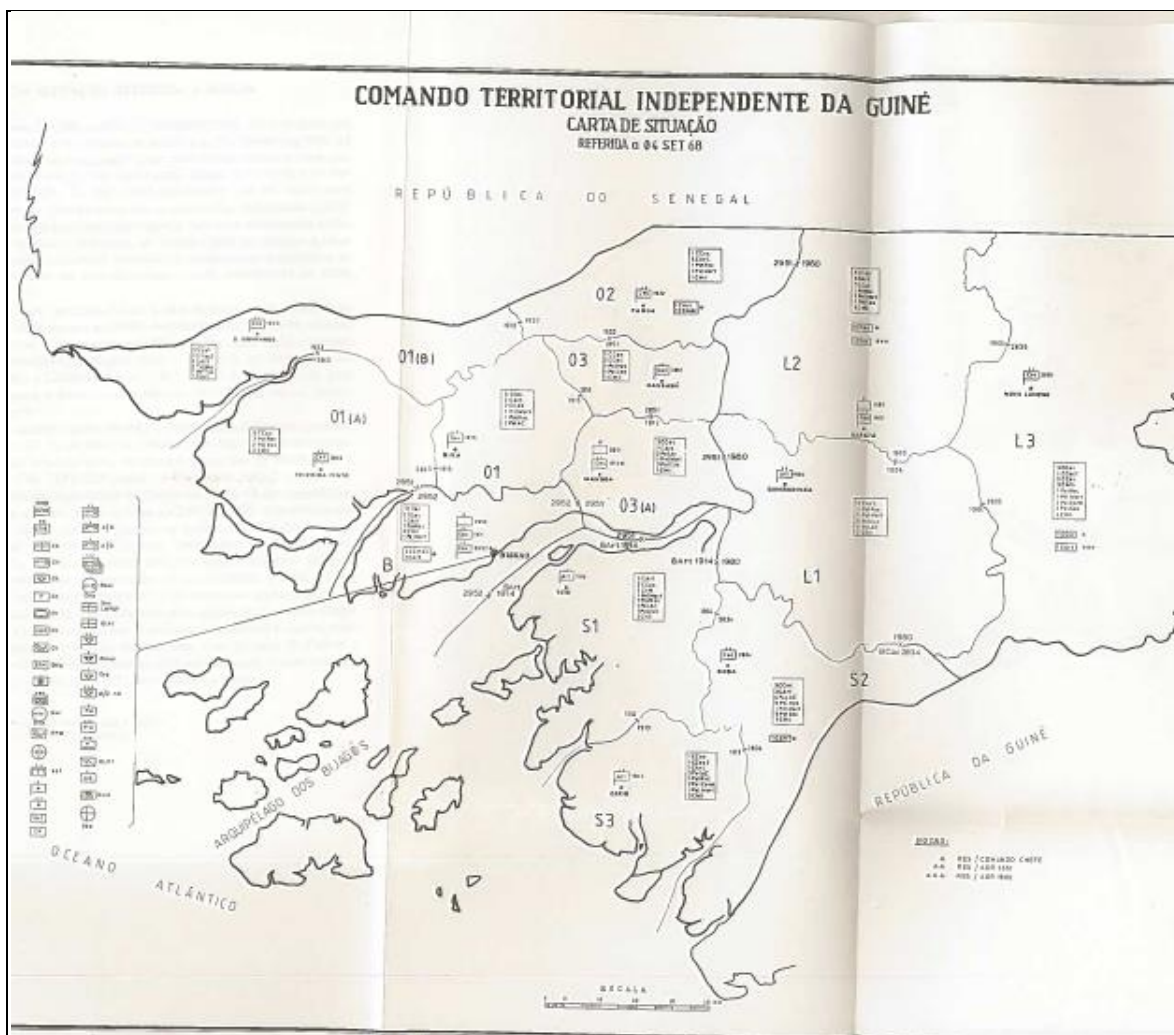


Figura 53 – Dispositivo operacional da Guiné em 1968

Fonte: CECA (1989b, p.85)

Anexo H

Dispositivo operacional da Guiné em 1974

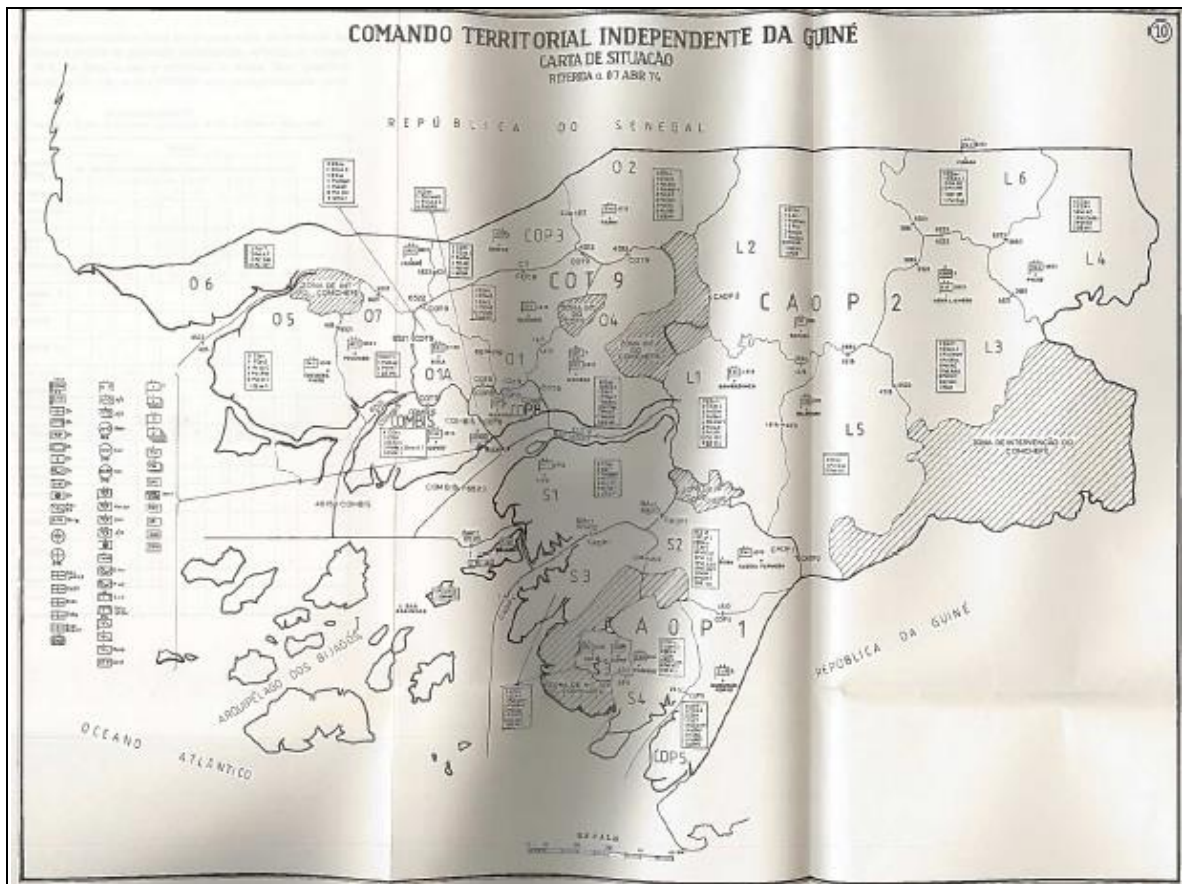


Figura 54 – Dispositivo operacional da Guiné em 1974

Fonte: CECA (1989b, p.113)

Anexo K

Dispositivo operacional de Moçambique em 1974

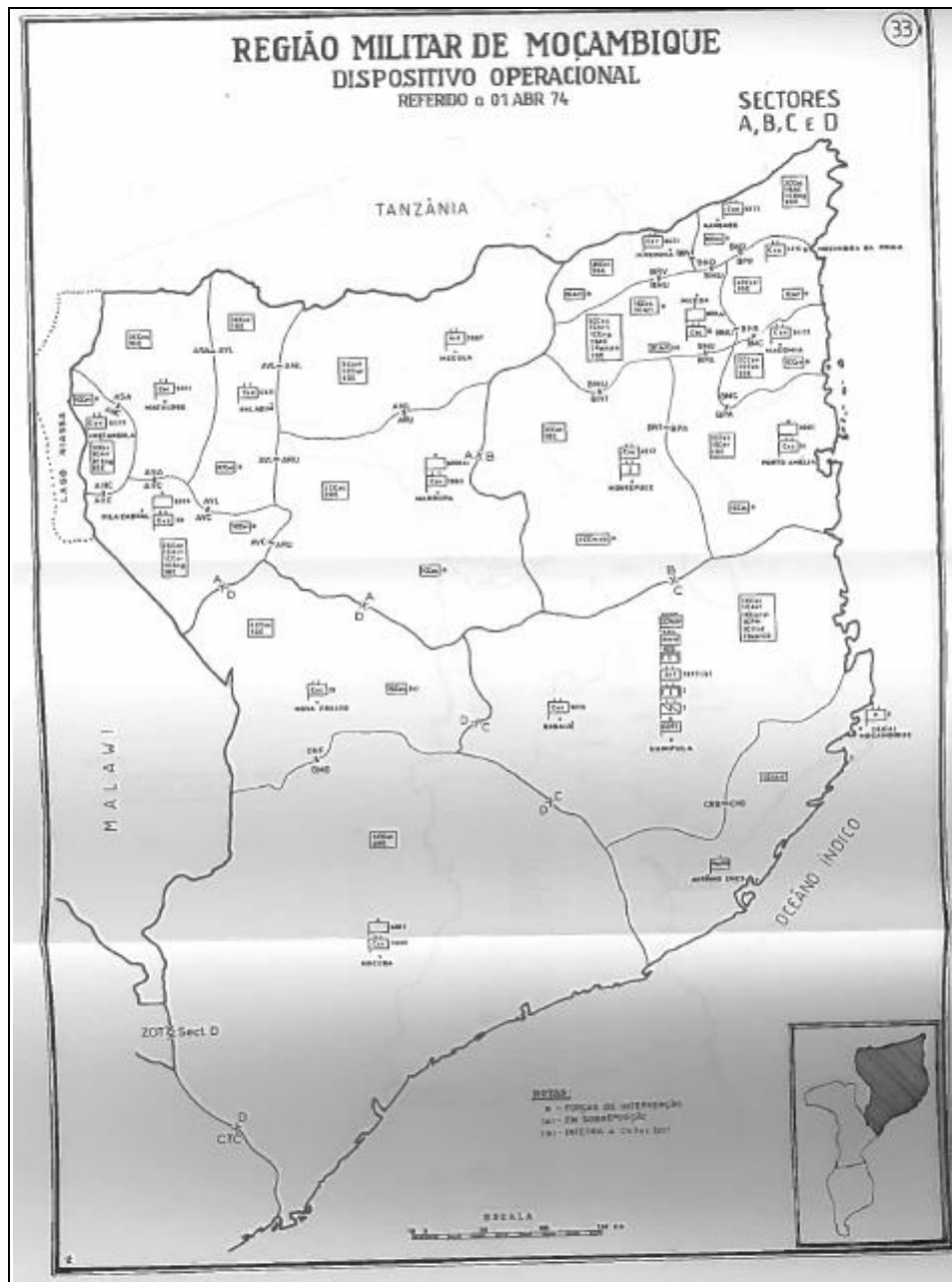


Figura 57 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1974 nos setores A, B, C e D

Fonte: CECA (1989c, p.187)

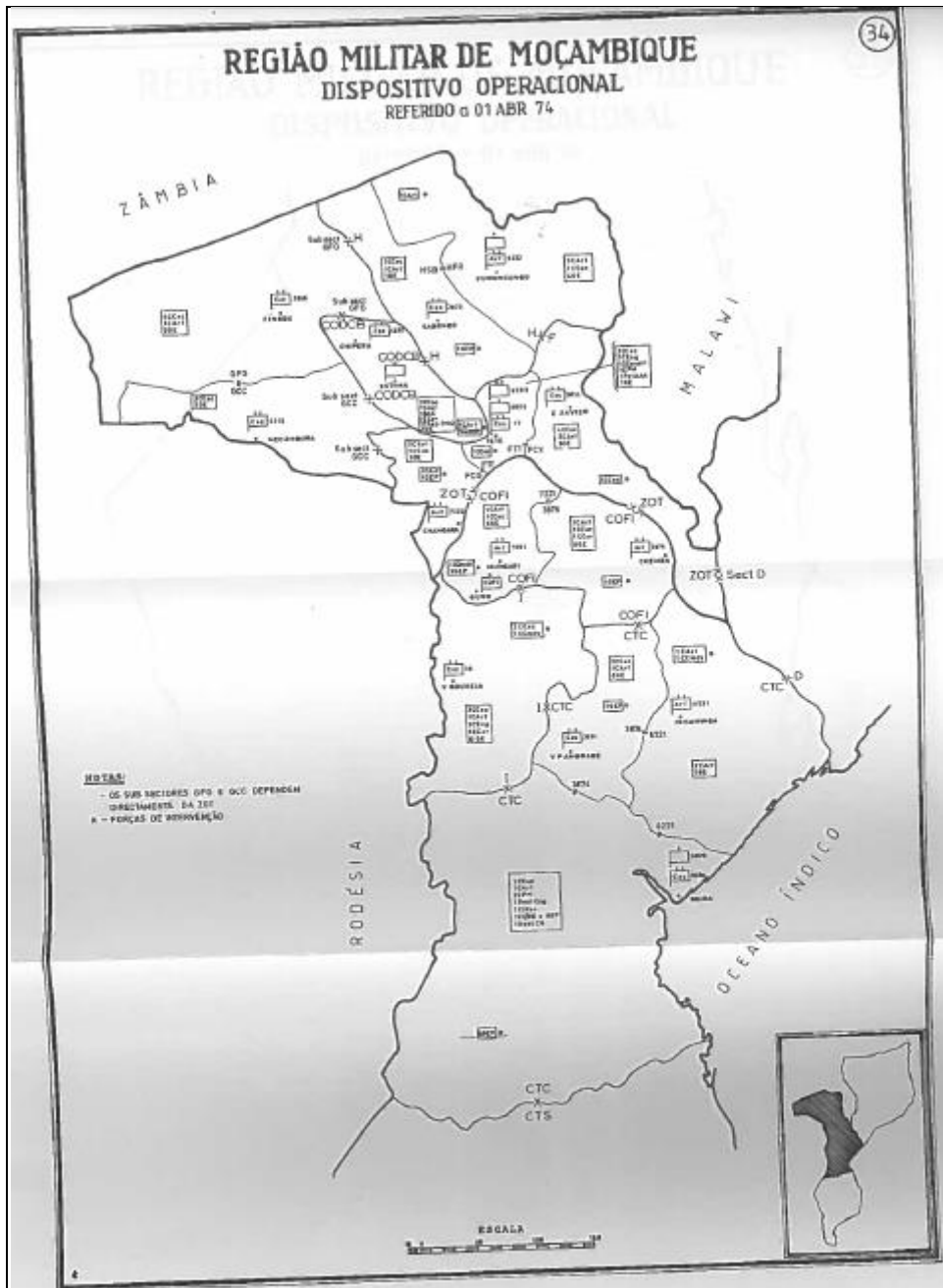


Figura 58 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1974 no CTC

Fonte: CECA (1989c, p.189)

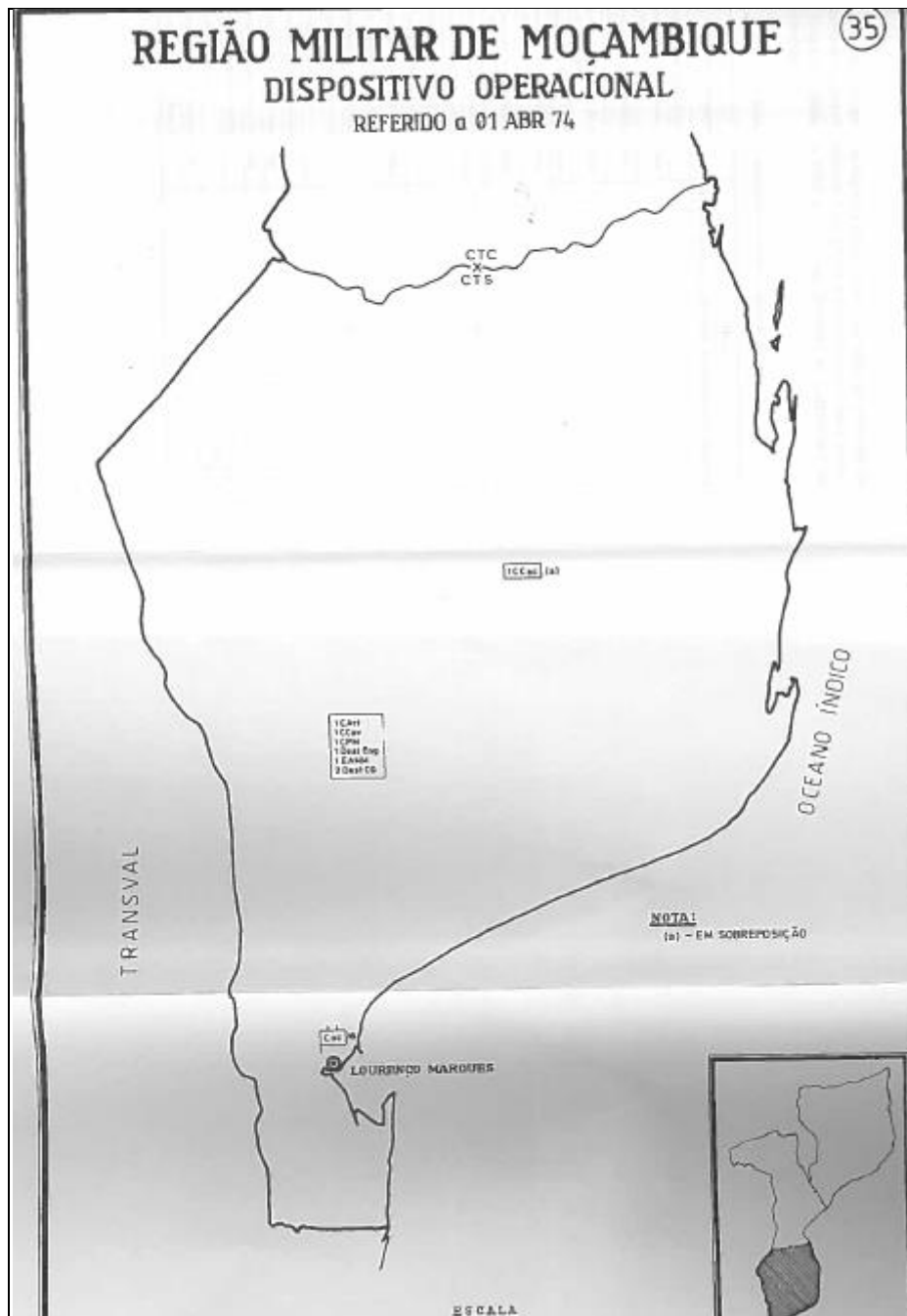


Figura 59 – Dispositivo operacional de Moçambique em 1974 no CTS

Fonte: CECA (1989c, p.191)